



Felipe Perdigão Barbosa

O ciberespaço e a promoção de tensões entre o atual e o virtual na produção distópica do espaço urbano contemporâneo.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da PUC-Rio como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Geografia.

Orientador: Professor Dr. Alvaro Henrique de Souza Ferreira

Rio de Janeiro

Fevereiro de 2025



Felipe Perdigão Barbosa

O ciberespaço e a promoção de tensões entre o atual e o virtual na produção distópica do espaço urbano contemporâneo.

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Geografia. Comissão Examinadora abaixo.

Prof. Dr. Alvaro Henrique de Souza Ferreira

Orientador

Departamento de Geografia da PUC-Rio

Prof. Dr. Elias Lopes de Lima

Departamento de Geociências - Instituto de Ciências Humanas da UFJF

Prof. Dr. Ernesto Gomes Imbroisi

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio

Prof. Dr. Gustavo Godinho Benedito

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio.

Profª. Drª. Regina Helena Tunes

Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ

Rio de Janeiro, 25 de fevereiro de 2025

Felipe Perdigão Barbosa

Possui graduação (2007) em Geografia e Análise Ambiental pelo Centro Universitário de Belo Horizonte (UNI-BH) e mestrado (2017) em Geografia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Atualmente leciona Geografia na rede estadual de educação do Estado de Minas Gerais, Colégio Equipe e Santa Marcelina.

Ficha Catalográfica

Barbosa, Felipe Perdigão

O ciberespaço e a promoção de tensões entre o atual e o virtual na produção distópica do espaço urbano contemporâneo / Felipe Perdigão Barbosa ; orientador: Alvaro Henrique de Souza Ferreira. – 2025.

144 f. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Geografia e Meio Ambiente, 2025.

Inclui bibliografia

1. Geografia e Meio Ambiente – Teses. 2. Ciberespaço. 3. Produção do espaço. 4. Vida cotidiana. 5. Prefigurar. 6. Distopia e cidades inteligentes. I. Ferreira, Alvaro Henrique de Souza. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Geografia e Meio Ambiente. III. Título.

CDD: 910

À Lisiane, Pedro e Alice por todo amor, compreensão e afeto em decorrência de muitas ausências, falta de humor e, por vezes, desalento. Obrigado por serem luz no caminho!

Agradecimentos

O trabalho que aqui se apresenta só foi possível a partir do apoio fornecido pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio, que se deu não somente pela cessão da bolsa de estudos para o doutoramento, mas também a partir de todo o seu aparato institucional e intelectual que contribuiu de forma determinante para a minha formação discente e enquanto pesquisador.

De início é relevante ressaltar que minha construção enquanto pesquisador se deu a partir de vários encontros e desencontros, que por sua vez, forneceram um importante cabedal teórico-metodológico através do compartilhamento de múltiplas experiências e estórias-até-então-construídas, como nos diz a saudosa geógrafa britânica Doreen Massey. Dentre tantos encontros, surge um determinante, que se deu ainda nas aspirações para a realização do mestrado. Me refiro ao excelente e generoso professor e pesquisador Leonardo Carneiro (ou apenas Léo, como tantos amigos o chamavam), que me abriu as portas da Universidade Federal de Juiz de Fora. Este, em especial, foi como um bastião de luz para meu retorno à universidade depois de tanto tempo ausente. Infelizmente, em decorrência das coisas da vida, Léo não está fisicamente conosco, mas sua memória, textos, e dedicação estão sempre presentes na minha vida e na de tantos outros. Muito provavelmente, sem a contribuição de meu amigo, não teria eu concluído esta importante etapa enquanto pesquisador e professor.

Ainda em menção à minha estada na UFJF, cabe destacar a parceria e amizade de Elias Lopes de Lima, orientador tão importante na construção da dissertação e também na minha jornada até aqui. Elias, que se tornou uma inspiração constante, me dizia com frequência que é preciso “mergulhar”, ou seja, é necessário pesquisar com afinco e se dedicar. Segundo Elias, o acúmulo é importante! Elias Lopes, mesmo com toda sua grandeza enquanto pesquisador, é um ser humano ímpar, guiado pela constante necessidade de luta contra as indignidades da vida.

Ainda em menção aos meus tempos de mestrando na Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, agradeço imensamente a inspiração constante de Clarice Cassab Torres, uma teórica excepcional que me apresentou tão lindamente as articulações entre a Geografia e outros saberes.

No doutorado, já na Puc-Rio, tive o prazer de conhecer pesquisadores incríveis que compõem a luta cotidiana contra as mazelas da vida, a partir dos encontros e estudos do NEPEM (Núcleo de Estudos e Pesquisa em Espaço e Metropolização). Mesmo à distância, aprendi muito com o grupo que, além de exímios pesquisadores, são amigos que compartilham a construção do conhecimento enquanto um verdadeiro comum. Meu carinho e agradecimento a todos os membros do grupo é enorme e com certeza não caberia neste texto. Gustavo, Fred, Felipinho, Felipe Rodrigues, Ernesto, Bárbara, Cícero, Laura, Júlia Rezende, André, Horácio, Alex, Anderson, Bruna, Julia Rossi, Julia Caminha, Luma, Lara, Lilian, Sabrina, Rodolfo e Vitória, muito obrigado por todas as inspirações e gentilezas.

Na PUC-Rio, essa revigorante universidade situada na antiga capital nacional, tive o prazer de ser aluno de Regina Célia de Matos, uma professora que busca a excelência através de uma dedicação sem igual a seus alunos e orientandos. Regina, em nossos diálogos pude me inspirar muito em temas que hoje se tornaram caros à minha pesquisa.

Ao Alvaro Ferreira, meu orientador e hoje amigo, dedico toda a admiração que um estudante pode ter por um professor. Este, a partir de seus nexos aglutinadores (expressão frequentemente utilizada pelo mesmo), demonstra que a busca por um mundo melhor é uma luta cotidiana, enredada por táticas e ações que caminham sempre em favor da vida comunitária e do bem comum. Do que valeria a vida sem a utopia!

Ainda em tempo, retomando o caminho teórico da tese, volto ao início da minha jornada pessoal e comunitária dando sinceros agradecimentos à professora Virgínia Palhares que, ainda na graduação, me mostrou que o impossível um dia poderia ser tornar possível.

Por fim, seria impossível terminar essa passagem da tese sem agradecer à minha família. Minha mãe Isabel e minha irmã Maria Luiza o meu muito obrigado. Minha amada Lisiane, não tenho palavras para agradecer tudo o que fez e faz por mim. Se esta pesquisa existe, em grande parte foi por sua dedicação e amor! Meus filhos Pedro e a pequena Alice (já não tão pequena assim), vocês me inspiram a ser sempre uma pessoa melhor. Vamos juntos construir um mundo mais digno e repleto de amor, onde o horror do fascismo e toda brutalidade esteja distante e leve consigo toda a crueldade capitalista.

“O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001”.

Resumo

Barbosa, Felipe Perdigão; Ferreira, Alvaro Henrique de Souza. **O ciberespaço e a promoção de tensões entre o atual e o virtual na produção distópica do espaço urbano contemporâneo.** Rio de Janeiro, 2025. Tese de Doutorado – Defesa, Departamento de Geografia e Meio Ambiente da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A vida cotidiana, na contemporaneidade, está cada vez mais atrelada às dinâmicas temporais e produtivas do ciberespaço. Tal fato, implica em diferentes contextos sociais que, por sua vez, reverberam na produção espacial, denotando a existência de diferentes espacialidades ancoradas na imbricação do ciberespaço ao espaço dito real. O mito da tecnologia e a distopia criada em torno dela, a qual se funda na mística de que esta seria, por si só, a responsável pelo desenvolvimento social e urbano, criou perigosas narrativas que se fortalecem em cidades inteligentes. Entretanto, o fortalecimento da utopia frente às urgências cotidianas cria, para esse ser em travessia, multifacetado hipertextualmente, a condição de prefigurar futuros outros, guiados pela esperança em meio à vida que insiste em resistir em um espaço cada vez mais hibridizado.

Palavras-chave

Ciberespaço; produção do espaço; vida cotidiana; prefigurar; distopia e cidades inteligentes.

Abstract

Barbosa, Felipe Perdigão; Ferreira, Alvaro Henrique de Souza. (advisor) **Cyberspace and the promotion of tensions between the actual and the virtual in the dystopian production of contemporary urban space.** Rio de Janeiro, 2025. Doctoral Thesis - Defense, Department of Geography and Environment of the Catholic University of Rio de Janeiro.

Daily life, in contemporary times, is increasingly linked to the temporal and productive dynamics of cyberspace. This fact implies different social contexts, which in turn, reverberate in spatial production, denoting the existence of different spatialities anchored in the imbrication of cyberspace in the so-called real space. The myth of technology and the dystopia created around it-rooted in the mystique that it alone would be responsible for social and urban development have fostered dangerous narratives that gain strength in smart cities. However, the strengthening of utopia in the face of daily urgencies creates, for this being in transition, multifaceted and hypertextual, the condition to prefigure alternative futures, guided by hope amidst life that persists in resisting within an increasingly hybridized space.

Keywords

Cyberspace; production of space; everyday life; prefigure; dystopia and smart cities.

Sumário

| | |
|---|-----|
| Introdução: A Geografia ciberespacial e seus fluxos, meandros e desconexões | 12 |
| Capítulo 1. O ciberespaço e a cidade: a produção distópica do espaço urbano | 26 |
| Capítulo 2. Entre o atual e o virtual: a cotidianidade do <i>homo digitalis</i> , sua geograficidade e temporalidade..... | 54 |
| Capítulo 3. O <i>homo digitalis</i> caminha em cidades inteligentes? Quando a distopia se faz presente | 89 |
| Capítulo 4. Do mito da cidade digital à promoção da cidade comunal: abertura, possibilidades e negação | 112 |
| Conclusão. Do ser digital ao ser humano | 136 |
| Referências Bibliográficas | 139 |

Lista de Figuras

| | |
|--|-----|
| Figura 01: Imagem que apresenta o <i>game Earth 2</i> | 42 |
| Figura 02: Quem se apodera dos espaços virtuais do <i>game Earth 2</i> ? | 45 |
| Figura 03: Aquisição de cotas do Mercado Central de Belo Horizonte a partir do <i>game Earth 2</i> | 46 |
| Figura 04: Valorização e deflação dos terrenos no <i>Earth 2</i> | 47 |
| Figura 05: Interação entre realidade virtual e aumentada e sua projeção espacial | 62 |
| Figura 06: A relação entre o Neuromancer Apple Vision Pró | 65 |
| Figura 07: Os <i>apps</i> e sua representação no real | 66 |
| Figura 08: Número de assinantes de Internet Banda Larga no Mundo | 74 |
| Figura 09: Usuários de Internet a cada 100 habitantes | 75 |
| Figura 10: Plano de Mobilidade Urbana 2025 – 2030 da cidade de Barcelona | 129 |
| Figura 11: Área de cadastro de iniciativas populares na Plataforma Decidim.Barcelona | 131 |

Lista de Siglas

TIC - Tecnologias da Informação e Comunicação.

I.A – Inteligência Artificial

CLT - Consolidação das Leis Trabalhistas.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

BREXIT - *Britain Exit*.

Introdução: A Geografia ciberespacial e seus fluxos, meandros e desconexões.

A grade do espaço, inclusive nas simplificações analíticas e racionalistas (industriais e urbanas), foi sempre uma rede (LEFEBVRE, 1969, p.35).

Na contemporaneidade é relevante considerar a relação existente entre o espaço e o ciberespaço. Nesse sentido, é possível verificar que as sucessivas “revoluções tecnológicas” potencializaram, ao longo da história, não apenas mudanças de caráter técnico, que se amparam na aceleração e potencialização de processos relacionados à produção de mercadorias, mas também novas temporalidades, que, por sua vez, possibilitam novos sentidos de ser. De certa maneira, entre as fronteiras do real (ou melhor, do atual) e do virtual, *o homo digitalis*¹ apresenta uma estrutura de vida guiada por novas relações sociais tecidas nos limites entre o espaço e o ciberespaço, que denotam novas geografidades. Dessa maneira, levar em consideração as tensões experienciadas entre a virtualidade e atualidade é importante para o entendimento da vida cotidiana atual, bem como para a compreensão da própria produção do espaço², que traz consigo nuances da sociedade envolvida em sua própria concepção.

O ciberespaço, cada dia mais popularizado e vivenciado no cotidiano da sociedade, além de promover significativas mudanças em hábitos, costumes e vivências humanas, também impacta diretamente na produção do espaço urbano, haja vista que o espaço, em certa medida, absorve características cada vez mais

¹ É importante destacar que nas últimas décadas, em decorrência da crescente relação entre o ciberespaço e espaço e nossa imersão cotidiana ao mundo digital, considera-se que o ser humano, ou o *homo sapiens*, vem se tornando um ser cada vez mais digital, originando uma mudança de seu caráter ontológico. Assim, a expressão *homo digitalis* responde a essa mudança societária e ontológica na formação do ser contemporâneo.

² Utilizamos aqui a expressão espaço em detrimento de espaço geográfico. Mesmo compreendendo que diferentes autores e teóricos da Geografia utilizam-se da expressão, toma-se nota que em nossa compreensão não existe um espaço geográfico *a priori*, mas um olhar acerca do espaço a partir da Geografia.

imanescentes à lógica ciberespacial. Dessa maneira, torna-se cada vez mais comum a importação de modelos de “gestão urbana” calcados na massificação de conceitos como o de cidades inteligentes, sustentáveis etc. Assim, ao que parece, o ciberespaço estaria contribuindo para a promoção de uma cidade cada vez mais funcional, ao menos em tese, voltada para a promoção do fluxo e utilização de diferentes aplicativos e serviços ciberespaciais no cotidiano humano. Contudo, a despeito do que se comunica, tais aplicativos, por mais funcionais que possam parecer, trazem consigo também o culto ao precariado, haja vista a fragilidade das relações que se constroem em diferentes âmbitos e contextos da cotidianidade a partir da fragilidade das conexões, ou melhor, das desconexões ao ciberespaço.

Portanto, cabe à Geografia, enquanto ciência, desvelar alguns dos processos envolvidos na produção espacial e na tessitura das relações sociais associadas ao momento no qual vivemos. Nesse sentido, torna-se importante pensar em uma certa “Geografia ciberespacial”, que dê conta de abarcar análises acerca das dinâmicas provenientes da relação entre espaço e ciberespaço, sobretudo ao que se refere à produção do espaço urbano e suas nuances contemporâneas. Partindo desse viés, ao analisar criticamente tal relação, torna-se possível refletir sobre os reais impactos atrelados à essa lógica urbana, que promove em grande medida, o desencontro e as desconexões a partir de interesses claramente estipulados pelo capital. Já não é novidade (inclusive faz-se notar em diferentes momentos da história) a necessidade de readequações nos tecidos urbanos para facilitar e/ou ajustar a circulação, a produção e a reprodução do capital.

Diante do contexto brevemente apresentado anteriormente, se torna importante compreender os impactos e tensões provenientes da relação entre espaço e ciberespaço. Dessa maneira, com intuito de tecer investigações sobre o tema, define-se que o objetivo desta tese é analisar os processos de produção “virtual” do espaço urbano na atualidade a partir da relação existente entre ciberespaço e espaço e a promoção de distopias em diferentes situações cotidianas. Nesse sentido, deriva a tese de que o ciberespaço, na contemporaneidade, vem influenciando de forma significativa na produção espacial, sobretudo no que condiz a uma produção distópica do espaço. Entretanto, mesmo considerando a inevitabilidade da existência do ciberespaço e as distopias envoltas ao uso tecnologia, destacamos que há ainda, de certa maneira, uma tensão latente entre distopia e utopia

De certo, quando consideramos o ciberespaço em sua potência, há a possibilidade de abertura de janelas de esperança frente a desesperança. Dessa maneira, ao considerar a utopia enquanto um constante processo de maturação de uma sociedade outra, observa-se que as tecnologias envoltas ao ciberespaço que, promovem a distopia, podem ser importantes caminhos para o fortalecimento da ciberdemocracia e a promoção da dignidade humana.

A cada momento, sobretudo se considerarmos as dinâmicas sociais próprias do cotidiano, torna-se mais complexa a separação entre o virtual e o real, reverberando em distopias de toda sorte, que se expressam e se ancoram no espaço dito real³. Na verdade, como veremos ao longo desta pesquisa, tomaremos o caminho antes trilhado por Lévy (2017, p.15), o qual aponta que “[...] o virtual não se opõe ao real, mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes”. A concepção adotada se fortifica pela análise das características atuais do ciberespaço, em que há imersões em ambientes virtuais arquitetados com o intuito de efetivar sensações e sentidos “reais” a partir das múltiplas experiências e vivências possibilitadas pelo acesso contínuo à *internet*, sobretudo no que se refere ao uso de distintas redes sociais e plataformas imersivas.

A partir das considerações realizadas pelo autor mencionado anteriormente, defendemos que um ponto de partida importante neste trabalho será a simultaneidade de tempos (atualidades) e espaços que se engendram a partir do ciberespaço, compondo diferentes cenários da vida cotidiana, que, por sua vez, se emaranham entre as tensões oriundas da relação entre o virtual e o atual, reverberando na produção espacial.

Desse modo, partindo da premissa até então colocada, é fundamental compreender que a essência da virtualidade já se faz presente na história humana

³ De fato, a definição do que é real é extremamente complexa, a julgar pelos inúmeros processos de alienação que invadem a cotidianidade de diferentes indivíduos e grupos sociais. Inclusive, um ponto que se fará presente nesta tese, está atrelado ao entendimento das diferentes urgências e utopias que invadem o espaço e a vida cotidiana, caracterizando distintas opressões, mas, também, possibilidades de superação do *status quo* construído, difundido e mantido pela lógica de (re)produção do capital. Outro ponto relevante à conceitualização do real, no contexto no qual esta tese se insere, é a diversidade de conjecturas e momentos nos quais a dita realidade encontra o plano virtual. Há, de certa maneira, um “embaralhamento” de temporalidades, que se aproximam, se afastam e se sobrepõem na cultura social do ciberespaço.

antes mesmo da existência da *internet*, das redes sociais ou até mesmo do ciberespaço⁴. Assim, o “ato” de virtualizar-se em um constante devir já é próprio da humanidade, que se “desenvolve” em uma cotidianidade pautada na relação dialética existente entre o agora (atual) e o vir-a-ser (virtual). Entretanto, o estabelecimento e a constituição de diferentes redes, mediadas hoje pelo uso intensivo de técnicas, equipamentos eletrônicos e diferentes tecnologias de informação e comunicação, potencializaram a virtualização nesse constante movimento do atual ao porvir, ou seja, do atual à virtualidade.

Para melhor elucidação do exposto, sobretudo quando consideradas as especificidades das relações compreendidas a partir das interações e tensões entre atual e virtual, mediadas pelo ciberespaço, tomou-se como inspiração o método de análise desenvolvido por Ferreira (2019). Tal estrutura analítica, pautada na tríade composta pelos conceitos de substrução, materialização e projeção é essencial para o entendimento dos mecanismos envoltos à produção do espaço na contemporaneidade.

Ainda em diálogo com o autor mencionado anteriormente, torna-se importante compreender a importância de cada elemento que compõe as análises possibilitadas pela compreensão da tríade analítica defendida por esse autor. Nesse sentido, é fundante refletir sobre a importância conceitual de cada termo, em que a materialização seria na verdade o que está presente na atualidade, ou seja, o que se apresenta no espaço aos nossos olhos a partir de diferentes construções sociais e espaciais engendradas ao longo do tempo. É importante considerar, ainda em menção à materialização, que esta não se finda em si mesma, sendo as formas espaciais então apresentadas, mecanismos que respondem a diversas conjecturas, futuras ou passadas, as quais fazem *links*⁵ importantes com a substrução e a projeção.

Outro importante elemento da tríade conceitual se estrutura a partir da lógica da substrução, a qual estabelece as bases que substanciam a materialidade presente

⁴ Tomamos como pressuposto a utilização da expressão em Língua Portuguesa, renunciando a seu vocábulo em inglês, *Cyberspace*.

⁵ Ao longo da tese, buscou-se estabelecer o incremento de verbetes e/ou expressões que estão presentes tanto no ciberespaço quanto no “real”. Estas expressões estão, na atualidade, inseridas de tal maneira em nosso cotidiano, que torna-se cada dia mais complexo identificar sua originalidade.

na atualidade. Dessa forma, o que se apresenta no espaço seria o resultado do acúmulo de intencionalidades passadas, que, por sua vez, trazem consigo heranças sociais, econômicas, históricas, técnicas e políticas que se “cristalizaram” em um determinado momento, o qual chamamos de atual⁶. Reitera-se, em mais uma oportunidade, que os termos presentes na tríade conceitual estão imbricados no tempo e espaço, haja vista que durante a substrução havia de fato projetos e visões de mundo que mediavam interações e reações entre diversos atores e cenários. Por fim, a projeção caracteriza-se pela possibilidade de abertura ao novo, ou seja, o porvir, o mundo possível. Assim como ocorre na substrução, a projeção carrega consigo heranças históricas e multiescalares. Nesse sentido, compreende-se que o futuro está sempre em potência, podendo ser construído a partir de inúmeras prospecções e projetos, que por sua vez, podem ser reacionários, conservadores ou revolucionários. Aqui, defendemos a possibilidade de construção de um futuro outro, fundamentado em visões de mundo que valorizem a associação de indivíduos a partir da junção de habilidades múltiplas⁷, reforçando a lógica da sociedade comunal em detrimento do individualismo social exacerbado pelo capitalismo.

Em tal contexto a substrução ainda comporia a essência do “passado”, ou seja, o que foi real em determinado instante, mediado por diferentes intencionalidades e/ou projetos de sociedade, ou como nos aponta Massey (2008), a junção das histórias até então construídas. De fato, a substrução carrega consigo uma forte análise da historicidade, tendo em vista a necessidade de investigação da evolução histórica da sociedade, por consequência materialista, e que possibilitou a construção das formas e processos hoje existentes, bem como das relações, interações e reações que deram sustentação àquilo que se apresenta atualmente materializado.

De certo, ao considerarmos os movimentos que tencionam e relacionam as diferentes temporalidades engendradas na tríade conceitual apresentada e defendida por Ferreira (2019), há de se ater ao fato de cada elemento, contém em si mesmo, de uma forma dialética, relações diretas entre passado, presente e futuro. Assim,

⁶ Vale lembrar que em mais uma oportunidade trazemos à tona os pressupostos de Lévy (2017).

⁷ Fazemos clara alusão ao trabalho de Pogrebinski (2009), a qual ao analisar o enigma do político, apresenta que a vida comunal, em grande medida, se ampara na associação livre de diferentes habilidades que, em união, se complementam e colaboram para o desenvolvimento da sociedade.

mesmo na substrução, que carrega consigo essências do passado, como descrito anteriormente, projeta o futuro, tencionando possíveis presentes. Dessa forma, ao analisar os fatos e obras que compõem a história humana, tende-se que o atual, o virtual e o passado, se emaranham em um constante movimento de recrudescimento e projeção.

É de extrema relevância considerar que a instantaneidade de singularidades e momentos, que marcam a contemporaneidade urbana, estabelece uma tensão dialética entre a atualidade e virtualidade, que por sua vez, se articulam e se negam em um constante devir. Dessa maneira, defende-se que a utilização dessa tríade analítica é fundamental para a pesquisa, tendo em vista que o objeto de investigação desta tese se funda na relação existente entre o ciberespaço e as novas dinâmicas de produção do espaço urbano, bem como as distopias que se fundamentam a partir de tal relação, em que a virtualidade apresenta novas situações de alienação e exclusão social, fundamentadas por diferentes formas de expropriações.

De fato, a imbricação constante entre substrução, materialização e projeção se torna mais complexa quando levamos em conta a interação entre o atual e o virtual e seus impactos diretos e indiretos na produção espacial. Nesse sentido, é importante questionar como o ciberespaço, vivenciado de forma tão proeminente pela sociedade contemporânea, pode influenciar a produção do espaço dito real a partir da virtualidade.

Dessa maneira, é essencial estabelecer uma metodologia de trabalho, aliada ao método que substancia esta tese, que possa fornecer um caminho coerente de investigação. Portanto, define-se que os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa estarão diretamente atrelados ao próprio ciberespaço e suas dinâmicas. Nesse sentido, além da revisão bibliográfica e o desenvolvimento teórico propostos nesta tese, a dinâmica de trabalho que aqui se apresenta, se funda em uma imersão ciberespacial, em que a investigação de aplicativos e plataformas possibilitam tanto o simulacro da vida cotidiana, quanto a produção virtual do espaço, a cultura urbana da virtualidade e a promoção de distopias de toda sorte. Assim, a metodologia de trabalho prospectada se torna um importante caminho para o entendimento dos meandros existentes entre a virtualidade e a atualidade, bem como a reverberação dos impactos dessa relação na produção virtual do espaço.

Reitera-se, em mais uma oportunidade, que o método de análise elencado para o desenvolvimento da tese que aqui se segue, evidentemente não é uma resposta absoluta a todos os questionamentos e reflexões presentes neste trabalho. Contudo, apresenta-se como um caminho analítico para a compreensão das particularidades da relação entre espaço e ciberespaço na atualidade, sobretudo quando levamos em conta as constantes inovações técnicas que se apresentam para a sociedade em sua cotidianidade.

É importante considerar que tal análise, sobretudo quando se considera o impacto da técnica na produção do espaço, por si só, não se apresenta como uma novidade teórica. Nesse sentido, o geógrafo brasileiro Milton Santos (2008), em seu livro intitulado “*A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*”, já apontava a importância da técnica e até mesmo do desenvolvimento tecnológico nos processos envolvidos à produção do espaço. Assim, o referido geógrafo enfatizava a importância da análise da intencionalidade projetada tanto nos objetos técnicos quanto nas ações que se complementam no jogo da produção espacial. Ao considerar a própria técnica como um meio, o geógrafo supracitado abria campo para o estudo da influência exercida pela técnica, bem como das inovações tecnológicas na produção espacial.

A partir de constantes inovações técnicas e tecnológicas, o capitalismo despendeu grande energia na promoção de um certo tipo de “aceleração do tempo” a partir do “encurtamento das distâncias”, sobretudo no que se refere ao rompimento das barreiras físicas que dificultaram e dificultam a circulação do capital. Dessa forma, as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) foram fundamentais para o que chamamos de acumulação flexível de capital e até mesmo de globalização. Evidentemente, a potencialização dos fluxos e de redes informacionais tornaram-se essenciais para o processo globalizador que se fortificou a partir da Revolução Tecnológica dos anos 1970 do século XX, criando dessa feita a ilusão da “aproximação” dos lugares, sociedades e indivíduos. Ao que parece, se tornou comum no contexto urbano, a exacerbação do sentido de mobilidade frente a lógica dos fixos. O que se estranha é que em meio à promoção do culto à virtualidade e aos fluxos, há uma forte gama de indivíduos que estão imersos na imobilidade, seja na tecnologia, no trânsito das grandes metrópoles ou no acesso aos serviços essenciais à vida urbana.

Muitos teóricos defendem que a partir do referido período histórico, a revolução tecnológica ocorrida na década de 1970 do século XX, a sociedade passou a se conectar através de redes cada vez mais complexas. Nesse sentido, ganha destaque o pensamento de Castells (2020), que defende a hipótese de que vivemos em uma sociedade em rede, mediada pelo acesso constante à informação. Desse modo, para o referido autor, “as novas tecnologias da informação estão integrando o mundo em redes globais de instrumentalidade. A comunicação mediada por computadores gera uma gama enorme de comunidades virtuais”. (Castells, 2020 [1996], p.77).

A prospecção de comunidades virtuais, constituídas no ciberespaço a partir de interações e distintas formas de relacionamento, são permeadas por diferentes sentidos de realidade e respondem a demandas sociais de toda a sorte, distópicas ou não. Desse modo, há uma certa amplificação das potências individuais e/ou coletivas, mediatizadas por alienações em diferentes contextos, tendo em vista as possibilidades de encontro oportunizadas pelas TIC's. Ainda em relação ao pensamento do autor mencionado anteriormente, observa-se que a conjectura contemporânea está a cada momento mais ancorada na necessidade de conectividade constante, o que nos leva a crer em uma certa inevitabilidade de tal processo, no qual

Parece haver uma lógica de excluir os agentes da exclusão, da redefinição dos critérios de valor e significado em um mundo em que há pouco espaço para os não iniciados em computadores, para os grupos que consomem menos e para os territórios não atualizados com a comunicação. Quando a rede desliga o Ser, individual ou coletivo, constrói seu significado sem a referência instrumental global: o processo de desconexão torna-se recíproco após a recusa, pelos excluídos, da lógica unilateral de dominação estrutural e exclusão social. (Castells, 2020 [1996], p.80).

A partir da análise da citação anterior torna-se evidente que a remoção de todo e qualquer obstáculo que impossibilite a conexão constante do indivíduo ao ciberespaço deve ser realizada. Entretanto, a conectividade que se espera, no seio do sistema capitalista, obviamente não está associada à promoção da emancipação humana, mas sim para a exacerbação do consumo. Dessa maneira, observa-se que equipamentos como o *smartphone* têm se tornado o apêndice do corpo humano na contemporaneidade. Tal equipamento, popularizado por um consumo incessante,

permite uma conexão constante ao ciberespaço, mesmo que tal acesso seja precário e até mesmo distópico.

Assim, diante do contexto apresentado até então, define-se mais especificamente que o objeto analítico que compõe esta pesquisa é o ciberespaço e a promoção de tensões entre o atual e o virtual na produção distópica do espaço urbano contemporâneo.

Ainda em relação à construção desta tese, defende-se que por mais que possamos experimentar um mundo repleto de inovações tecnológicas, estamos bem distantes da premissa de viver em uma sociedade em rede, ao menos em uma que permita de fato a conexão de todos a uma arquitetura internacional mediada por computadores. Na verdade, apontamos que a desigualdade se tornou ainda mais latente, considerando o não acesso de muitos à informação, sobretudo em sua instantaneidade. Outro viés que chama atenção, condiz com o fato de na contemporaneidade estarmos em meio a distopias e desconexões em meio a “conectividade”. Com um olhar aguçado é possível perceber, por exemplo, o impacto nefasto causado pela difusão em massa de *fake news* na vida cotidiana.

A Pandemia da COVID-19, que estremeceu o mundo entre os anos de 2020 e 2021 (e em grande medida afeta as diferentes sociedades mundiais de distintas maneiras ainda na atualidade), apresentou um quadro estarrecedor, em que notícias falsas sobre a doença, formas de tratamento e eficácia de medicamentos não comprovados tornou-se ponto comum de discussão social⁸. No Brasil, diante do contexto pandêmico, e em grande parte das nações periféricas do globo, o acesso precarizado à internet, em virtude da difusão em massa de *fake news*, tornou-se mais impactante do que a própria falta de acesso. Tal fato representou a potencialização da segregação social, que se apresenta cada vez mais como um processo de separação das classes sociais no espaço a partir do acesso ou não à tecnologia, que por sua vez, reverbera em diferentes contextos sociais.

⁸ Referimo-nos aqui à utilização do ciberespaço em demasia para o fomento de informações inverídicas sobre a COVID-19 que impactaram diretamente no tratamento de inúmeras pessoas. A “validação” de medicamentos sem eficácia comprovada contra a doença, como a Cloroquina, aguçaram distopias que reverberaram de forma extremamente negativa na sociedade e foram veiculadas em massa até mesmo pelo presidente da república à época.

É importante considerar que o incremento constante de técnicas e tecnologias no espaço estão associadas à construção de um capitalismo cada vez mais informacional e até mesmo digital. Dessa maneira, é importante considerar os pressupostos teóricos apontados por Bauman (2021), nos quais o importante sociólogo e filósofo polonês afirma que as alterações no modo de produção capitalista repercutem de forma significativa nas dinâmicas sociais e, por consequência, na própria vida cotidiana. Assim, a acumulação flexível de capital acabou por fragilizar as relações sociais e a própria sociabilidade, criando o que o autor chamou de modernidade líquida.

De fato, se considerarmos a evolução das TICs, sobretudo ao longo das últimas duas décadas, se torna possível perceber, de forma cada vez mais contundente, a promoção de uma lógica calcada no fortalecimento da instantaneidade de tempos e até mesmo de espaços, que, por sua vez, possibilitam uma grande transformação nas relações sociais. Tal contexto, já expresso no dito “real”, se amplifica de maneira ainda mais proeminente no ciberespaço, sobretudo nas relações criadas a partir da interação entre os indivíduos em diferentes redes sociais. Desse modo, há um fortalecimento da narrativa fundada na concepção do individualismo em detrimento da comunidade, a qual se reforça no cotidiano contemporâneo através de distintas conjecturas.

A vida cotidiana, bem como a própria produção espacial na atualidade, está cada vez mais imbricada ao ciberespaço e à sua lógica de multiplicidade de tempos e espaços, que ancorado em uma série de inovações incrementais⁹, leva o indivíduo a experimentar sentidos de presença em diferentes formas de ausência, que se projetam na tessitura das relações sociais contemporâneas.

Corroborando com o exposto acima, ratificamos a importância dos pressupostos teóricos postulados por Lefebvre (1983), que apontava a necessidade de se considerar o fato de estarmos sujeitos, ao longo de nossa cotidianidade, a vivenciarmos diferentes sentidos de presença e ausência, que se fortalecem através das mais diferentes formas de representação. De fato, ao longo de nossa existência, assumimos representações diversas a partir da construção de múltiplas *personas*.

⁹ Utilizamos aqui as concepções de inovações incrementais desenvolvidas pela professora e pesquisadora Regina Tunes, em seu livro intitulado *Geografia da Inovação: Território e inovação no Brasil no século XXI*, publicado no ano de 2020.

Tal pressuposto nunca foi tão atual, sobretudo ao se considerar as relações sociais perpetuadas no e pelo ciberespaço, nas quais indivíduos se fazem presentes virtualmente em redes sociais, metaverso e demais plataformas de acesso ao mundo dito virtual a partir da criação de diferentes *avatares*¹⁰, mas ausentes fisicamente. Dessa maneira, o estar-presente tornou-se ainda mais subjetivo, haja vista as diferentes temporalidades e espacialidades assumidas no ciberespaço.

Construir uma análise geográfica do ciberespaço, mapeando a simultaneidade dos tempos e espaços, como dito anteriormente, constrói importantes caminhos para a compreensão da cotidianidade dos indivíduos na contemporaneidade, bem como possibilita reflexões acerca do papel da Geografia, enquanto ciência, na análise das dinâmicas produtivas da sociedade atual.

Partindo do exposto até então, é possível considerar que na contemporaneidade somos de fato seres que transitam entre o ciberespaço e o espaço, moldando nossa cotidianidade a partir da atualidade e da virtualidade. Tal sentido de ser, como sujeitos virtualizados e materializados, produz tanto o espaço dito real, quanto o espaço virtual. Na verdade, ao considerarmos tal relação, estabelece-se uma tensão dialética entre as diferentes formas de produção espacial na atualidade. Assim, nas cidades, por exemplo, observamos cada vez mais a integração entre as dinâmicas urbanas e os vários aplicativos que compõem a realidade ciberespacial. Dessa maneira, diferentes *apps* como *Uber*, *Ifood*, *Gympass*, *Kumospace*, *Instagram*, *Facebook*, *Tik Tok*, dentre outros, estão inseridos de tal maneira no cotidiano urbano que é quase impossível compreender a contemporaneidade sem essas ferramentas e aplicações.

Mesmo se atendo ao exposto, apesar de estarmos diante de inúmeras possibilidades tecnológicas que se apresentam atualmente na vida cotidiana e que, por consequência, influem na produção espacial, compreende-se que muitos indivíduos estão à parte desse cenário. Assim, na cidade, misturam-se diferentes temporalidades, que por sua vez, permeiam conexões e desconexões, haja vista que

¹⁰ Consideramos que a criação de diferentes formas de interação no ciberespaço, a depender das plataformas a qual nos inserimos e/ou somos inseridos, permite a criação de vários simulacros, inclusive a invenção de distintos perfis sociais e formas de representação, que podem ou não, se materializarem em *avatares*, ou seja, seres corporalmente imersos no plano virtual, criados a partir de nossos perfis e representações. Dessa forma, há novas possibilidades de corporificação do ser no ciberespaço.

nem todos compartilham as “funcionalidades” da cidade tecnológica. Para além disso, entende-se que distopias de toda sorte reverberam por detrás de uma utopia tecnológica.

Com intuito de analisar a relação existente entre o ciberespaço e a cidade na produção distópica do espaço, apresenta-se o primeiro capítulo desta tese, intitulado *O ciberespaço e a cidade: a produção distópica do espaço urbano*. O capítulo em si, se apresenta como essencial à construção da tese, haja vista que por sua estruturação e objetivo, abre o caminho para reflexões acerca da compreensão da tensão dialética existente entre a produção virtual e real do espaço e como esta reverbera na cidade, sobretudo no que tange a promoção de diferentes distopias.

É importante destacar que as reflexões acerca das relações contemporâneas entre o espaço e o ciberespaço e suas fronteiras, traz consigo a necessidade de compreender como os sujeitos transitam entre os limites do atual e do virtual. Assim, define-se que o segundo capítulo desta tese, cujo nome é *Entre o atual e o virtual: a cotidianidade do homo digitalis, sua geograficidade e temporalidade*, cumpre um importante papel, pois tem como objetivo a discussão sobre a formação do dito “cidadão digital”, além de sua geograficidade e suas diferentes maneiras de ser no mundo. Tal análise conduz diretamente à proposição do terceiro capítulo, *O homo digitalis caminha por cidades inteligentes? Quando a distopia se faz presente*, que, por sua vez, possui como objetivo principal a análise das relações humanas tecidas nas “cidades inteligentes”, bem como as contradições que surgem em meio à “informatização do espaço urbano”.

Esta tese, considerando seu método analítico, tende a potencializar análises acerca da substrução e materialização, mas também a projeção. Assim, é essencial projetar futuros outros a partir de uma nova construção utópica de mundo. Nesse sentido, o quarto capítulo da tese, intitulado *Do mito da cidade digital à promoção da cidade comunal: aberturas, possibilidades e negações*, possui o objetivo de discutir a possibilidade de se estabelecer perspectivas futuras que visem à construção de outras “soluções inteligentes” para os problemas urbanos da atualidade, bem como o desenvolvimento de caminhos e utopias que fortaleçam o sentido de comunidade e novas relações sociais que se pautem na promoção da dignidade urbana.

Atualmente, além das desigualdades e injustiças sociais que se manifestam a partir da renda, gênero, raça, sexualidade e acesso aos meios de produção de forma geral, avizinha-se um processo que se funda a partir da falta de acesso ao ciberespaço, que muitas vezes pode se caracterizar até mesmo através de uma inclusão precária aos recursos e possibilidades tecnológicos. Dessa maneira, cabe-nos, como cientistas sociais, defender a existência de um mundo onde a dignidade humana transcenda à necessidade de (re)produção de capital e suas urgências.

1.

O ciberespaço e a cidade: a produção distópica do espaço urbano

O céu sobre o porto tinha a cor de uma televisão sintonizada num canal fora do ar. (Gibson, 1991, p.20).

Na contemporaneidade, para a compreensão da produção espacial urbana, bem como os processos que engendram as dinâmicas da vida cotidiana nas cidades, é imprescindível considerar a análise crítica das relações sociais tecidas na fronteira entre o espaço e o ciberespaço. Dentre as relações construídas, a partir de hipertextos e espaços cada vez mais complexos e midiáticos, observa-se a concepção de diferentes tipos de representações, que se apresentam tanto na atualidade quanto na virtualidade. Estas, por sua vez, estão fortificadas em diferentes distopias, que se revelam a partir de uma leitura ciberespacial das cidades.

A própria conceitualização do ciberespaço nasce na distopia. A obra literária *Neuromancer*, de William Gibson, apresenta que a cultura *cyberpunk*, ainda no ano de 1984 do século XX, já anunciava o prelúdio das interconexões a partir das diferentes redes que compõem a atualidade do século XXI. Na referida obra, Gibson (1991), apresenta o ciberespaço como um ambiente caótico, distópico, controlado até certo ponto por tecnologias baseadas em inteligência artificial, guiadas por conexões múltiplas entre hipertextos, sentidos e finalidades distintas. A narrativa construída pelo autor mencionado, mesmo considerando todas as nuances da ficção científica envoltas ao seu processo de criação, faz alusão a uma dependência social do ciberespaço na atualidade. Esta, por sua vez, pode ser constatada ao levar-se em

conta que o virtual¹¹, enquanto tecnologia, se apresenta como indispensável, tendo sua relação com o atual cada vez mais fortificada.

Ainda em relação à obra do autor supracitado, é possível perceber que o *sprawl*, uma megalópole que abriga os territórios de Boston e Atlanta nos Estados Unidos, é apresentada como um ambiente urbano multifacetado, criado a partir de conexões e desconexões entre o ciberespaço e a realidade, no qual a tecnologia e a Inteligência Artificial (IA) se misturam na composição urbanística da cidade imaginária, denotando uma interação caótica entre o atual e o virtual. Tal interação se intensifica de forma ainda mais proeminente quando se faz menção à *matrix*, espaço ciberespacial no qual Case, o protagonista da história, passa por diferentes imersões, experimentando temporalidades e geografias distintas. De certa maneira, na atualidade, não seríamos descendentes de Case, o *cowboy* ciberespacial da obra literária *Neuromancer*? Não estaríamos nós, trafegando entre o atual e o virtual, ou seja, vivendo na fronteira, sempre no limite? Não assumimos atualmente diferentes representações, permeadas de ausências e presenças? De fato, questionamentos de tal ordem não possuem respostas simples. Contudo, a perspectiva que se coloca nesta tese é justamente a busca por reflexões acerca dos impactos causados pelo ciberespaço na produção contemporânea do espaço.

Nesse viés, DODGE e KITCHIN (2001) defendem que “o ciberespaço, portanto, é um artefato social, pois faz a mediação de uma série de interações sociais e é ele próprio um produto de mediação social¹²” (DODGE e KITCHIN, 2001, p. 26, tradução nossa). De certa maneira, os autores acima mencionados, apresentam uma percepção dialética acerca do ciberespaço, no qual o mesmo, a partir de suas interfaces e conexões, promove diferentes formas de interação social enquanto que, ao mesmo passo, é uma arquitetura concebida a partir de distintas interações sociais.

¹¹ É importante, em mais uma oportunidade, salientar que ao longo desta tese são apresentadas distintas conceitualizações de virtual. Dessa maneira, considera-se a virtualidade enquanto uma forma de projeção humana em um constante *devir*, mas também enquanto um conjunto de tecnologias que se fundem de maneira relacional, concebendo dessa maneira o virtual enquanto uma lógica ciberespacial.

¹² É nossa a responsabilidade pela tradução. Sempre que o fizermos, seguirá em nota de rodapé a versão na língua original.

“Cyberspace, there-fore, is a social artefact as it mediates a series of social interactions and is itself a product of social mediation”.

Compreender o ciberespaço enquanto um artefato social é de extrema relevância na contemporaneidade, haja vista que enquanto tal, projeta e contém intencionalidades diversas, que por sua vez, respondem a diferentes estruturas, pensamentos e ideologias. De certo, ao analisar a história da concepção da própria Internet¹³, que nasce como um projeto militar estadunidense conhecido como ARPANET na década de 1970, é possível considerar que, em grande medida, as intencionalidades que *a priori* estão atreladas ao ciberespaço, direcionam-se para a fortificação de uma nova versão do sistema capitalista, que se apoia na vigilância e na difusão em massa da informação, possibilitando o controle ainda maior de processos e pessoas, se estabelecendo em quase todos os ambientes do planeta.

A partir da discussão até então desenvolvida, torna-se possível perceber que antes mesmo de se tornar realidade, a prospecção de um ambiente que potencializasse conexões contínuas entre indivíduos e diferentes fluxos (de informações, financeiros, culturais etc.) é uma demanda do atual estágio do capitalismo, que, por sua vez, é cada vez mais informacional e financeiro. A acumulação nunca foi tão flexível quanto na atualidade. Dessa maneira, o ciberespaço possibilita a criação constante de importantes *links* para a (re)produção do capital, sobretudo quando consideramos a atuação das *Big Techs*¹⁴ atuais e suas superestruturas, haja vista que ao longo da história, ao menos nos últimos três séculos, o capital sempre criou narrativas e perspectivas que ocultassem os entraves à sua (re)produção.

De fato, diante das considerações realizadas até então, cabe-nos analisar os meandros existentes entre a produção do espaço e o ciberespaço, bem como sua importância contemporânea na manutenção e promoção global do sistema capitalista e, por consequência, de suas desigualdades. Dessa maneira, a análise das tensões existentes entre a produção virtual e atual do espaço, e como estas se

¹³ Fazemos a opção, inspirados pelo trabalho de Israel (2021), de utilizar a expressão Internet sempre com o seu caráter inicial em maiúsculo. Nesse sentido, segundo Israel (2021, p. 19), "Grafá-la em maiúsculo é uma forma de evidenciar as relações de poder que permeiam a nomeação dos objetos e fenômenos, e evitar um processo metonímico no qual a parte (a Internet) passe a representar o todo (a computação em rede)".

¹⁴ As *Big Techs* são consideradas empresas de alta tecnologia, que na contemporaneidade, em decorrência do importante "desenvolvimento" tecnológico, assumem em grande medida, papéis cada vez mais importantes na economia global. Quando utilizamos tal expressão, nos referimos a empresas como a *Google, Microsoft, Meta, Apple*, etc.

projetam na cidade a partir de diferentes processos de inovação tecnológica, apresenta-se como fundante à construção desta tese.

Diante do exposto até então, é de extrema relevância considerar que toda revolução tecnológica traz consigo alterações significativas não só no modo de produção das mercadorias, mas também nas dinâmicas sociais inseridas na vida cotidiana. No âmbito capitalista, se torna possível apreender que há a constante intencionalidade de se promover a aceleração da produção, e por consequência, da própria circulação do capital, o que denota a fortificação de diversas contradições no cerne do próprio modo de produção capitalista. Nesse sentido, a produção do espaço revela não apenas as formas que se apresentam ao olhar, ou seja, as que se materializam na atualidade, mas também expõe o que está oculto e o porvir.

Ao analisar a progressão das técnicas e da tecnologia, bem como os seus impactos na produção espacial a partir do entendimento das contradições envolvidas no processo de (re)produção do capital, como o desenvolvimento desigual combinado, as diferentes formas de exclusão social e a degradação humana, é possível constatar que de fato houve um significativo aumento da produção a partir do incremento de diferentes técnicas e tecnologias, sobretudo no que se refere ao “desenvolvimento” industrial a partir do uso de distintas formas de maquinaria. Contudo, cabe ressaltar que este aumento produtivo ocorreu (e ainda ocorre) junto à fortificação da vulnerabilidade econômica e social de grande parte da humanidade, reforçando ainda mais a exclusão social e a desigualdade, posto que na atualidade, o incremento tecnológico está associado a diferentes atividades laborativas e sociais, e não mais apenas à atividade industrial e suas formas de produção.

Tomando como nota as experiências vivenciadas na própria Revolução Industrial, iniciada ao final do século XVIII em parte da Europa, torna-se evidente a existência do contexto apresentado anteriormente. Nesse momento específico da história e da mudança estrutural do capitalismo, que deixa de ser em sua estrutura basilar comercial, tornando-se industrial, observou-se que uma das grandes contradições que se instalam no cerne do sistema é justamente o uso da maquinaria, potencializando a produção (que se intensificou ainda mais em séculos posteriores) ao mesmo tempo em que fortifica a expropriação social em diferentes momentos da

vida e da cotidianidade dos indivíduos e sociedades através da fortificação da alienação, que por sua vez, transcende ao ambiente de trabalho. Em suas evoluções sistêmicas, o capitalismo, como nos aponta Cray (2016), estabeleceu-se enquanto uma estrutura “24/7”, ou seja, de produção e trabalho contínuo, realizados vinte e quatro horas por dia, em sete dias da semana.

Ainda de acordo com o autor mencionado, o desenvolvimento de tal sistema, possibilitou que a atividade laborativa ocupasse cada vez mais a vida cotidiana, rompendo com estruturas e até mesmo com a festa e os ritos populares, invadindo a vida dita privada. Na atualidade, a conexão constante, propiciada pela tecnologia, alimenta de forma significativa tal sistema, exponenciando a alienação para várias dimensões da vida cotidiana, estabelecendo novas formas de interação social e estabelecendo, por que não, novos espaços, ou ciberespaços, para o desenvolvimento da vida cotidiana. Entretanto, é relevante considerar que, a partir de tal experiência imersiva, o cotidiano passa a se estabelecer e a se projetar a partir de interações cada vez mais mediadas pela interconexão entre o atual e o virtual, sendo a tecnologia uma grande mediadora do processo.

No período histórico referenciado, observou-se a ascensão da propriedade privada e toda a sua simbologia calcada na promoção do individualismo, que por sua vez, contribuiu para o crescimento de uma série de despossuídos a partir do rompimento das estruturas da propriedade comunal. Já nos séculos XX e XXI, deparamo-nos com o desenvolvimento da automação, que se apresenta como “solução” para dinamizar não apenas o trabalho, mas também aspectos intrínsecos à vida cotidiana, com o intuito, mais uma vez, de atender a necessidade de aceleração do giro de produção e circulação do capital, mas também impor diferentes ritmos de vida e servidão. Dessa forma, potencializam-se diferentes estímulos para a amplificação dos meios de comunicação e transporte com vistas à transformação das tecnologias envolvidas no sistema produtivo, que na contemporaneidade compõem o que se chama de indústria 4.0¹⁵.

Harvey (2005), ao discutir os efeitos da pós-modernidade no cotidiano da humanidade, traz consigo importantes pressupostos teóricos quando aponta que a

¹⁵ A indústria 4.0 é marcada por fortes incrementos tecnológicos na produção, bem como a inserção da inteligência artificial no cotidiano da produção industrial e no mundo do trabalho de modo geral.

condição pós-moderna evidenciou uma significativa preocupação com a promoção de mecanismos que possibilitaram uma lógica calcada na necessidade de “aceleração do tempo”, o que segundo o autor, nos conduz a uma certa ideia de compressão do espaço pelo tempo. Tal dinâmica, que se intensifica sobretudo a partir da Revolução Tecnológica da década de 1970 e o aprimoramento das tecnologias de comunicação e informação, encontra na atualidade terreno fértil para sua potencialização, haja vista a criação de arquiteturas ciberespaciais cada vez mais complexas, como o metaverso e demais plataformas de imersão na cultura digital. A evolução das TIC's possibilita novas e diferentes formas de interação social, que por sua vez, reverberam em distintas nuances da vida cotidiana. De certo, todo esse cenário oportuniza inúmeras formas de relacionamento social, ou seja, molda diferentes sociabilidades. Dessa maneira, a partir de contextos distintos, a produção do espaço está apoiada em uma miríade de temporalidades e experiências, objetificadas em espacialidades cada vez mais calcadas na imediaticidade e instantaneidade, próprias da lógica ciberespacial.

O ciberespaço, em sua concepção, está atrelado à representação a qual foi concebido. Dessa maneira, considera-se que tal arquitetura está intimamente ligada ao capitalismo, haja vista que até mesmo a história da Internet perpassa nuances do capital, sobretudo no que se refere à sua necessidade constante de (re)produção. A própria ideação da rede mundial de computadores, mesmo com contribuições provenientes de códigos fonte abertos¹⁶, responde a necessidades *a priori* militares. A ARPANET, nascida nos anos 1970, pode ser considerada a fundação estrutural da Internet, que na atualidade, compõe o ciberespaço, o fortificando como um artefato social capaz de moldar diferentes realidades, percepções de mundo e utopias. Dessa maneira, há, de certo, claras intencionalidades projetadas no ciberespaço e em suas ferramentas.

Como mencionado anteriormente, o ciberespaço, como um artefato social, responde a diferentes tipos de intencionalidade. Nesse sentido, ao se considerar a concepção de espaços tencionados entre o atual e o virtual, mediados hoje pela tecnologia, torna-se fundante desvelar os meandros e contextos envoltos à produção ciberespacial, identificando a quais interesses tais concepções se atrelam. Nesse

¹⁶ O código fonte é uma estrutura hierarquizada, utilizada em suma em ambientes e arquiteturas de programação computacional a partir de dados organizados de maneira lógica.

sentido, é importante considerar que a tecnologia em si, empregada no ciberespaço e em sua arquitetura, por si só não é excludente ou inclusiva. O que se analisa são os usos que se faz de tal tecnologia na promoção, ou não, da dignidade humana. Dessa maneira, torna-se fundamental estabelecer um processo de negação frente ao que nos é imposto cotidianamente pelo sistema capitalista, considerando, dessa maneira, a possibilidade de uma nova apropriação do ciberespaço, tornando-o de fato um espaço democrático e fortalecido pela associação de habilidades múltiplas com vistas à promoção da dignidade humana.

Mesmo ao levar em conta a possibilidade negativa que se coloca frente aos interesses atuais que moldam o ciberespaço, é relevante se ater ao atual e às intencionalidades envoltas à lógica ciberespacial, que ao contrário do que se objetiva como resultado desta tese, se estruturam a partir da exclusão e negação de direitos. Dessa maneira, corroborando com o exposto até então, Dodge e Kitchin (2001, p. 214), afirmam que “o ciberespaço claramente não é um espaço igualitário. É um espaço regulado por um conjunto de leis consuetudinárias informais, governança liderada pelo mercado, práticas sociais (por exemplo, *trolling*), e a expressão de ideologias culturais (por exemplo, patriarcado)¹⁷.

Ao considerar que o ciberespaço é regulado por uma série de leis consuetudinárias, como apresentam os autores mencionados, oportunizam-se possibilidades para o estabelecimento de constantes mutabilidades em sua arquitetura e sistema, reguladas por distintas intencionalidades e representações, tendo em vista que leis consuetudinárias não apresentam, necessariamente, regularidade jurídica. De certo, até recentemente, o ciberespaço era um ambiente com pouca regulamentação real, haja vista a existência de estruturas guiadas por diferentes níveis de acesso. O Brasil, a partir do Marco Civil da Internet, Lei nº 12.965 de 23 de abril de 2014¹⁸, estabelece princípios e garantias para a utilização da Internet em território nacional. Contudo, mesmo a partir da determinação de

¹⁷ Cyberspace is clearly not an egalitarian space. It is a space regulated through a set of informal customary laws, market-led governance, social practices (e.g., trolling) and the expression of cultural ideologies (e.g., patriarchy).

¹⁸ Não é do interesse desta tese o aprofundamento na regularidade jurídica de utilização da Internet. A citação da legislação se deu para justificar que há regulamentações atrelados ao uso de tal ferramenta. O intuito da tese, como reafirmado em demais oportunidades, é discutir a relação entre espaço e ciberespaço na produção espacial a partir das tensões existentes entre o atual e o virtual.

direitos e deveres atrelados ao uso da Internet, ainda é possível se apropriar de tal recurso a partir de interesses muito diversos.

A partir do viés apontado, é importante considerar o ciberespaço enquanto um ambiente extremamente diverso e multifacetado em relação às suas distintas formas de uso. Para além daquelas arquiteturas que se apresentam aos nossos olhos, que estão impregnadas no cotidiano da maioria dos indivíduos contemporâneos, há facetas da Internet e do próprio ciberespaço que estão ocultas a muitos usuários da rede mundial de computadores, como a *dark ou deep web*, por exemplo. Nesse sentido, ao analisar as dinâmicas do ciberespaço e sua ligação com o atual, se torna relevante desvelar não só o que se apresenta, mas também o que está oculto e seus possíveis desdobramentos, simulacros e projeções.

Diante de tal contexto, podemos considerar que a própria *deep web* apresenta-se como um substrato da Internet dita formal, no qual os endereços não podem ser acessados facilmente através da utilização de motores tradicionais de busca (*Google e Bing*, por exemplo). Em consonância com tal informação e fazendo alusão ao espaço urbano, a *deep web* poderia ser considerada, de certa maneira, bairros urbanos que se localizam para além da cidade formal, ou seja, que não respondem ao espaço projetado por arquitetos e planejadores urbanos, mas de todo modo, possuem intencionalidades definidas, concebidas e vividas. Já a *dark web* pode ser entendida como o ciberespaço de exceção, classificada como áreas completamente à margem de qualquer regulamentação, no qual atividades de toda sorte ocorrem, desde a encomenda de assassinatos à venda de órgãos humanos. Considerando ainda os *links* entre o espaço urbano contemporâneo e o ciberespaço, a *dark web* seria considerada um espaço dito “nefasto da cidade”, subjugado e dotado de simbologias negativas, no qual seus navegantes¹⁹, que viajam sobre as águas nebulosas de suas redes, assumem para si representações pré-definidas.

Ao considerar as diferentes formas de representação social que podem ser assumidas por diferentes sujeitos ou grupos sociais, torna-se relevante fazer menção ao trabalho de Lefebvre (1983), o qual aponta que as representações são, na verdade, distintas formas dos indivíduos se apresentarem em variados contextos,

¹⁹ Fazemos alusão aqui à expressão massivamente difundida, sobretudo na década de 1990 do século XX, que atrela o uso da Internet à diferentes formas de navegação.

gerando, inclusive, distintos simulacros da realidade. O ciberespaço, em sua multiplicidade de possibilidades, amplia as possibilidades de representação, gerando inclusive, formas ímpares de ausência e presença²⁰.

De certa maneira, é possível constatar uma imbricação entre espaço e ciberespaço, na qual as particularidades urbanas se manifestam na lógica ciberespacial, enquanto as características do ciberespaço impregnam o real, moldando de formas variadas as dinâmicas das cidades. Tal relação dialética, que se funda na interdependência entre espaço e ciberespaço, invade o cotidiano, no qual o urbano contemporâneo absorve distintas temporalidades e geograficidades da virtualidade. Em diferentes contextos, como, por exemplo, na mobilidade urbana, percebe-se que a busca por carros por aplicativo na atualidade se apresenta como fato natural, quase orgânico, no qual os sujeitos rompem distâncias no plano virtual antes mesmo de percorrê-las no plano real, o que de certo modo ratifica o exposto por Harvey (2005), quando defende, como mencionado anteriormente, que houve um certo “encurtamento das distâncias”.

Ao se considerar os processos de materialização do ciberespaço junto ao espaço na atualidade, se torna essencial conceber quais as bases que o substanciou e impulsionou suas projeções. A conectividade experimentada na atualidade se apresenta como resultado de um desenvolvimento complexo, extremamente desigual e excludente. Dessa maneira, é possível pensar que historicamente e geograficamente as redes de exclusão do real se manifestaram de forma contundente em vários processos de inovação tecnológica. Dessa maneira, compreende-se que desde a utilização do telégrafo elétrico, inventado ainda no século XIX, as tecnologias de comunicação e, por que não, de informação, reforçaram a interação e imbricação constante entre real e virtual. Inicialmente, mesmo promovendo, *a priori*, a concepção de “rompimento das distâncias” a partir da “compressão tempo-espaço” apresentada por Harvey (2005), entende-se que a lógica ciberespacial germinava, moldando novas arquiteturas sociais e um cotidiano outro, que em si representava novos caminhos para a (re)produção do capital.

²⁰ Esse tema será mais bem desenvolvido no próximo capítulo desta tese, que por sua vez, se intitula *Entre o atual e o virtual: a cotidianidade do homo digitalis, sua geograficidade e temporalidade*.

O próprio espaço, ao absorver diferentes objetos técnicos envoltos às suas formas de produção contemporâneas, passou por distintos processos de diferenciação espacial. Os tecnopólos, por exemplo, articulam-se a redes de telecomunicações cada vez mais complexas, polarizando seu entorno a partir da criação de necessidades específicas à sua instalação, manutenção e reprodução. De fato, a partir da análise da produção urbana ao longo da história, é notória a sua capacidade de se metamorfosear frente às inovações técnicas que se apresentam ao cotidiano das cidades. A própria Revolução Industrial, a partir do incremento de diferentes objetos, formas de produção e de escoamento de mercadorias, moldou as cidades à sua imagem e semelhança. Santos (1996), por sua vez, considerava que a produção do espaço se dava através da relação dialética entre sistemas de objetos e sistemas de ações, mediatizados por sua vez, através de diferentes intencionalidades. Na atualidade, compreende-se que a própria integralização do ciberespaço ao espaço potencializa tanto a qualificação dos objetos técnicos, cada vez mais tecnológicos e informacionais, quanto amplia a miríade de intencionalidades vinculadas à produção do espaço a partir da intensificação das representações em seus mais variados ambientes, virtuais ou não.

É importante ressaltar, a partir do exposto acima, que o ciberespaço, hoje uma virtualidade complexa e repleta de hipertextos multifacetados e conexões constantes, apoiou-se diretamente na Internet em sua concepção inicial. Nesse sentido, cabe-nos resgatar os pressupostos teóricos apresentados por Ferreira (2003), que reforça a constatação acerca da relação dialética existente entre o espaço e o ciberespaço, quando afirma que a Internet, em sua projeção inicial, se mutabilizava através da absorção de expressões e culturas próprias do real, utilizando inclusive expressões de nosso cotidiano, que por sua vez, direcionam sua forma de navegação, tornando suas formulações mais próximas à atualidade, facilitando dessa maneira sua usabilidade. Ainda de acordo com o autor mencionado, expressões como *site* e *home page*, por exemplo, são esforços claros e inequívocos de se projetar similaridades entre a rede mundial de computadores e o cotidiano dos indivíduos.

Fato é, de acordo com a análise das intencionalidades envolvidas na produção do ciberespaço, que sua lógica e sua concepção, são constantemente reforçadas e apropriadas pelo sistema capitalista. Tal fato pode ser demonstrado ao

longo de nossa história recente, sobretudo quando nos deparamos com o rebatimento espacial que se assenta sobre a segunda metade do século XX e início do século XXI, no qual claramente observa-se o avanço do capitalismo financeiro e informacional. Ainda em menção às análises acerca das relações entre o ciberespaço e o sistema capitalista, torna-se fundante, em mais uma oportunidade, fazer menção ao trabalho de Dodge e Kitchin (2001), no qual defendem que

De fato, o final da década de 1990 é caracterizado por um investimento maciço no ciberespaço por investidores que buscam vantagem competitiva, particularmente com *hype* do comércio eletrônico e as enormes avaliações do mercado de ações em torno de empresas como a e-bay e Amazon.com. (DODGE e KITCHIN, 2001, p.11²¹).

Dessa maneira, assim como o urbano é apropriado pela indústria e moldado aos interesses de produção no século XIX, bem como a cidade do século XX se assenta sobre a fortificação da globalização e a intensificação das trocas comerciais em âmbito global, na atualidade, o ciberespaço responde, sobretudo, à constante necessidade de financeirização e (re)produção do capital, tanto através do comércio *on-line* quanto na criação de perfis e representações de consumidores, impactando diretamente a cidade do século XXI. Em verdade, como pode ser constatado por David Carroll, no documentário Privacidade Hackeada (2019), o mercado de comercialização de dados dos usuários da Internet ultrapassa o valor de arrecadação gerado pela comercialização do petróleo nos Estados Unidos.

Em diálogo com o exposto anteriormente, inclusive a partir do mencionado pelos autores supracitados, é imprescindível trazer à tona novamente as contribuições teóricas formuladas por Harvey (2005), que defende a evolução contemporânea do capitalismo como um sistema de acumulação flexível. Dessa maneira, a constante evolução das TIC's e a criação de espaços virtuais cada vez mais complexos e conectados à rede de financeirização global, contribuem decisivamente para a potencialização da flexibilização do capital, reforçando a sua

²¹ Indeed, the late 1990s is characterized by massive commercial investment in cyberspace by investors seeking competitive advantage, particularly with the e-commerce hype and huge stock market valuations surrounding companies like eBay and Amazon.com.

lógica hegemônica, que avança globalmente a partir de concepções neoliberais e ultraliberais.

O próprio metaverso, espaço amplamente difundido na atualidade, faz-se presente como um simulacro da vida real, que, por sua vez, ratifica a ilusão da inevitabilidade do capitalismo como um sistema hegemônico. O metaverso é uma arquitetura do ciberespaço que tem como objetivo a criação de um “mundo virtual” cada vez mais atrelado e associado ao atual a partir da interação e integração de variadas tecnologias digitais de comunicação e hipertextuais, que são apropriadas por diferentes indivíduos em seu cotidiano.

Torna-se relevante destacar que a concepção do metaverso se deu no ano de 2021, quando o então proprietário do *Facebook*, Mark Zucckerberg, alterou a proposta de seu grupo empresarial com vistas a “ampliar” as experiências dos usuários no ciberespaço para além da utilização das redes sociais e suas oportunidades. Assim, ao substituir o nome da renomada *Big Tech* por *Meta* (em meio a importantes denúncias de violação de privacidade de dados dos usuários de suas redes), prospecta um novo modelo de negócios que se funda na imersão ainda mais significativa dos usuários da rede no ciberespaço.

Na contemporaneidade, a despeito do que outrora foi constatado, não é possível considerar a tecnologia apenas como um apêndice do corpo humano (mesmo o smartphone ainda cumprindo este papel na atualidade) ou até mesmo como algo ou situação inerente à realidade humana. Na verdade, a partir das diferentes propostas de potencialização da arquitetura ciberespacial, o ciberespaço é vivenciado não mais enquanto um recorte da realidade, mas sim como mais uma das facetas do próprio real, viabilizando dessa maneira novas formas de produção do espaço a partir da exponenciação da *Matrix*²², que na atualidade não é apenas uma concepção da ficção científica, mas uma distopia cada vez mais atual, na qual há a complexificação de distintas formas de experiência e vivência social na

²² A expressão *Matrix*, utilizada em outras oportunidades nesta tese, foi apresentada originalmente por William Gibson, em sua obra *Neuromancer*, publicada no ano de 1984. A expressão, cunhada pela obra *cyberpunk* mencionada, foi apropriada por *Hollywood* em 1999, quando deu origem à trilogia (que na atualidade conta com um quarto filme, lançado no ano de 2024), de mesmo nome, que ganhou as telas de cinema de todo o mundo. A própria circulação da obra reforça a dinâmica global da informação, que como mencionado, alcança diferentes espaços sociais, estabelecendo distintas narrativas e formas de apreensão da realidade em diferentes contextos e situações cotidianas.

virtualidade, que cada vez mais se confundem com a atualidade e cumprem um importante papel para a reprodução do capital através de novas formas de troca e uso.

Vale ressaltar que com o avanço do processo de globalização, tornou-se possível considerar de forma cada vez mais proeminente o papel que a técnica (e hoje, a tecnologia) passou a desempenhar na produção espacial e no modo de vida da população global. Ainda em referência a este contexto, Santos (1996) no livro intitulado *A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção*, defende que a importância da técnica precisa ser considerada na produção espacial, tendo em vista a sua constante difusão e potencialização através de um obstinado processo de desenvolvimento tecnológico, que não se ancora na atualidade apenas na prospecção de maquinários e/ou evolução das técnicas produtivas e construtivas, mas, sobretudo, na promoção da “aceleração do tempo” a partir do aperfeiçoamento das tecnologias de comunicação, informação e controle social.

O autor referendado defende ainda que na atualidade, a despeito de qualquer época anterior, a humanidade produz e assenta a sua cotidianidade no meio-técnico-científico-informacional, no qual a técnica, a ciência e a informação se atrelam em um tripé dialético, impactando diretamente a produção do espaço contemporâneo. A capacidade de produção do espaço dos diferentes agentes de produção, a partir da gestão da informação, amplia-se de forma significativa a partir do acesso constante ao ciberespaço e à cultura digital, que impulsionam a virtualização e a projeção de diferentes formas de exploração social, mas também de emancipação.

Para além do ciberespaço, o próprio desenvolvimento da cibernética, ainda em meados do século XX, influenciou de forma significativa a produção espacial, sobretudo quando se considera o espaço urbano e todas as suas nuances. Nesse sentido, Israel (2021), a partir da análise acerca da cibernética e sua influência sobre a produção do espaço e, por consequência, do espaço urbano como dito, afirma que

A construção da percepção do espaço urbano como um sistema de comunicação e controle, acompanhada da modelização matemática, conduziu a uma tendência de quantificação dos fatores sociais, os quais passaram a ser padronizados em escalas numéricas para viabilizar seu tratamento como processamento de dados, dentro da lógica de entrada de dados (*input*), saída de dados (*output*) e realimentação de informação (*feedback*). (ISRAEL, 2021, p.54.)

A partir do exposto acima é possível constatar que as formas de organização ciberespacial, bem como sua arquitetura, pautada na entrada e saída de dados, além da prática constante de *feedbacks*, estão diretamente associados à fundamentação de uma concepção pautada em diferentes percepções do espaço urbano, que, por sua vez, estão atreladas à quantificação constante de dados para a posterior formação de diferentes informações. De fato, considerando tal relação, compreende-se que a planificação e ordenamento espacial estão guiados, em grande maioria, por perspectivas e planejamentos que estão à margem das necessidades sociais, sobretudo no que se refere à promoção da dignidade humana através do fortalecimento do sentido de comunidade em favor da competitividade e da adequação das cidades para o estabelecimento de uma logística, que valida sua funcionalidade como um ambiente vinculado aos ditames do capital.

É de grande relevância destacar que a cibernética e, por consequência, o próprio ciberespaço, tornaram-se instrumentos que impulsionam a parcelarização do espaço, que reforçam a fragmentação espacial, negando de certa maneira, uma visão mais global do fenômeno urbano contemporâneo e sua estreita relação com a tecnologia na atualidade. Nesse sentido, é importante considerar que a produção do espaço, como nos afirma Lefebvre (2013), se dá a partir de um jogo entre agentes e atores que se articulam a partir de diferentes relações sociais e representações. Produzir o espaço, segundo o autor mencionado, é uma ação que por si só projeta sobre diferentes ambientes e distintas intencionalidades, que respondem a diferentes visões de mundo, culturas e formas de interação social que se modificam ao longo do tempo.

O espaço reúne múltiplas percepções, concepções e temporalidades, que juntas respondem não só aos interesses de distintos agentes e atores sociais como dito anteriormente, mas também transcendem a tais interesses a partir da possibilidade de negação às cristalizações espaciais que se apresentam, abrindo possibilidades para outras formas de produção do espaço, as quais também respondem a diferentes visões de mundo, ou seja, a perspectivas que podem se apresentar como reacionárias, revolucionárias ou até mesmo de manutenção do *status quo* vigente. Dessa maneira, torna-se urgente a reflexão tecida por Maricato (2013), na qual aponta que as ideias estão fora do lugar e o lugar fora das ideias. Dessa maneira, ao considerar o desenvolvimento das malhas urbanas na

contemporaneidade, entende-se que tais redes se formam não mais apenas na concepção urbanística de planejadores urbanos, mas também nas mãos de programadores que criam diferentes *softwares* que impregnam as cidades na atualidade. De fato, as ideias não somente estão fora de lugar, como também o próprio lugar, ou como esta tese apresenta, os ciberlugares, estão muito distantes das ideias.

Considerando ainda as atuais características do ciberespaço e sua imbricação com o real a partir de suas múltiplas potências, torna-se possível observar que a materialização se confunde com a projeção em um constante devir, se estabelecendo no cotidiano como uma oportunidade ímpar para o desenvolvimento de diversas experiências "reais"²³ imersas na virtualidade. De fato, é possível perceber a possibilidade de transferência de vários aspectos inerentes à vida e às relações sociais do atual para o espaço virtual. Em consonância com o que nos apontou Ferreira (2003), mas indo além, considera-se que na atualidade não é somente o ciberespaço que se apropria de expressões e características da realidade, mas a própria a atualidade, em certa medida, é que absorve as dinâmicas ciberespaciais que se expressam em diferentes esferas da vida cotidiana, como no trabalho, nos momentos de lazer e na própria tessitura das relações sociais que se estabelecem no espaço.

Dessa forma, entende-se que caminhamos não apenas para a agregação de novas lógicas e representações à produção espacial, mas de um processo de produção virtual do espaço, que se funda a partir de uma interação cada vez mais dialética entre espaço e ciberespaço. O cotidiano urbano, como será apresentado mais adiante, absorve os resultados de tal imbricação, moldando distopias que se metamorfoseiam em diferentes expressões, adjetivações e mantras, como por exemplo, a construção e/ou reafirmação de "cidades inteligentes" ou, até mesmo, de centros urbanos "sustentáveis". Observa-se aqui que, como na própria dinâmica ciberespacial, o atual assume, como pressuposto de desenvolvimento, adjetivos para ressignificar o urbano. Ora, de certa maneira, reiterando o que nos apontou Ferreira (2003), não seria exatamente essa a estratégia utilizada para a familiarização da Internet e do próprio ciberespaço ao nosso cotidiano? De certo,

²³ Em momentos anteriores do texto já chamávamos a atenção acerca das diferentes acepções do real.

ao elencarmos a possibilidade de uma produção virtual do espaço, reafirma-se que não somente as tecnologias atreladas ao ciberespaço se fazem visíveis no espaço, mas também sua concepção e operacionalidade, que por sua vez, são apropriadas por diferentes cidades, independentemente de seu grau de importância na hierarquização urbana nacional e/ou internacional.

Na contemporaneidade, a dialética entre espaço e ciberespaço, e por consequência, entre atualidade e virtualidade, é um importante viés a ser considerado na análise da produção do espaço. Dessa maneira, é de extrema relevância compreender em que medida tais relações se dão, compreendendo ainda como a imbricação entre ambas as estruturas possibilitam distintas formas de produção e representação espacial.

De forma a ilustrar o que se apresentou até então, chama-se atenção para o *game Earth 2* e seus diferentes *links* com a atualidade e a produção espacial. Na aplicação mencionada, em que a arquitetura está fundada sobre bases estruturais vinculadas ao metaverso, há a possibilidade de adquirir virtualmente parcelas de solo “urbano e/ou rural”²⁴ em qualquer lugar do mundo, podendo-se tomar posse destes no ciberespaço. Tais parcelas de solo estão associados às regras de valorização e especulação imobiliária atreladas ao mercado habitacional, podendo, inclusive, ser vendidos através de processos de mercantilização associados a bolsa de valores, sofrendo deflação ou se valorizando de acordo com seu entorno e sua dinâmica “populacional e ocupacional”.

²⁴ É importante salientar que tais aquisições, mesmo respondendo a uma lógica de especulação imobiliária, não se referem a propriedades que são essencialmente urbanas ou rurais, haja vista que estas se materializam apenas no plano virtual, mesmo a partir de seus *links* com a realidade. Contudo, vale ressaltar que tais aquisições, além de representar uma forma de (re)produção do capital, carregam consigo toda a simbologia atrelada à realidade da produção espacial, urbana ou rural, respondendo a processos de valorização ou deflação.



Figura 01 – Imagem que apresenta o *game Earth 2*

Fonte: <https://earth2.io/>.

A Figura 01, que apresenta o *site* em que se hospeda o *Earth 2*, é emblemática em todas as suas nuances. A partir da análise de sua expressividade e das mensagens as quais carrega, que, por sua vez, contemplam diferentes intencionalidades, é possível observar claramente a imbricação que se projeta²⁵ entre o real e o virtual, tendo no metaverso a concepção de uma lógica de *continuum* e/ou de desdobramento da realidade, em que o real se associa à virtualidade.

Diante do exposto até então, é possível considerar que estaríamos diante de uma produção virtual do espaço? Quais os impactos da imbricação entre o real e o virtual para a atualidade? Em que sentido tal processo molda diferentes formas de produção espacial e tensiona distintas relações sociais? Estaríamos nós diante de mais uma atualização do sistema capitalista? De certo, questionamentos como estes apresentam-se como fundamentais para a construção desta tese, que justamente em seu objetivo basilar, busca compreender como tais relações são construídas e amplificadas no cerne da sociedade contemporânea. Ademais, tecer tais reflexões, de certa maneira, apontam para possíveis projeções do futuro, as quais podem indicar fissuras, continuidades e/ou rupturas do atual cenário social em que a sociedade se produz e se reproduz.

²⁵ É importante ressaltar que tais dizeres, compreendendo a estrutura desta tese e os objetivos que nela se assentam, amparam-se não em uma realidade dada, mas sim, em uma potência que está sempre em devir. Assim, como é ratificado em vários momentos do texto, a projeção é vista como um processo, assim como a materialização e a substrução. Processos estes, que devido a sua natureza teórica, se imbricam em um constante *devir*.

Animicamente, a prospecção de tal realidade já se faz presente na atualidade, tendo em vista a possibilidade de valorização e financeirização de “imóveis” e terrenos no ciberespaço. Assim, a incorporação imobiliária e a própria produção e (re)produção do espaço prospecta novas dinâmicas temporais, geográficas e econômicas a partir do ciberespaço e sua lógica atemporal. Dessa maneira, o capital está cada vez mais articulado em um processo de virtualização não só do cotidiano, mas de distintos estilos de vida, cunhando uma produção ciberespacial a partir de símbolos urbanos amparados no real. De fato, como dito anteriormente, há uma dialética que se funda a partir da relação entre real e virtual, sendo que há uma alternância nas referências entre ambos e suas diferentes formas de materialização.

É óbvio que os processos de financeirização atrelados ao espaço urbano se estabeleceram antes do metaverso. É possível defender tal constatação a partir das diferentes formas de apropriação financeira das cidades. Harvey (2009), por exemplo, já assinalava que o urbano, ao longo do tempo, sempre se apresentou como uma importante fonte de absorção do capital excedente da produção. Nesse sentido, o autor menciona que a urbanização enquanto processo, serviu aos interesses do capital em diversos momentos da história.

A partir do exposto, em contribuição aos dizeres de David Harvey, torna-se relevante ater-nos os pressupostos teóricos formulados por Mariana Fix (2011), que ao tratar dos processos de financeirização da economia a partir da análise das moradias no espaço urbano frente ao processo de globalização, observa que até mesmo a residência, que historicamente possui forte lastro de garantia e de imobilidade, passou a ser tratada como ativo financeiro, sendo negociada a partir de fundos imobiliários de investimentos cada vez mais globalizados. Nesse sentido, Fix (2011, p.149), aponta que “se a escala de acumulação é mundial, os vínculos dos fluxos financeiros internacionais com os diferentes espaços nacionais se dão de modo diferenciado em cada país e setor”.

Diante do apresentado por aquela autora, compreendendo a dinâmica do capitalismo que se assenta em um desenvolvimento desigual e combinado, torna-se possível compreender que a financeirização do urbano se deu de formas distintas a partir das numerosas realidades histórico-geográficas de cada cidade e/ou país.

Assim, ao tratar da relação entre Estados Unidos e Brasil em tal processo, Fix (2011, p. 122), constata que

A mobilidade de capitais característica da globalização, foi assim, acompanhada pela cristalização de uma fração de capital que circula no meio ambiente construído, fenômeno diferente, portanto, daquele que caracterizou a globalização do imobiliário dos Estados Unidos, quando investidores estrangeiros passaram a comprar edifícios em cidades como Los Angeles, além de recebíveis imobiliários com a securitização da moradia.

A securitização, proposta utilizada no processo de financeirização das habitações urbanas, potencializou estratégias de parcelarização de diferentes estruturas habitacionais e até mesmo comerciais. Na atualidade, é comum acessar cotas imobiliárias de vastos empreendimentos, que vão desde galpões de logística a *shopping centers*. Ainda fazendo alusão aos escritos de Fix (2011), torna-se possível compreender que as grandes incorporadoras venderam um discurso o qual preconiza que

A vantagem para o investidor em relação à compra de um imóvel no modo convencional seria a liquidez dos fundos, ou seja, a facilidade para vender as cotas rapidamente sem perder valor. A proposta era atrair também os pequenos investidores, mesmo aqueles que não teriam condições de comprar um imóvel inteiro nos moldes tradicionais. (FIX, 2011, p.126.)

De certo, é possível constatar que tal processo não alterou somente o modo ou a forma de aquisição de moradias no espaço urbano. O exemplo apresentado denota novas formas de se produzir o espaço a partir de diferentes interesses, no caso aos que estão ligados aos ditames do capital e sua reprodução. Dessa maneira, retomando as análises da produção virtual do espaço a partir da aplicação *Earth 2*, que herda o processo de financeirização do real, se torna possível considerar que a aquisição mercadológica de parcelas de solo ciberespaciais reproduz, quase de forma categórica, a lógica financeira que o capitalismo impõe aos tecidos urbanos.

Ao observar a Figura 02 é possível verificar que a lógica mencionada anteriormente de fato se faz presente em algumas aplicações do ciberespaço. De certo, torna-se ainda uma possibilidade constatar que a maior parte das apropriações

das áreas em destaque na imagem se dá de maneira “globalizada”²⁶. Entretanto, assim como ocorre no real, os “incorporadores ciberespaciais” correspondem, em quase sua totalidade, a agentes do dito mundo em desenvolvimento, ou seja, países que exercem centralidade na reprodução do capital em nível global. De certo, a despeito do que considerou Castells (2020), estamos muito distantes de experienciar de fato os benefícios de uma sociedade em rede²⁷, haja vista a reprodução no ciberespaço das dicotomias sociais e regionais existentes em variados espaços da atualidade.

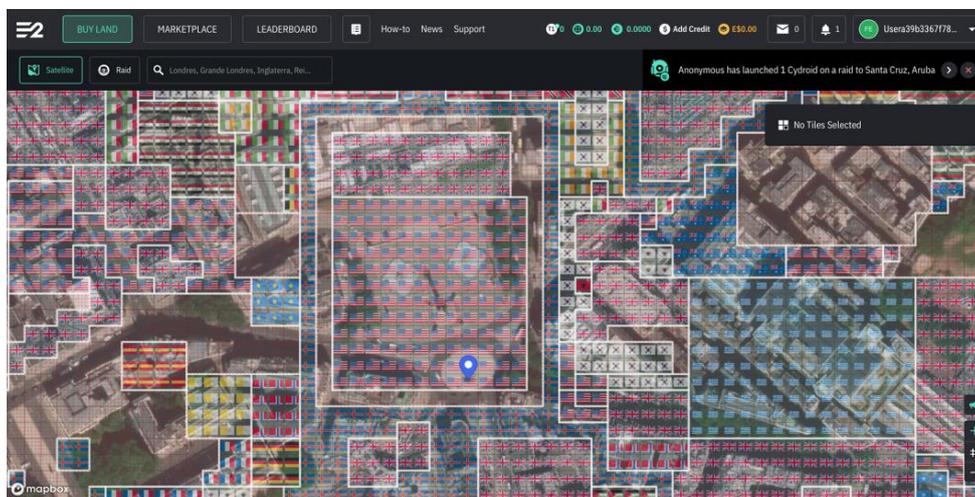


Figura 02 – Quem se apodera dos espaços virtuais do game *Earth 2*?

Fonte: <https://earth2.io/>.

A Figura 03 apresenta-se como mais um exemplo que ratifica o que foi discutido anteriormente. A partir da análise da figura citada, é possível observar que estruturas comerciais e símbolos de culturas locais, como o Mercado Central de Belo Horizonte/MG, têm sido apropriados, como propriedade ciberespacial, a partir de inserções do capital estrangeiro. Seria o *Earth 2* a demonstração da possibilidade de transcendência das fronteiras a partir do ciberespaço? Como, na virtualidade, a

²⁶ Aqui tecemos uma crítica, haja vista que no caso apresentado, a globalização atende a interesses muito específicos, não estabelecendo de fato uma integração global, mas sim, de certo modo, uma apropriação colonial, que agora se ampara também em uma estrutura digital.

²⁷ Em demais oportunidades no texto há discussões acerca da estranheza que nos causa a afirmação de Castells, o qual afirma que na atualidade, vivemos em uma sociedade da informação. De certo, inúmeras redes existem, inclusive as redes de exclusão e segregação, que por sua vez, restringem as informações a sujeitos e atores muito específicos no espaço.

lógica de apropriação de diferentes estruturas se dará? Em que medida as lógicas locais de financeirização serão guiadas pelas iniciativas econômicas e financeiras prospectadas e desenvolvidas no ciberespaço?

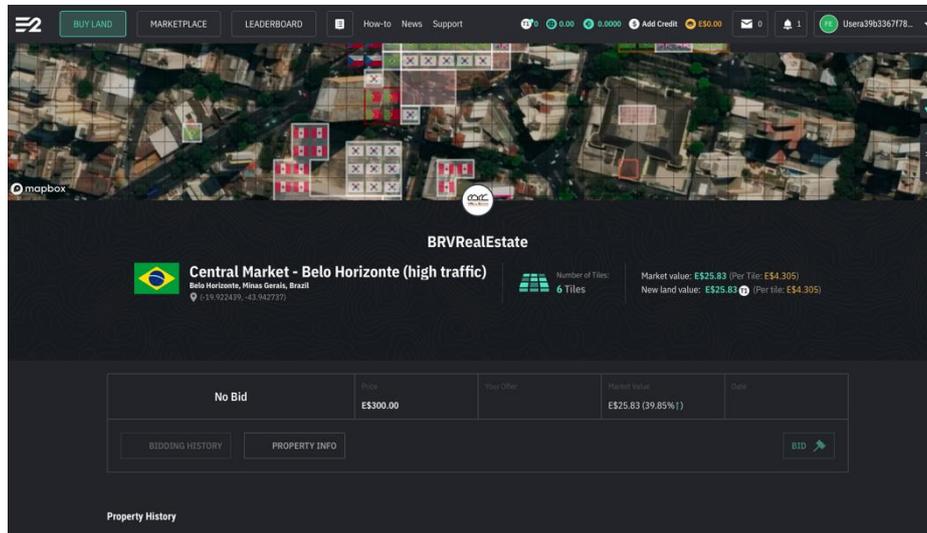


Figura 03 – Aquisição de cotas do Mercado Central de Belo Horizonte a partir do game *Earth 2*

Fonte: <https://earth2.io/>.

É certo que muitos dos questionamentos acima, aliados a outras interrogações, se apresentam como inquietações que motivaram a construção desta tese. É fato ainda que não há a ingenuidade de se esgotar tais discussões aqui, entendendo que a complexidade das situações e indagações apresentadas exige muitas elucubrações e reflexões acerca do porvir. Entretanto, a fim de elucidar o caminho analítico que parte dos apontamentos tecidos até então, é possível verificar que estamos de fato em meio à forte interação econômica entre o espaço e ciberespaço na contemporaneidade.

É relevante considerar, portanto, que na atualidade o fluxo de informações (e até mesmo a produção de fatos e dados) não é o único modo de se produzir valor no ciberespaço, como os exemplos acima puderam apresentar. A especulação imobiliária urbana, por exemplo, apresenta-se a cada dia mais atrelada ao ciberespaço, impregnada de nuances pertencentes ao capitalismo informacional e sua robustez, criando estruturas cada vez mais complexas para a reprodução do capital.

De certo, a partir da análise da Figura 04, torna-se óbvio mais uma vez que os processos de deflação e valorização monetária que ocorrem nas áreas ciberespaciais se apresentam como diferentes formas de absorção de capitais excedentes, mutabilizando a dinâmica de produção do urbano, que apresenta na sua dita realidade, os impactos da valorização financeira que ocorrem no metaverso.

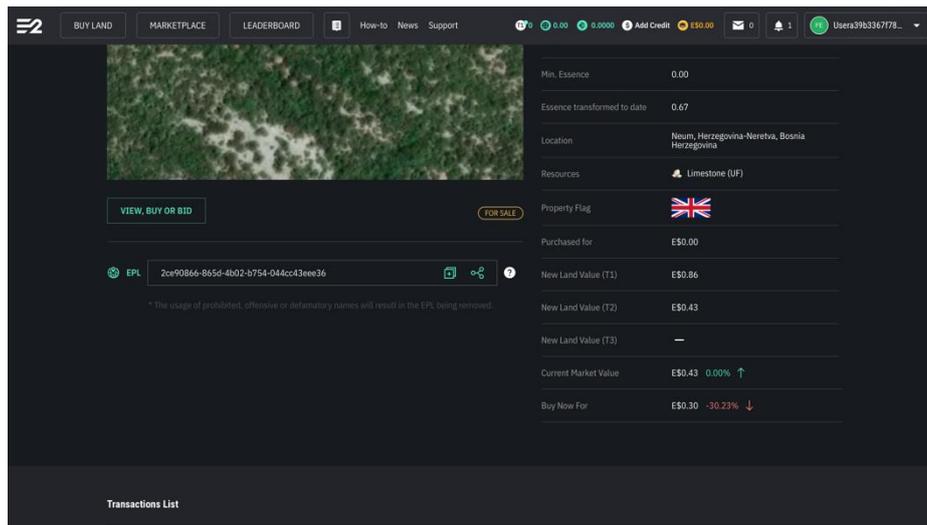


Figura 04 – Valorização e deflação dos terrenos no *Earth 2*

Fonte: <https://earth2.io/>.

Ao analisar as dinâmicas propostas pelo “jogo” anteriormente destacado, é possível compreender que a busca pela propriedade privada e seus signos e simbologias está imersa na virtualidade, assim como no real. É relevante ressaltar que, assim como ocorre no urbano, a propriedade apresenta-se de forma cada vez mais líquida²⁸ no ciberespaço, ou seja, atrelada aos processos de financeirização e securitização. Assim, o fortalecimento constante do desejo de consumir e tomar posse é amplificado pela rede a partir de uma simbiose criada entre o espaço dito real e o virtual.

O ciberespaço, enquanto artefato social, alinhado ao atual, não possibilita apenas a criação de novas formas de representação do espaço, mas também novos espaços de representação. Estes, por sua vez, estão cada vez mais complexos e

²⁸ Fazemos alusão aqui a expressão utilizada por Zygmunt Bauman, em seu trabalho intitulado *Modernidade Líquida*, 2021.

mediatizados, ampliando facetas da produção do espaço a partir da consecução de novos agentes e atores. Tal qual os planejadores urbanos, os programadores da rede moldam os ciberespaços a partir de intencionalidades múltiplas, ora ligadas à funcionalidade, ora atreladas a distintas formas de circulação da informação e de dados. Pelas infovias, os “arquitetos digitais”²⁹ estruturam possibilidades ímpares para a navegação de diferentes agentes, que transpassam o ciberespaço de forma cada vez mais veloz. A exemplo disso, a inauguração da conexão da internet via o 5G (ainda não presente em todas as cidades do Brasil) no ano de 2023 apresenta-se como novo propulsor da conectividade, denotando novas formas de navegação *on-line* quase transcendentais. A imediaticidade e a individualidade se tornam a premissa máxima da rede.

O espaço, como dito anteriormente, é um produto social. Dessa maneira, compreende-se que o ciberespaço, enquanto o par dialético do espaço, responde à mesma lógica. Lefebvre (2013), em seu livro intitulado *La producción del espacio*, ratifica tal percepção, haja vista que

O espaço (social) não é uma coisa entre coisas, um produto entre produtos: antes, envolve as coisas produzidas e compreende as suas relações na sua coexistência e simultaneidade: na sua ordem e/ou desordem (relativa). (Lefebvre, 2013, p. 129³⁰).

Os dizeres acima apresentam que o espaço não é uma coisa entre coisas, ou seja, um produto construído e/ou projetado a partir do acaso. Na verdade, a produção espacial é fruto de diferentes relações sociais construídas a partir de distintos momentos históricos, experiências e geograficidades. Assim, a produção do espaço também responde a diferentes projetos de sociedade, apresentando ainda em suas materializações variados tipos de hierarquização. Dessa forma, ao considerar o objeto desta tese, compreende-se que o ciberespaço, assim como o espaço, responde à essas distintas intencionalidades e temporalidades, que por sua

²⁹ Fazemos alusão aqui ao papel dos programadores que arquitetam o ciberespaço tal qual planejadores urbanos, guiados pela velocidade, o fluxo e a imediaticidade.

³⁰ El espacio (social) no es una cosa entre las cosas, un producto cualquiera entre los productos: más bien envuelve a las cosas producidas y comprende sus relaciones en su coexistencia y simultaneidad: en su orden y/o desorden (relativos).

vez, podem ser estudadas e interpretadas a partir de uma triplicidade analítica, ou seja, a partir da análise da substrução, materialização e projeção³¹.

Lefebvre (2013), em seus escritos, já demonstrava a importância da ordem trinitária, ou seja, a utilização de três elementos para compor a análise dialética. O próprio Marx (2022), ao abordar a estrutura trinitária do desenvolvimento do capitalismo, que consiste na verificação da importância da terra, do trabalho e do capital para o fortalecimento do sistema, reforçava a importância de uma análise dialética baseada em três termos.

Retomando os pressupostos de Lefebvre (2013), que por sua vez, partem de um minucioso trabalho teórico a fim de compreender os processos envolvidos à produção espacial, torna-se essencial trazer à tona a tríade conceitual que se ampara na percepção do que é concebido-percebido-vivido a partir da análise da produção espacial. Diante de tal premissa, a partir da tríade mencionada, é possível se ater ao fato de que os sujeitos, ao produzirem o espaço, atuam em três dimensões distintas, que se amparam não somente no ato e na ação frente à produção espacial, mas também em aspectos emocionais e relacionais. Perceber o espaço, vivê-lo e concebê-lo, são facetas importantes da produção do espaço. Nesse sentido, ao analisar essa tríade a partir de uma leitura ciberespacial, percebe-se que este dito espaço digital, também pode ser compreendido a partir das mesmas dimensões analíticas que cabem à análise da produção espacial.

O que nos chama atenção é que, assim como no real, a alienação e a distopia se fazem presentes, haja vista que os atores responsáveis pela produção espacial, retomando em mais uma oportunidade o papel dos “arquitetos digitais”, operam a partir da criação de cenários que reforçam, de certa maneira, a concepção de que os processos que engendram a sua produção são parte de uma ordem natural, que veda qualquer forma de negatividade frente aos modelos ciberespaciais e espaciais criados, no qual distintos agentes estão trafegando cotidianamente. Assim, atentando-se mais uma vez à possibilidade de construção de um outro projeto de sociedade, a partir de diferentes formas de projeção, é essencial pensar não apenas em uma revolução espacial, mas sim, em um processo de disrupção ciberespacial e

³¹ A tríade analítica que embasa as análises desta tese, como apresentado na introdução, faz parte da concepção teórica e dos postulados metodológicos desenvolvidos pelo geógrafo Alvaro Ferreira.

digital. Dessa forma, como será salientado no último capítulo desta tese, torna-se possível atuar de forma potente a partir de negação clara dos usos atuais do ciberespaço, compreendendo que este, por suas características e imbricação ao atual, pode ser na contemporaneidade um importante canal para a efetivação da democracia e da validação do comum, reforçando dessa maneira a potência da associação de múltiplas habilidades na tessitura de um espaço outro, marcado pelo fortalecimento da vida comunitária em detrimento do individualismo, característica esta que reforça o capitalismo em sua essência.

A partir da tríade teórica e conceitual destacada anteriormente, sobretudo quando esta se desdobra em suas dimensões espaciais, ou seja, em práticas espaciais, representações do espaço e espaços de representação, torna-se fundante a luta pelo direito à cidade³² considerando a relação dialética entre espaço e ciberespaço. De certo, o ciberespaço quando analisado enquanto um espaço de representação, permite a existência de distintas práticas espaciais, que por sua vez, denotam a partir de cenários projetivos distópicos, como a criação, por exemplo, de comunidades virtuais que reforcem perfis sociais desvinculados do real, múltiplas formas de representação, que por sua vez, retroalimentam práticas espaciais distópicas.

Ainda em menção às contribuições de Lefebvre (2013), cabe considerar que

O espaço é uma morfologia social; nesse sentido, o espaço é para o “vivido” o que o organismo vivo é em relação a sua própria forma, intimamente ligada a funções e estruturas. Pensar no espaço como uma “moldura” ou uma caixa, dentro da qual qualquer objeto só pode ser introduzido desde que seja menor do que o recipiente que o contém, imaginando que o recipiente só tem a finalidade de preservar o conteúdo, tudo isso provavelmente constitui o erro inicial. (Lefebvre, 2013, p. 149³³).

³² Nos capítulos posteriores, sobretudo quando tratarmos do mito das cidades inteligentes, será mais bem discutido o tema a partir dos escritos de Henri Lefebvre e demais pensadores que discutem a emergência do direito à cidade com vistas à promoção do fortalecimento de uma cidade que seja de fato democrática e inclusiva.

³³ El espacio es la morfología social; en ese sentido, el espacio es a lo <<vivido>> io que al organismo vivo es su propia forma, ítimamente ligada a las funciones y estructuras. Pensar el espacio a la manera de um <<marco>> o de una caja, en cuyo interior sólo puede ser introducido cualquier objeto siempre que sea más pequeño que el recipiente, imaginar que el contenedor sólo tiene como propósito preservar el contenido, todo eso constitituye probablemente el error inicial.

O ciberespaço, assim como o espaço, também é uma morfologia social. Dessa maneira, enquanto organismo vivo, está ligando ao espaço a partir de interações constantes, transcendendo o seu “recipiente natural”, que seria o mundo digital. Assim, o vivido em sua relação com o ciberespaço apresenta novas complexidades, haja vista que a virtualidade, por si só, não contém todas as relações sociais que são engendradas a partir dela, transcendendo dessa forma suas experiências para novas formas de materialização no espaço dito real, que, ao longo do tempo, vão disciplinar diferentes processos de substrução e projeção.

A produção do espaço, enquanto processo, responde a diferentes movimentos, que podem ser analisados a partir da teoria e da prática. A produção espacial distópica, a qual esta tese se refere, também se apresenta como um processo, que na atualidade, está diretamente mediado pela tecnologia. O urbano absorve em seu tecido nuances do ciberespaço cotidianamente. A cidade real, invadida por inúmeros aplicativos digitais, está se tornando a cada dia menos analógica. A grande questão que se coloca é até que ponto, ao conceber uma cidade dita inteligente, distópica e disfuncional, estaríamos anulando o seu caráter do encontro, da festa, da tessitura de realidades outras, ou seja, sua configuração analógica?

O rompimento com tal configuração, que aponta para um urbano cada vez mais algorítmico, só pode se dar a partir da alteração das práticas espaciais, que em grande maioria, sobretudo a partir dos ditames e necessidades de (re)produção do capital, reforçam a cidade digital em detrimento da cidade analógica. Reforçando a produção espacial enquanto um processo, Lefebvre (2013) afirma que

Todo espaço social é resultado de um processo associado a múltiplos aspectos e movimentos: o significativo e o não significativo, o percebido e o vivido, a prática e a teoria. Em resumo, todo espaço social tem uma história a partir desta base inicial: natureza, original e única, no sentido em que está dotada sempre e por todos os lugares de características específicas (lugares, climas, etc.). (Lefebvre, 2013, p. 164³⁴).

³⁴ Todo espacio resulta de un proceso de múltiples aspectos y movimientos: lo significativo y lo no-significativo, lo percibido y lo vivido, la práctica y la teórica. En suma, todo espacio social tiene una historia a partir de esta base inicial: la naturaleza, original y única, en el sentido en que está dotada siempre y por doquier de características específicas (sitios, climas, etc).

Assim, torna-se evidente que o espaço, a partir de sua complexidade, está atrelado às características sociais e temporais daqueles que o produzem. Do mesmo modo, atribui aos seus produtores as suas características mais intrínsecas. O ciberespaço, enquanto um produto social, é produzido de maneira semelhante. Entretanto, oportuniza distintas possibilidades de representação, cunhando dessa maneira novas simbologias e, por que não, novas teatralizações. A questão que se coloca é que a tecnologia, de maneira muito profícua, acelerou ainda mais alguns movimentos inerentes à produção do espaço. A própria (re)produção do capital se acelera a partir da revolução tecnológica da década de 1970 e o avanço do processo globalizador. Assim, é possível perceber que a simultaneidade de tempos e espaços, amplificada pela tecnologia, conduz a um forte senso de imediaticidade, que por sua vez, tende a apresentar uma ideia de homogeneização. Tal concepção se apresenta nos espaços urbanos de várias cidades pelo globo, haja vista que em muitos há uma certa similaridade nos planejamentos e projetos urbanos que se encontram em diferentes espaços.

Levando ainda em conta os exemplos apresentados anteriormente a partir do game *Earth 2*, não estaríamos reproduzindo a *Sprawl*³⁵ de William Gibson (1991)? De certo, a megalópole da ficção científica se apresenta enquanto um espaço que está integrado ao ciberespaço. Porém, se traduz em uma distopia, haja vista que sua dita funcionalidade não permite a efetivação de um espaço democrático, produzido a partir de diferentes atores. Na verdade, a tecnologia tem se apresentado como um viés importante para não somente o consumo no espaço, mas para o consumo do próprio espaço, como nos apontou Lefebvre (2013).

Curiosamente, atentando-se ao fato anteriormente apresentado, Dodge e Kitchin (2001), defendem que

Ironicamente, o ciberespaço é um meio particular através do qual as cidades procuram seduzir o consumo e remodelar eles mesmos, no qual as autoridades procuram criar

³⁵ *Sprawl* é o nome dado a uma megalópole que compõe a junção dos territórios de Boston e Atlanta na obra *cyberpunk*, *Neuromancer*, de William Gibson, publicada em 1991.

presenças on-line voltadas cada vez mais para o marketing da cidade. (DODGE e KITCHIN, 2001, p.34³⁶).

De certo, ao observar o urbano contemporâneo a partir do prisma da homogeneização e da mercadificação, nos parece que ele tem se tornado, de maneira alegórica, uma televisão sintonizada em um canal fora do ar. Tal percepção é possível a partir da tentativa constante de anulação das especificidades locais em detrimento da homogeneização e do rito à cidade funcional, mercadificada, inteligente e digital.

³⁶ Ironically, cyberspace is one particular medium through which cities are seeking consumption and refashion themselves, with authorities increasingly creating an on-line presence aimed at marketing the city.

2.

Entre o atual e o virtual: a cotidianidade do *homo digitalis*, sua geograficidade e temporalidade.

Adaptar-se ao mundo é um jogo de cara ou coroa no qual a priori se decide que o negativo se torna positivo e que a impossibilidade de viver é uma precondição essencial da vida. Nunca a alienação se incrusta tanto como quando se faz passar por um bem inalienável. (VANEIGEM, 2016, p.56).

Analisar o cotidiano, a partir da relação existente entre o atual e o virtual e, por consequência, entre espaço e ciberespaço, pressupõe a investigação acerca dos sujeitos contemporâneos e suas nuances, haja vista que são estes, a partir dos diferentes papéis que assumem em sua cotidianidade, que produzem o espaço e moldam as distintas realidades que compõem a vida de diferentes sujeitos, atores ou agentes. Assim, esse ser cada vez mais digital e menos analógico, que caminha sobre diferentes tecidos espaciais, navega de forma tortuosa e distópica pela rede espacial e ciberespacial. Dessa forma, para melhor elucidarmos o caminho de compreensão dos processos que engendram a produção espacial na atualidade, compreendendo as relações e interações mencionadas acima, torna-se necessário analisar a geograficidade e temporalidade do *homo digitalis*.

Para tanto, retomando em mais uma oportunidade os pressupostos de Pierre Lévy (2017), há de se considerar que o virtual é parte integrante da natureza humana, inclusive ao considerarmos este fato, há de se ater aos conflitos geracionais entre os nativos digitais e as gerações anteriores, que experimentaram de forma mais proeminente o mundo analógico em detrimento do mundo digital. Dessa maneira, reforçando em mais uma oportunidade que o ato de virtualizar-se faz parte da essência humana, sobretudo quando se leva em conta as estruturas cognitivas do pensamento em seu constante processo de *devir*, entende-se que além das distopias porventura criadas a partir de diferentes desconexões em meio à conectividade,

torna-se possível a abertura de um mundo outro, através de caminhos que coadunam para a projeção de diferentes perspectivas do real apoiadas na valorização das inteligências coletivas e, por consequência, na produção de um espaço mais equânime. Dessa maneira, ao considerar tal perspectiva, compreende-se a urgência utópica da promoção de uma forma de vida mais digna nas cidades a partir da efetivação do direito à cidade, renovada, enquanto obra de arte e que seja de fato apropriada e vivida e não apenas como palco da reprodução do capital.

Em menção ao exposto acima, acerca das inteligências coletivas, no livro intitulado *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*, Pierre Lévy (2010, p.29) define que a inteligência coletiva “é uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências”. Nesse sentido, o ciberespaço, a partir de sua lógica organizacional, promove um acesso ininterrupto à informação, que pode ser acessada a partir da utilização de vários dispositivos e aplicativos digitais³⁷. De certo, a tecnologia possibilitou que a inteligência, a partir de distintas associações, possa ser articulada por uma infinidade de atores, em quase toda parte e instante.

O que se coloca em questão é o fato de tal acesso, o qual poderia de certo contribuir para a articulação de uma cibersociedade pautada no desenvolvimento comunitário, ser apropriado, em grande maioria, pelo capital e suas necessidades de reprodução e financeirização. Contudo, é importante ressaltar que em passado recente, quando o mundo enfrentou uma das piores crises pandêmicas da história recente, a tecnologia foi de extrema importância para a difusão em massa das informações acerca da COVID-19, como também se tornou uma ferramenta essencial para a produção de vacinas e demais medicamentos, mesmo estes respondendo também à lógica de mercado e, por consequência, às necessidades de reprodução do capital.

³⁷ Há diversos aplicativos, vinculados a diferentes plataformas e *Big Techs* (Google, Microsoft, Apple, etc.) que permitem que pessoas em todo mundo trabalhem de forma articulada a partir da utilização de suas ferramentas (Google Docs, Google Drive, Office 365, etc.).

Fazendo alusão em mais uma oportunidade ao trabalho de Pierre Lévy, sobretudo ao considerar as características da dita sociedade da informação, é importante destacar que

A sociedade de informação é uma mentira. Deu-se a entender que, depois de haver se centrado na agricultura, depois na indústria (as transformações da matéria), a economia seria dirigida agora pelo tratamento da informação. Mas, como descobrem, à própria custa, inúmeros empregados e executivos, nada se automatiza tão bem e tão rápido quanto o tratamento à informação. O que resta quando se mecanizou a agricultura, a indústria e as operações que giram em torno das mensagens? A economia girará – como já o faz – em torno do que jamais se automatizará completamente, em torno do irreduzível: a produção do laço social, o “relacional”. Não nos referimos apenas a uma economia do conhecimento, mas a uma economia do humano, mais geral, que engloba a economia do conhecimento como um de seus subconjuntos. (Lévy, 2015, p.43.)

Acerca da afirmação acima é relevante considerar que mesmo sob a égide da sociedade da informação e do capitalismo centrado na produção incessante de conhecimento e inovações tecnológicas, as relações humanas, a partir da tessitura de diferentes laços sociais, se configura como uma forte potência em relação à formação de uma sociedade pautada não no individualismo, mas sim, na associação de indivíduos a partir de suas habilidades e competências. Corroborando com as concepções teóricas de Lévy, Norbert Elias (1994) ao apresentar o seu trabalho intitulado *A sociedade dos indivíduos*, reforça que mesmo a partir do culto ao individualismo, típico das relações neoliberais e reacionárias contemporâneas, a sociedade é um todo orgânico, ou seja, é estruturada a partir de relações sociais complexas, mesmo que aparentemente não sejam consideradas no cotidiano neoliberal.

É fato que o contexto acima apresentado, sobretudo no que tange ao incremento de diferentes tecnologias no cotidiano, como veremos adiante, perpassa muitas nuances da contemporaneidade, intensificando novos hábitos, temporalidades e costumes, tecendo dessa maneira diferentes laços sociais. Estes, por sua vez, podem ser fortificados até mesmo a partir da formação de comunidades virtuais, as quais aglutinam interesses de toda a sorte. Conseqüentemente, tais cenários e contextos, influem de forma significativa na projeção de experiências e vivências que marcam tanto o ciberespaço quanto o espaço, refletindo dessa maneira na produção das cidades e do urbano.

Assim, em busca de caminhos de superação e abertura ao possível, a partir da projeção de um futuro outro, como se tornará explícito nesta tese, têm-se a necessidade de reflexão acerca dos impactos que o *homo digitalis*, em seu fazer cotidiano, causa no urbano contemporâneo através de uma produção do espaço tensionada constantemente a partir da relação das práticas digitais e analógicas que animam a interação entre o espaço e o ciberespaço. Tais tensões, por sua vez, podem ser apropriadas de maneiras distintas, ou seja, sendo também consideradas como caminhos em potência para o fortalecimento do comum a partir do próprio ciberespaço, o qual pode ser utilizado como percurso para a instalação da verdadeira democracia³⁸ e, por que não, um dos motivadores do processo de superação da arquitetura urbana que se baseia na exploração cotidiana de diferentes sujeitos. Nunca na história planetária, parafraseando Milton Santos (1996), a humanidade foi munida de tantas possibilidades, a partir de instrumentos técnicos e tecnológicos, para construir uma sociedade mais justa e igualitária, que poderia, por sua vez, ser dedicada à produção de uma vida urbana renovada.

De certo, o pensamento até então destacado faz parte de uma reflexão utópica, já que consideramos que na atualidade, em meio a diferentes urgências, a sociedade global (em quase sua totalidade), está imersa em um cotidiano que potencializa a promoção do individualismo e da reprodução constante do capital em detrimento da promoção de uma vida comunitária pautada na associação orgânica dos indivíduos a partir de suas competências e habilidades.

A produção do urbano na atualidade, que se verifica em diferentes cidades, seja dos países do norte ou sul global, está impregnada de rótulos que apontam, como dito no capítulo anterior, para a construção de cidades cada vez mais digitais e inteligentes. Contudo, o que se verifica, é um processo de mercadificação da inteligência, que se reveste cada vez mais de símbolos do capital, elevando o padrão de consumo de diversas tecnologias que, ao contrário do que se espera ou se afirma, não libertam os sujeitos da exploração e alienação cotidiana, mas criam por fim, novas ferramentas de controle e monitoramento constante.

³⁸ Fazemos alusão aqui ao conceito desenvolvido por Thamy Pogrebinsch (2009), cunhado a partir de uma criteriosa análise dos escritos de Marx.

Outro ponto de reflexão acerca do diálogo apresentado até então, condiz com o fato de que a alienação, na contemporaneidade, se incrusta cada vez mais no cotidiano, sendo reforçada de maneira contraditória pela própria difusão da informação ou até mesmo, da não informação. Nesse sentido, ao verificar o acesso precário de muitos sujeitos da atualidade à informação e o uso em demasia de *fake news*, torna-se possível perceber que a pós-verdade, conceito tão defendido por D'ancona (2018), reforça diferentes processos distópicos, os quais operam em uma virtualização que reafirma a desinteligência das ditas *Smart Cities* e as distintas tecnologias presentes no espaço.

Diante das reflexões apresentadas acima, cabe-nos indagar como a virtualização baseada na tecnologia se deu ao longo do desenvolvimento humano, sobretudo quando se considera o processo de maturação e desenvolvimento do capitalismo e das tecnologias de comunicação e informação, que o substanciaram desde a Revolução Tecnológica da década de 1970 do século XX até a atualidade. Aliado a tal apontamento, é relevante ainda considerar como tal cenário foi projetado no espaço urbano, que ao longo de vários momentos, foi o receptáculo e promotor de diferentes tecnologias que, por sua vez, ampliaram os processos de (re)produção do capital.

Evidentemente, o capitalismo financeiro, como aponta Harvey (2005), a partir de sua lógica de “aceleração do tempo e encurtamento das distâncias”³⁹, potencializou não somente as estruturas basilares da acumulação flexível de capital levando o capitalismo a outros patamares de potência, mas também constituiu novas e diferentes formas de relacionamento social apoiadas na fortificação da alienação e na corrosão da vida cotidiana comunitária. Assim, novas temporalidades tornam-se comuns no cotidiano, denotando dessa maneira, além de distintas distopias e formas de representação, dinâmicas espaciais que reverberam a exclusão em suas várias dimensões, tornando-a inclusive “comum” aos olhos de muitos.

Assim como em demais momentos da história, grande parte da sociedade contemporânea experimenta diferentes expropriações e formas de ausência

³⁹ Faz-se alusão a teoria da compressão do espaço pelo tempo, na qual o autor referenciado defende a hipótese de, a partir do incremento de inovações no setor de transportes e comunicações, a sociedade global experimentar a diminuição progressiva das barreiras físicas que impediam e/ou dificultavam o deslocamento humano em velocidades sempre crescentes.

projetadas em meio a distintas temporalidades, ancoradas em uma imediaticidade, que na atualidade é prospectada constantemente no ciberespaço a partir da criação de um forte sentido de conexão ininterrupta de suas arquiteturas, como as redes sociais e a Internet como um todo. Dialogando a partir dessa premissa, Veja Cantor (2015) defende que a expropriação, na atualidade, condiz com um processo que transcende a obtenção de mais-valor do trabalhador em seu labor cotidiano como em outrora, a exemplo dos processos produtivos desencadeados pela 1ª e 2ª Revolução Industrial. De acordo com o referido autor, a expropriação contemporânea está diretamente apoiada em uma expropriação da própria dignidade humana, e por consequência, da própria vida a partir de uma lógica cada vez mais apoiada da fluidez das relações humanas, que por sua vez, podem ser criadas, mantidas e potencializadas tanto no plano virtual, quanto real.

Em correspondência ao exposto pelo autor supracitado, cabe levar em consideração os pressupostos elencados por Mészáros (2016), o qual acredita que existem diferentes vertentes da alienação que reverberam não só nas relações econômicas, mas também em aspectos sociais, culturais e filosóficos; ou seja, em diferentes facetas da cotidianidade e existência humana. Assim, a partir de suas múltiplas nuances, a alienação invade e corrói a cotidianidade dos sujeitos em virtude de uma condição que se perpetua em favor do capital e suas constantes necessidades. Nesse sentido, a concepção de cidades distópicas, está apoiada no próprio processo de ampliação da alienação.

Dessa maneira, a partir do culto da velocidade, da “conexão permanente” e da imediaticidade, proeminentes na relação entre a virtualidade e a atualidade na contemporaneidade, aliena-se o indivíduo não apenas em relação ao seu trabalho e fazer cotidiano como exposto, mas também a todas as vertentes da vida cotidiana, reverberando em uma ontologia guiada pelo individualismo e desconexão com a própria formação ontológica do ser, o que é no mínimo contraditório a toda evolução prospectada e articulada pelas “possibilidades” do ciberespaço.

Diante o exposto, é importante refletir que o dito *homo digitalis*, que vive na fronteira entre o atual e o virtual, impacta de forma determinante a produção do espaço na atualidade a partir de uma cultura pautada cada vez mais na instantaneidade e individualidade. Assim, as tensões entre atualidade e virtualidade

e, por consequência entre espaço e ciberespaço, abrem caminho para o desenvolvimento de diferentes formas de sociabilidade e concepções de desenvolvimento humano.

Nesse sentido, é importante compreender que estamos diante da existência de um *homo digitalis*, ao menos em tese e distopicamente, cada vez mais desterritorializado no “real” e reterritorializado⁴⁰ no virtual, que por sua vez, promove o culto a intermitência diante a crença da instantaneidade e conexão ininterrupta, a qual oportuniza novas formas de geolocalização, de ser e estar no espaço. Assim, tornar-se-á comum a existência de fluxos que operam em diferentes espaços (virtuais ou reais) com distintas temporalidades, denotando conseqüentemente a novas espacialidades, que se fundam cada vez mais na possibilidade de transcendência dos espaços físicos em virtude das conexões com o ciberespaço. Dessa forma, ao conceber que a virtualidade é inerente a humanidade, o *homo digitalis* vive em contínuo movimento de projeção, não levando em conta os processos atuais que se substanciam a partir de relações históricas determinadas e excludentes. Nesse sentido, é válido ressaltar que o acesso ao ciberespaço, de certa maneira, camufla o não acesso ao espaço.

Tal contexto, que altera as dinâmicas espaciais em virtude da implementação de novas lógicas de relacionamento com o tempo, se apoia em um aumento sem igual de expropriações, já que grande parte dos indivíduos não compartilham os mesmos acessos e/ou formas e velocidades de conexão ao ciberespaço, experimentando de forma consciente ou não, um processo similar de não acesso e de negação de direitos. Dessa maneira, ainda em menção aos pressupostos apontados por Veja Cantor (2015), é de extrema relevância considerar que

No início, a expropriação do tempo no capitalismo industrial referia-se preferencialmente aos trabalhadores e ao local de trabalho, pois se tratava de converter ex-camponeses e artesãos, que tinham sua própria gestão do tempo - algo muito diferente do tempo abstrato do capitalismo, governado pelo relógio -, com seu ritmo lento e vagaroso, em que a

⁴⁰ Fazemos nesse momento do texto clara alusão ao trabalho de Raffestin (1993), que traz em seu livro *Por uma Geografia do Poder*, os conceitos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização. Contudo, há de se ressaltar o trabalho desenvolvido por Haesbaert (2004), sobretudo quando o autor aponta que há na verdade um mito da desterritorialização, tendo em vista que a identidade sociocultural construída a partir da territorialização se mantém no indivíduo. Dessa maneira, mesmo reterritorializado no virtual, o *homo digitalis* traz consigo a essência do real.

atividade produtiva se misturava com a festa, o calendário religioso, o carnaval, o descanso, a vida em comum. (Veja Cantor, 2015, p.2, tradução própria)⁴¹.

A partir dos dizeres acima, que de certa maneira ratificam as reflexões até então desenvolvidas, se torna evidente que a lógica de produção do capital subverteu as temporalidades previamente existentes em favor de um processo produtivo cada vez mais constante e objetificado. Estas, por sua vez, estavam ancoradas a diferentes formas de trabalho e de existência humana, em que a festa, o calendário religioso e o ócio faziam parte da integralidade da vida, se expressando em uma cotidianidade muito distinta da atual. De certo, a própria concepção de realidade foi alterada, haja vista que o próprio sentido da festa e até mesmo do prazer foram ressignificadas, sendo mercadificadas a partir do contexto neoliberal que anima as dinâmicas relacionais da sociedade atual. Assim, o que se percebe na atualidade, através de uma imersão cada vez mais intensa no ciberespaço, é a ratificação de relações sociais contemporâneas fundadas no culto de uma aparente individualidade.

No ano de 2024, a Apple, uma das grandes corporações de “desenvolvimento tecnológico”⁴² global, lançou um dispositivo eletrônico, o *Apple Vision Pro*, que promete revolucionar a forma segundo a qual a sociedade atual navega na Internet e utiliza os diferentes recursos digitais⁴³. O dispositivo oportuniza ao usuário a possibilidade de criar uma fusão entre a realidade virtual e a realidade aumentada, a qual permite que o utilizador do objeto visualize, em qualquer ambiente em que possa estar, infinitas telas projetadas na realidade, aumentando dessa maneira a imbricação entre o atual e o virtual.

⁴¹ En un principio la expropiación del tiempo en el capitalismo industrial estaba referida de forma preferente a los obreros y al ámbito laboral, porque se trataba de convertir a antiguos campesinos y artesanos, que tenían su propio manejo del tiempo - algo muy diferente al tiempo abstracto del capitalismo, regido por el reloj -, con sus ritmo lento y pausado, en el que se mezclaba la actividad productiva, con la fiesta, el calendario religioso, el carnaval, el descanso, la vida en común.

⁴² É importante salientar que a visão de desenvolvimento que se apresenta, sobretudo quando se leva em consideração o ramo de atuação das *Big Techs*, está diretamente ancorada na reprodução do capital e não na promoção da dignidade humana e fortalecimento da vida comunitária.

⁴³ Destacamos que a aplicação mencionada, ao que se refere à natureza desta tese, se apresenta como uma aplicação que potencializará de forma significativa a imbricação entre o atual e o virtual, e por consequência, entre o espaço e ciberespaço.

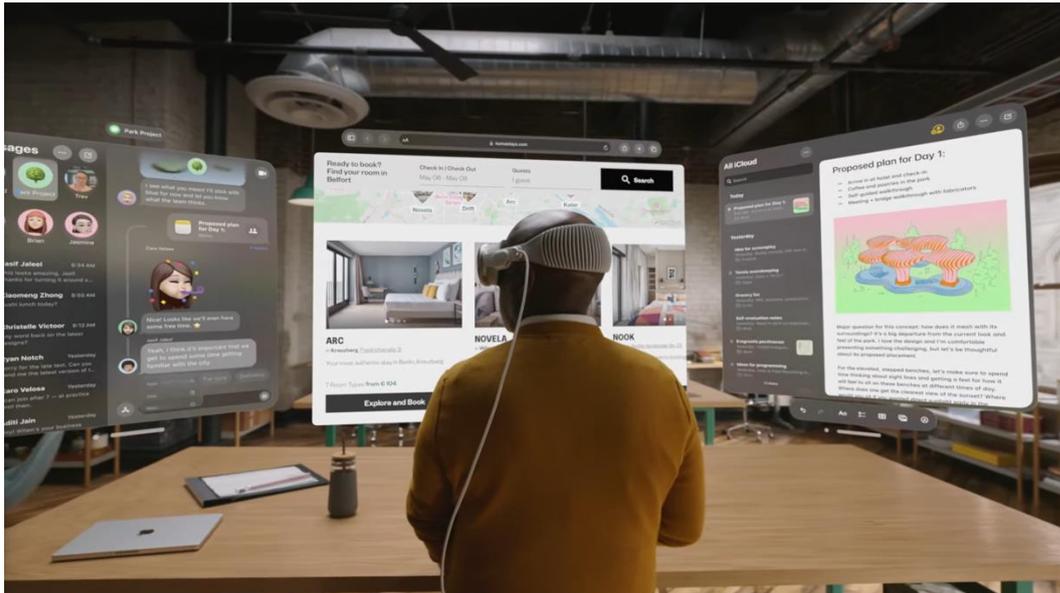


Figura 05 – Interação entre realidade virtual e aumentada e sua projeção espacial

Fonte: <https://uds.com.br/blog/o-que-e-vision-pro/>

A imagem acima, emblemática por si só, traz de forma clara e inequívoca a imbricação do ciberespaço ao espaço a partir do dispositivo mencionado. Ao analisar as funcionalidades do *Apple Vision Pro*, é possível perceber que a mutabilização do real, a partir da virtualidade, se materializa a partir de diferentes formas projetivas. Entretanto, como cabe questionar, em que medida tal produto é acessível ao grande público? Além disso, como tal objeto tecnológico pode revolucionar o modo como as sociedades se relacionam no tempo e espaço? Estaríamos frente a concretização das distopias anunciadas nas obras *cyberpunk* da década de 1980 do século XX?

Prospectando possíveis respostas para as questões colocadas, apresenta-se que o aparelho, que custa nos Estados Unidos, país que primeiro o lançou em 02 de fevereiro de 2024, US\$ 3.499, é um objeto tecnológico não acessível à maior parte da população global. A não disponibilidade se justifica tanto pelo valor do objeto, que no Brasil, a partir da importação, tem custo na ordem de R\$ 17.000,00, quanto em relação à sua disponibilidade, já que o aparelho se encontra disponível apenas em alguns países do globo.

Ainda em relação ao produto supracitado, que como apresentado ao longo do texto possibilita a interação entre o atual e o virtual, é importante ressaltar que

este compõe um sistema de objetos técnicos e tecnológicos cada vez mais presente no cotidiano da humanidade. Santos (1996) já nos chamava a atenção acerca da interação entre o sistema de objetos e o sistema de ações e a importância de tal interação à compreensão da produção do espaço. O espaço, a partir da perspectiva apresentada pelo geógrafo brasileiro mencionado, é produzido por um jogo constante de ações de diferentes atores e agentes que mobilizam objetos em prol do desenvolvimento de suas necessidades técnicas e societárias. Nesse sentido, o *homo digitalis*, ora agente, ora ator, carrega em si heranças técnicas de tempos passados, que, por sua vez, são projetadas na produção do espaço contemporâneo.

Ainda em relação ao autor supracitado, a relação entre os diferentes sistemas que compõem o jogo da produção espacial é mediada por variadas intencionalidades, que respondem, como defendido no capítulo anterior, a diferentes urgências, modos de vida e representações. Dessa forma, urge refletir sobre quais são as intenções que norteiam o projeto de um objeto tecnológico como o *Apple Vision Pro*. Quais ações podem ser atreladas ao objeto tecnológico apresentado? Quais poderão ser os impactos e/ou influências de tal objeto na produção do espaço na atualidade?

De certo, tais questionamentos, que também se apresentam como reflexões acerca do uso de objetos tecnológicos no cotidiano, serão objeto de análise ao longo desta tese. Por hora, o que chama a atenção é o fato de tal aparelho, assim como tantos outros desenvolvidos pela humanidade ao longo de sua existência, servir não à emancipação humana, mas sim, à (re)produção constante do capital, seja através da comercialização do próprio produto ou da potência que o objeto pode representar para o desenvolvimento de diferentes formas de trabalho e produção econômica. Entretanto, a despeito do que apontou Gibson (1991), é possível que tal aplicação, a partir da concepção de futuros outros, possa produzir não apenas a entrada na *matrix* e a imersão real no ciberespaço a partir de uma ótica puramente capitalista, mas sim, carregado de outras intencionalidades, promover o acesso democrático ao ciberespaço, gerando assim novas possibilidades de desenvolvimento humano a partir de uma utopia que se funda na esperança e na emancipação da sociedade.

Mesmo diante da constatação acima, que remonta à projeção de futuros outros, a lógica que se desenha a partir da relação entre o espaço e o ciberespaço, é

a do desenvolvimento constante do sistema capitalista a partir da exploração constante de diferentes sujeitos. Até mesmo nas obras *cyberpunk* do século passado, que apresentam o cotidiano de sociedades distópicas, é possível apreender o uso da tecnologia a partir do desenvolvimento de um ciberespaço caótico, guiado em grande medida à satisfação das necessidades humanas a partir do capital e suas premissas. Assim, como o prelúdio apresentado, a concepção de inovações ditas revolucionárias, estão no cerne do desenvolvimento humano. O que é questionável são suas formas de apropriação e a concepção de um *homo digitalis* cada vez mais voltado à individualidade, característica esta que o define enquanto neoliberal.

O aparelho desenvolvido pela *Apple*, visualmente, se assemelha aos óculos da ficção científica utilizados por Case, o *cowboy* ciberespacial de *Neuromancer*, já citado anteriormente, que os utiliza para acessar o ciberespaço. No romance mencionado, é a partir desta espécie de *cockpit* ciberespacial que o protagonista da história acessa a *matrix* e, por consequência, o ciberespaço a partir de sua atualidade. De forma semelhante às experiências de Case, Tim Cook (2024), CEO da *Apple*, em entrevista à CNN, aponta que “O *Apple Vision Pro* é o dispositivo eletrônico de consumo mais avançado já criado. Sua interface de usuário revolucionária e mágica redefinirá a forma como nos conectamos, criamos e exploramos”.



Figura 06 – A relação entre o Neuromancer e Apple Vision Pró.

Fonte: <https://www.amazon.com.br/Neuromancer-William-Gibson/dp/8576573008>

De certo, há sensíveis semelhanças entre as práticas espaciais protagonizadas por Case e as que serão possibilitadas pelo *Apple Vision Pro*. Entretanto, na distopia vivida pelo personagem mencionado, era possível uma imersão completa no ciberespaço, ou seja, uma transferência integral de consciência para o mundo dito digital, o que não ocorre com o aplicativo. Na verdade, em momentos anteriores do texto, foi discutido que a Internet, uma pequena vertente do ciberespaço, se apropriou de termos e expressões do real para a sua prefiguração e popularização. Contudo, a despeito do que fora vivido por Case na obra literária já mencionada, o dispositivo criado pela *Apple* promove uma inserção do ciberespaço no espaço, ou seja, não há a necessidade de transcendência do indivíduo ao plano digital.



Figura 07 – Os apps e sua representação no real

Fonte: <https://wiser.my/apple-vision-pro-cip-m2-paparan-23-juta-piksel-dengan-harga-rm16000>

A imagem acima, a qual apresenta a visualização que um indivíduo tem do espaço a partir da utilização do objeto tecnológico citado, torna claro a fusão entre espaço e ciberespaço. O acesso a diferentes aplicabilidades, integradas cada vez mais ao atual, reforça a lógica da contínua conectividade, que se assenta na ideia de um certo *continuum* entre espaço e ciberespaço.

As reflexões encaminhadas até aqui reforçam o fato de que o ciberespaço, como acúmulo de tecnologias, promove o crescimento de plataformas que se estruturam justamente a partir de uma necessidade cada vez maior de estabelecimento da conectividade ininterrupta, que de certa maneira inaugura novas formas de uso da tecnologia, promovendo, assim, inserções ainda maiores de suas aplicações ao cotidiano. A exemplo, considerando o caráter produtivo do capitalismo, a despeito de sua fase industrial ou até mesmo da acumulação flexível, que potencializaram a extração do mais-valor a partir da velocidade de produção e circulação, o capitalismo atual se estrutura a partir da produção constante de virtualidades ancoradas na promoção direta de inovações tecnológicas. Em mais uma oportunidade de análise a partir dos postulados teóricos de Veja Cantor (2015), compreende-se que

No mundo contemporâneo, a expropriação do tempo estendeu-se a todas as áreas da vida e não se limita, como antes, ao local de trabalho. No capitalismo atual, a expropriação da vida se expressa, paradoxalmente, *na falta de tempo*. (Veja Cantor, 2015, p.2, tradução própria)⁴⁴.

O capitalismo, em seu desenvolvimento histórico, é marcado por contradições inerentes à sua própria existência. Atualmente, mesmo com a intenção constante de “aceleração do tempo” a partir da potencialização tecnológica dos meios de locomoção e comunicação e criação de espaços ditos “colaborativos de trabalho”, a falta de tempo, contraditoriamente, se expressa na cotidianidade dos sujeitos. Em mais um processo distópico, o capitalismo tecnológico prevê a criação infundável de *hubs*⁴⁵ digitais de colaboração, que por sua vez, contraditoriamente, reforçam a individualidade e as práticas neoliberais, que carregam consigo um senso de globalização que se apropria cada vez mais do estranhamento e da fragilização dos laços comunitários e sociais. Dessa maneira, o mito da colaboração e co-criação, tão difundidos no século XXI por grandes corporações como competências e habilidades inerentes ao próprio desenvolvido da *persona* atual, tornaram-se por si só uma vertente de perda de sociabilidade e não, como sugerem as *Big Techs*, espaços para a real promoção do comum ou da vida em comunidade.

É essencial conceber uma análise geográfica que se apresente como um caminho para a compreensão da cotidianidade pautada nessas diferentes temporalidades e espacialidades apoiadas hoje na relação entre espaço e ciberespaço. Dessa maneira, a Geografia da virtualidade apresenta-se como um viés importante para o entendimento das distintas dinâmicas produtivas do capital, que por sua vez, apoiadas em uma certa mistificação da tecnologia, reverberam em produções cada vez mais distópicas do espaço, e por consequência, do próprio urbano. A própria tecnologia, em sua apreensão distópica, apresenta-se com um fetiche contemporâneo, que se expressa tanto nos objetos tecnológicos e suas

⁴⁴ En el mundo contemporáneo, la expropiación del tiempo se ha extendido a todos los ámbitos de la vida y no se limita, como antes, al terreno laboral. En el capitalismo actual la expropiación de la vida se expresa, de manera paradójica, en la *falta de tiempo*.

⁴⁵ Os hubs digitais (como o Microsoft Teams, por exemplo) são aplicações que simulam ambientes dinâmicos com vistas à promoção de espaços de colaboração e desenvolvimento de inovações.

constantes inovações, quanto nas possibilidades de interação com o ciberespaço que estes possibilitam.

É relevante refletir sobre os impactos que as inovações causam na vida cotidiana. De certo, a despeito da lógica que prepondera nas relações capitalistas, vale ressaltar que a profusão inventiva da humanidade pressupõe uma articulação dos objetos técnicos com a vida social, o que possibilita, ao menos em potência, o desenvolvimento da própria vida comunitária. Ao tecer uma análise profícua sobre a inovação e sua interação com a sociedade a partir da constituição de uma Geografia da Inovação, Tunes (2020), defende que

[...] a inovação deve ser compreendida como um processo social em que diferentes agentes possuem uma participação efetiva e que, mais que isso, a eficácia do próprio processo de inovação está na capacidade desses agentes se coordenarem no sentido de estabelecerem relações que podem apresentar formas variadas entre si. (Tunes, 2020, p.18).

Ao compreender a inovação como um processo social, torna-se possível, em mais uma oportunidade, a análise dos diferentes papéis desempenhados pelos diversos agentes e atores envolvidos na produção espacial. Nesse jogo de representações, ao ater-nos ao sistema capitalista, há a amplificação da desigualdade que se instala de forma significativa no espaço global, haja vista a segregação tecnológica existente no mundo na atualidade. Assim, a partir das considerações realizadas até então, é de extrema urgência compreender que o espaço não é um mero espelho da sociedade, onde as ações sociais se cristalizam sem contradições e de forma homogênea. As materializações da atualidade, advém de projetos de sociedade que estão associados a ideologias e formas de percepção da realidade, moldadas em diferentes momentos e contextos históricos, que se projetam a partir dos mecanismos sociais existentes em cada momento da existência humana.

A partir do exame das questões expostas anteriormente, é possível compreender, com notoriedade, que a produção espacial contemporânea está atrelada a diferentes redes que se estruturam a partir de variadas formas de interação social, que estão em um constante devir. A própria produção espacial se estrutura a partir de distintas vivências e experiências acumuladas ao longo do tempo. Nesse

sentido, Massey (2008) apontava para a necessidade de compreender que o espaço, na verdade, é produzido por uma miríade de estórias-até-então construídas, ou seja, a partir de uma multiplicidade de olhares, percepções, vivências, expectativas, ideologias e experiências acumuladas ao longo do tempo histórico.

Entende-se, portanto, que na atualidade, a partir do ciberespaço, há um contínuo encontro de estórias-até-então construídas, que por sua vez, multiplicam experiências e vivências, e que para o bem ou para mal, se popularizam e se cristalizam de maneira cada vez mais interativas, produzindo “futuros” ou “virtualizações” cada vez mais imediatos e até mesmo, por que não, distópicos. Há uma transcendência do que é real em virtude do que é possível. O que é surpreendente é que esse *continuum* de possibilidades se ampara em percepções de mundo cada vez mais algorítmicas, ou seja, moldadas por direcionamentos atrelados às necessidades do capital, sobretudo ao que tange ao controle e acumulação de dados.

No trabalho intitulado *Colonialismo Digital: Por uma crítica hacker-fanoniana*, Faustino, Lippold (2003), afirmam que há na atualidade uma acumulação primitiva de dados, típica do capitalismo de plataforma, que se ampara na expropriação de informações derivadas dos acessos constantes ao ciberespaço realizados pelos usuários que, por sua vez, geram vultosas somas econômicas. Assim, para além das experiências imersivas vividas por aqueles que acessam o ciberespaço, há ainda, de acordo com os autores citados, uma perpetuação do velho a partir do novo, ou seja, da expropriação contínua de tempos de vida. Assim, ao considerar as nuances do capitalismo de plataforma, considera-se que tal prática

Não se trata, aqui, de simples alteração dos ritmos de vida ou mesmo da percepção humana em decorrência da introdução de novas tecnologias, como poderia se presumir, e sim da manipulação intencional da cognição humana por grandes corporações empresariais a partir dessas tecnologias com vistas à ampliação da acumulação de capitais. É um verdadeiro saque milionário de informações transformadas em ativos econômicos, perpetrado por corporações imperialistas que extraem, armazenam e processam dados, *expertise*⁴⁶ e padrões sociais, quantificando parte fundamental de nossa vida para melhor mercantilizá-la. (FAUSTINO, LIPPOLD, 2023, p.95).

⁴⁶ O destaque na citação foi realizado pelos próprios autores do texto.

De fato, ao refletir sobre a complexidade crescente das redes que se entrecruzam espacialmente na contemporaneidade e que compõem a lógica do capitalismo de plataforma ou capitalismo de dados, tendo em vista ainda a mediação destas relações pela constante inovação tecnológica, compreende-se que tais estruturas se apoiam cada vez mais em relações sociais que se articulam no ciberespaço, reforçando sua lógica e formas de representação no dito real.

Ao analisar a estrutura das redes e suas complexidades, Dias (2010) afirma que a sociedade está apoiada em diferentes tipos de redes, que, por sua vez, moldam o cotidiano impactando diretamente no relacionamento social dos sujeitos no espaço, bem como em sua produção. Nesse sentido, a referida autora, através dos seus escritos e construções teóricas, defende que

Toda a história das redes técnicas é a história de inovações que, umas após as outras, surgiram em respostas a uma demanda social antes localizada do que uniformemente distribuída. **Com a ferrovia, a rodovia, a telegrafia, a telefonia e finalmente a teleinformática, a redução do lapso de tempo permitiu instalar uma ponte entre lugares distantes: doravante eles serão virtualmente aproximados**⁴⁷. (Dias, 2010, p. 141).

Após a citação acima, é possível concordar que as inovações tecnológicas cumprem importante papel na construção e amplificação de diferentes redes. Contudo, chama-se a atenção para a análise do papel desempenhado pela Internet na atualidade, no qual as “distâncias sequer existem”⁴⁸ no plano das interações sociais, que se integram às dinâmicas do ciberespaço. Há aqui, claramente desenhado, novas formas de espacialidade, que se fundam a partir da interação constante entre o “real” e o digital.

Remontando ao exposto, é de extrema urgência considerar como nos aponta Lefebvre (1983), que há uma constante presença atrelada às ausências percebidas (ou não) nas relações que mediam a vida cotidiana no ciberespaço. Nesse sentido, destaca-se que nas interações digitais (aqui fazemos menção aos aspectos

⁴⁷ Os grifos realizados na citação são de autoria do autor desta tese.

⁴⁸ É importante destacar que as distâncias, sobretudo as que se referem à estratificação social, se reforçam e são amplificadas pelos diferentes graus de acesso ou não acesso à Internet e ao próprio ciberespaço. O que se cultua, é na verdade, uma distopia na qual o uso contínuo do ciberespaço apresenta-se como uma forma de se anularem as distâncias físicas entre os indivíduos.

relacionados à *internet* e suas tecnologias) há encontros calcados nos desencontros, ou seja, é possível estabelecer relações sociais a partir de ausências sociais no plano físico, que se estabelecem virtualmente. Cabe ainda, em relação a esse tema, exemplificar que as ausências em meio às presenças se dão ainda nas próprias infraestruturas existentes que permitem a configuração do ciberespaço. Ao utilizar, por exemplo, a navegação em nuvem, há a falsa impressão de que tal serviço está imerso em imaterialidade, não considerando-se toda a infraestrutura urbana e de cabos submarinos necessários ao suporte de tais aplicações.

É importante destacar que a presença de tal materialidade é negada justamente pelo fato de esconder relações baseadas no colonialismo e imperialismo. Dessa forma, em mais uma oportunidade retomando os escritos de Faustino, Lippold (2023), há na atualidade um forte colonialismo de dados, que se apresenta de forma dissimulada em meio a todas as “experiências” possibilitadas pelo ciberespaço, porém que não deixa de ser tão violenta quanto as demais formas de expropriação que se fizeram presentes na história. Na verdade, ao utilizar diferentes aplicações do mundo digital no cotidiano, é importante levar em conta que

[...] não há software sem hardware. Falta dizer que também não há hardware sem ouro, lítio, columbita, tantalita, coltan, cobalto, entre outras matérias-primas frequentemente extraídas de forma violenta de terras indígenas ou africanas pelo garimpo predatório. (FAUSTINO, LIPPOLD, 2023, p.86).

O ciberespaço, diante do exposto até então, apresenta-se como um espaço no qual há o encontro puro e simples de estórias-até-então-construídas como nos aponta Massey (2008)? Ou o mesmo ciberespaço estaria, por sua vez, aumentando o distanciamento social entre os indivíduos e, em contrapartida, reiterando o culto ao individual em detrimento à vida comunitária? O que substancia as ausências de percepção quanto às expropriações sofridas em meio a amplificação do colonialismo? Como a cidade absorve as infraestruturas ciberespaciais e quais são os impactos que estas causam aos indivíduos?

Cunhar respostas diretas para os questionamentos acima, seria um tanto quanto leviano. Porém, a partir do diálogo até aqui tecido, torna-se possível apreender que o incremento da tecnologia molda o espaço a partir de diferentes

virtualizações, ou seja, a partir de numerosos projetos e necessidades, abrindo portas para a manutenção do *status quo* ou para a especulação de outros projetos de sociedade. Contudo, vale a menção de que na atualidade vivemos em uma sociedade mediada não só pela tecnologia em si, mas também pela difusão em massa da informação, haja vista a popularização da utilização das redes sociais como *Instagram, Facebook, Twitter, Tik Tok, Koo*, dentre outras. Além disso, a inteligência artificial, que já se faz presente no cotidiano da humanidade, está se tornando cada vez mais proeminente no mundo contemporâneo em diferentes contextos e situações.

Castells (2020), em seu trabalho que compõe o livro intitulado *A sociedade em rede*, defende que vivemos em uma organização social constituída por diferentes redes mediadas pela constante conexão dos indivíduos junto ao plano virtual, o que denota a construção contemporânea de uma dita sociedade da informação. Ainda em relação aos preceitos do autor supracitado, a vida humana na atualidade responde a uma complexidade que se dá tanto no “real” quanto no “digital”. Assim, a manutenção de redes sociais para interação humana se fundamenta a partir de um ciberespaço que molda costumes, potencializa novas interações econômicas, culturais e sociais.

De certo, em parte, o que aponta Castells (2020) se faz visível no espaço, sobretudo quando defende que há, hoje em dia, uma maior circulação da informação e de aparatos técnicos calcados em um ciberespaço progressivamente associado às dinâmicas da cotidianidade. Contudo, considerar que tais incrementos tecnológicos possam moldar a sociedade como um todo é um disparate, haja vista as desigualdades sociais presentes em vários pontos do globo, que, por sua vez, apontam cada vez mais para a exclusão social de grandes áreas do planeta e o reforço da desigualdade. Ainda em menção a discordância aqui apontada, é relevante levar em conta as próprias características do capitalismo em si, em que dentre as muitas contradições experienciadas no sistema, observa-se que a busca incessante por inovações tecnológicas e o “desenvolvimento” de alguns poucos sujeitos no espaço promovem a alienação, exclusão e pobreza de muitos.

Corroborando com a crítica realizada à parte do trabalho de Castells (2020), é importante trazer à tona novamente as considerações realizadas por Veja Cantor

(2015) ao defender que a vida cotidiana na atualidade é extremamente marcada por novas formas de expropriação econômica e social, que se projetam no ciberespaço através do acesso diferencial à Internet. Estas, por sua vez, atreladas a uma nova percepção de tempo, estão associadas a dinâmicas do sistema capitalista, que se projetam ainda mais sobre a valorização da figura do indivíduo em detrimento da comunidade. Dessa forma, o capital, como agente de produção, oportuniza condições técnicas para a constante conectividade de parte da sociedade ao ciberespaço, que por sua vez, promove cada vez mais o consumo diferencial, a exclusão, o colonialismo digital e o fomento de processos de alienação social.

É importante ressaltar que a partir de tal narrativa identifica-se que diante do capitalismo e suas mazelas, tais inovações ampliaram as contradições existentes no cerne do sistema, pois ao mesmo tempo que promovem a ideia da inclusão às TICs, potencializam também a exclusão em diferentes formas de ausência. Dessa maneira, ao analisar o contexto apresentado até então, defende-se a existência de uma inclusão precária, que se torna visível não só nos países da periferia global, como também nos tecidos urbanos de diferentes cidades.

De fato, a dita sociedade da informação carrega consigo, contraditoriamente, alarmantes índices de falta de acesso ao conhecimento e ao próprio ciberespaço, denotando dessa forma mais uma série de contradições⁴⁹ que se instalam no cerne do capitalismo. Dessa maneira, pode-se perceber, contraditoriamente, a manutenção da exclusão e falta de acesso, que por sua vez, permeiam diferentes ausências em meio a presenças.

⁴⁹ Chama-se a atenção para o fato do capitalismo, como sistema, ter em seu projeto de desenvolvimento a exclusão de muitos em virtude da produção e reprodução do capital. Partindo de tal premissa, não há contradições inerentes à sua estrutura quando nos deparamos com a segregação e exclusão sistêmica causada pelo capitalismo em diferentes momentos da história. Contudo, a contradição que se instala é no cerne do próprio ciberespaço, que sob o signo da conectividade constante se apresenta como mais uma ferramenta de manutenção do *status quo* vigente, ou seja, da reprodução incessante do capital a partir da extração constante do tempo de vida humano.

Número de Assinantes de Internet Banda Larga no Mundo - 2017

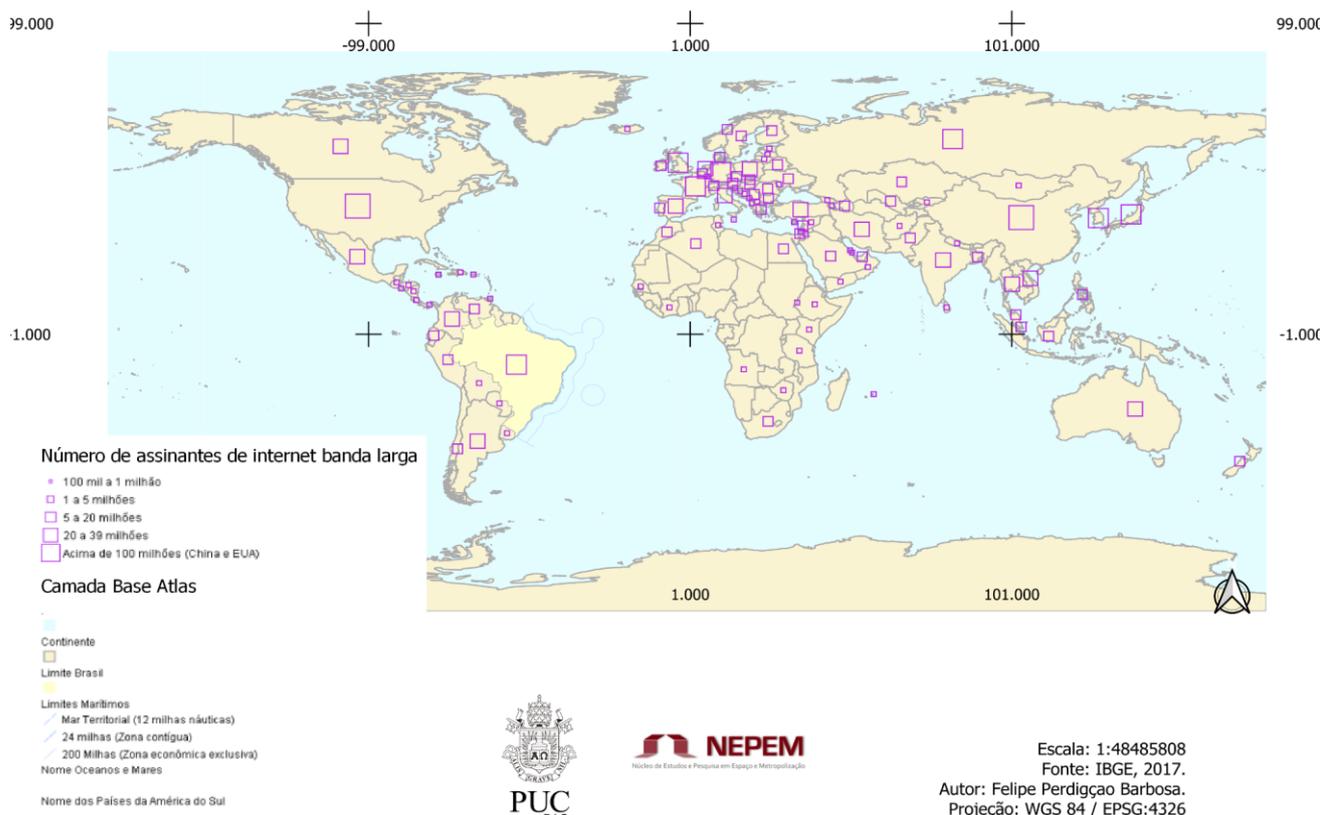


Figura 08 - Número de Assinantes de Internet Banda Larga no Mundo

Fonte: IBGE, 2017

Atrelado ao contextualizado acima, reitera-se, como é possível observar na figura anterior, que o acesso diferencial ao conhecimento e informação também se dá em relação à própria conectividade direta ao ciberespaço. O mapa que compõe a figura supracitada, apresenta o número de assinantes de Internet banda larga no mundo, no qual torna-se possível mais uma vez examinar que os maiores índices de conexão à Internet estão na Europa Ocidental, Estados Unidos e algumas áreas da Ásia, sobretudo China, o que demonstra o acesso diferencial à informação e utilização do ciberespaço.

Usuários de internet a cada 100 habitantes - 2017

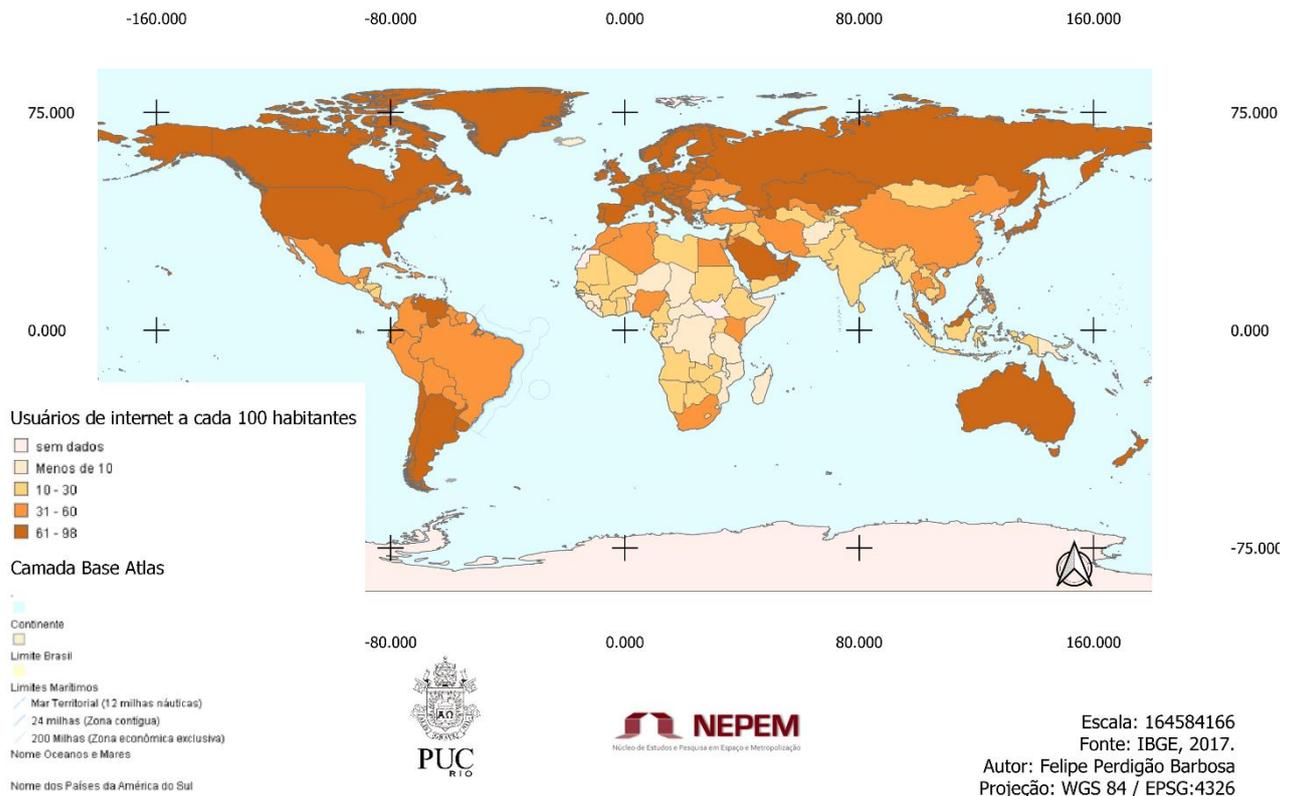


Figura 09 - Usuários de Internet a cada 100 habitantes

Fonte: IBGE, 2017.

Tomando como base analítica a concentração de usuários da Internet a cada 100 habitantes, é evidente que o mundo experimenta um degradante processo de segregação tecnológica. Estas, por sua vez, assim como os níveis mais elevados de analfabetismo, se concentram nas áreas mais vulneráveis do planeta, ratificando o desenvolvimento combinado desigual que se fortifica a partir dos processos históricos de reprodução do capital.

Estaríamos então, como defende Castells (2020), inseridos de fato na sociedade da informação? A que redes estamos conectados? A sociedade atual, com base nas contradições acima apresentadas, poderia ter na figura do *homo digitalis* uma forma de representação cotidiana no ciberespaço?

É importante ressaltar, como em outros momentos do texto, que na realidade, a sociedade atual, marcada por uma orientação do capital pelo acúmulo de dados, geração incessante de informação e controle panóptico da realidade,

promove a utilização disfuncional da tecnologia, ao menos do ponto de vista da promoção da dignidade humana e emancipação social. Dessa forma,

Vivemos hoje uma informática de dominação, uma comunicação que bloqueia a tecnodiversidade e as possibilidades dos povos de criarem e recriarem seus aparatos tecnológicos. Mulheres, negros, povos originários são orientados a se contentar com a condição de usuários de soluções criadas pelas big techs. O colonialismo dissemina que o único modo de criar tecnologias é esse que nos subordina e nos modula. Afinal, as plataformas digitais alegam buscar apenas e tão somente a melhora de nossa experiência. Para tal, extraem constantemente nossos dados a fim de realizar previsões, a ponto de não precisarmos mais querer, uma vez que os algoritmos que aprendem com os dados de comportamento poderão prever nossas vontades. (FAUSTINO, LIPPOLD, 2023, p.18).

Contraditoriamente, ao passo que a sociedade mais se “integra” ao ciberespaço e a suas dinâmicas, potencializando dessa maneira a figura do *homo digitalis*, mais há a inclusão precária da sociedade no dito mundo digital. Para grande parte da sociedade atual, o acesso ao ciberespaço condiz apenas com a utilização das redes sociais, o que por sua vez, anula toda a potência da tecnologia na promoção de outras possibilidades de desenvolvimento humano e comunitário. Considerando as questões postas até então, pretende-se ao longo desta tese, estabelecer diálogos que se configurem como caminhos para a reflexão não apenas do cenário que se apresenta a partir dos questionamentos realizados ao longo do percurso, mas também como possibilidade de ação e mudança do *status quo*, o qual se ampara na relação entre o espaço, ciberespaço e sociedade na contemporaneidade.

A informação, na atualidade, é uma importante mercadoria, como bem foi salientado anteriormente. Dessa maneira, o acesso aos dados, coletados diretamente dos acessos dos indivíduos ao ciberespaço, estão na centralidade de um processo complexo de tratamento molecular da informação. Nesse sentido, é importante tecer diálogos com Lévy (2015), ao apontar

O tratamento molecular da informação abre um *ciberespaço*⁵⁰ que interconecta virtualmente todas as mensagens digitais, multiplica os captadores e “semáforos”, generaliza as interações e os cálculos em tempo real. O *ciberespaço* tende a reconstituir em escala mais ampla o plano, o *continuum indivis*, o caldo vivo e flutuante que unia os signos e os corpos, como os signos entre si, antes que a mídia isolasse e fixasse as imagens. (Lévy, 2015, p. 56).

⁵⁰ Respeitamos os destaques realizados pelo próprio autor.

Como a citação acima apresenta, o ciberespaço tende a reunir hipertextos, imagens, mídias, mensagens e conexões digitais cada vez mais amplificadas, oportunizando uma ideia de continuidade, que por sua vez, atrela o ciberespaço ao espaço dito real. De certo, contemporaneamente, há um metabolismo instituído entre espaço e ciberespaço, sendo que ambos se fundem no cotidiano a tal ponto, que se torna cada dia mais complexo estabelecer as fronteiras entre ambos⁵¹. Nos “territórios” do ciberespaço há uma multiplicidade de novas conexões, ou territorialidades, que se projetam sobre o mito da desterritorialização⁵², haja vista a potência e a sensação de instantaneidade dos acessos e as múltiplas plataformas que compõem a arquitetura ciberespacial.

É de extrema utilidade considerar que o *continuum* potencializado hoje entre espaço e ciberespaço, por si só, não é bom ou ruim em relação às dinâmicas sociais existentes na atualidade. O que nos cabe analisar são os projetos de sociedade envolvidos na utilização das arquiteturas do ciberespaço. Dessa forma, é preciso reiterar que as interações existentes entre a realidade e a virtualidade se fundamentam em ideologias e projetos de sociedade que respondem a diferentes condições sociais e culturais.

A abertura ao novo, ou melhor, às novas possibilidades de tessitura de relações sociais projetadas nos meandros do ciberespaço, a partir do acesso à Internet, diferentes aplicativos e objetos tecnológicos, depende essencialmente da construção de novas formas de relação com a virtualidade. Assim, para melhor elucidação do tema, torna-se fundamental estabelecer diálogos sobre as formas de representação social que envolvem a figura do dito “*homo digitalis*” e suas diferentes conexões, desconexões, presenças e ausências.

Nesse sentido, se torna relevante considerar que as relações construídas entre os indivíduos na sociedade se dão a partir de diferentes papéis e representações. Tal fato, obviamente, não pode ser considerado como um

⁵¹ A própria utilização do Apple Vision Pro, como mencionado anteriormente, auxilia na ausência da fronteira entre espaço e ciberespaço. Contudo, mesmo na invisibilidade, a fronteira existe, se faz presente em meio a ausência.

⁵² Fazemos alusão a Haesbaert (2004), que desenvolve importante debate sobre a desterritorialização, defendendo que, em verdade, não ocorre uma completa perda de vínculos junto à determinado território.

apontamento teórico novo. Contudo, é válido reiterar que o ciberespaço, e sua “abertura de possibilidades”, potencializa a amplificação e até mesmo a criação de novas formas de representação, que se articulam entre o real e o digital, invadindo todas as nuances da vida cotidiana.

De certo, Lefebvre (1983) já elencou a importância de se considerar o duplo caráter do espaço. Para o referido autor, o espaço também deve ser compreendido como um espaço de representações. Assim, considerando os pressupostos teóricos formulados pelo autor supracitado, em nosso tempo o ciberespaço seria uma amplificação do espaço de representações, haja vista as suas múltiplas possibilidades de interação, conexão e, por que não, de criação de papéis e representações.

Ao tecer reflexões acerca do papel exercido hoje pelas TICs, sobretudo através da Internet e do acesso contínuo às redes sociais, entende-se que há um aumento no jogo de representações possíveis, que por sua vez, reverberam no espaço influenciando a sua produção e reprodução na contemporaneidade. Nesse sentido, ao oportunizar diálogos sobre as formas de representação e seus impactos nas dinâmicas societárias, Vaneigem (2016), em sua obra intitulada *A arte de viver para as novas gerações*, apresenta um interessante ponto de vista sobre os diferentes papéis que emergem das representações e se ancoram na cotidianidade. Dessa feita, o autor supracitado considera que,

A imagem, o estereótipo do astro, do pobre, do comunista, do assassino passional, do cidadão honesto, do rebelde, do burguês, irá substituir o homem pondo no seu lugar um sistema de categorias ordenadas de maneira mecanográfica segundo a lógica irrefutável da robotização. (VANEIGEM, 2016, p. 91).

Considerando os pressupostos da citação anterior é possível se atentar ao fato de as representações produzirem diferentes estereótipos ao definirem diferentes papéis para os sujeitos. Assim, os indivíduos deixam de ser considerados relevantes por suas habilidades e características que fundamentaram sua potência enquanto ser, passando a adquirir rótulos a partir das diferentes representações que assumem ao longo de sua trajetória na vida cotidiana. Desse modo, o reconhecimento social

dos indivíduos está cada vez mais atrelado à sua posição social, bem como à projeção da representação e imagem que assumem e apresentam em seu cotidiano.

Na contemporaneidade, como dito em outras passagens deste texto, o ciberespaço promove uma exacerbação destes papéis desempenhados pelos indivíduos, devido à possibilidade de criação de diferentes “perfis” (ou formas de representação) em redes sociais ou demais arquiteturas ciberespaciais. Logo, torna-se possível atuar de maneiras distintas tanto no real quanto no digital, haja vista a projeção das múltiplas personalidades possíveis na virtualidade.

A multiplicidade de perfis e hipertextos criados se articulam às dinâmicas contemporâneas de forma abrangente, tendo em vista as redes tecidas entre o virtual e o real. Na contemporaneidade, a partir da utilização do ciberespaço e de suas aplicações, há indivíduos com múltiplas “personalidades”, que se amparam na religiosidade, política, no mundo do trabalho e em demais vertentes da vida.

No Brasil atual, sobretudo quando consideramos todo o jogo político que se arrasta em meio a polarização partidária e ideológica⁵³ que tomou conta do território nacional nos últimos anos, torna-se notório o contexto anteriormente relatado. Tornou-se comum a utilização do ciberespaço e das redes sociais como campo de batalha política. De certo, cabe ressaltar que a utilização das redes sociais como forma de se fazer política não é uma exclusividade brasileira. Observa-se em tais situações que há imbricações de perfis distintos que se ancoram no mesmo indivíduo, em que o cristianismo, a negação da ciência e a barbárie assumem, contraditoriamente, um viés comum para muitos sujeitos.

Os cenários distópicos que se apresentam na cotidianidade brasileira possuem um marco temporal calcado no processo de fundamentação do *Britain Exit* - *Brexit*, referendo britânico que estabeleceu no ano de 2016 a votação popular acerca da saída ou não do Reino Unido da União Europeia⁵⁴. O evento foi relevante

⁵³ Na verdade, entende-se que a polarização referida se dá muito além do plano ideológico e político. De certo, o momento que o país atravessa, desde o ano de 2018, está pautado por uma divisão social no espaço que se funda a partir de um lado da negação da dignidade humana e de outro pela promoção e luta pela mesma.

⁵⁴ É relevante ressaltar que o referendo foi votado, tendo a campanha pró-ruptura como vencedora. Dessa forma, o *Brexit* se consolidou, tendo o Reino Unido efetivamente deixado a União Europeia em dezembro de 2020, o que vem provocando uma reestruturação econômica, social e cultural no maior bloco econômico já construído na história. Recentemente, há uma forte discussão entre os

não apenas por sua conotação histórica, mas também por demonstrar ao mundo novas formas de se conduzir e construir campanhas políticas a partir do uso de informações geradas através da compra de dados de usuários da Internet, o que reforça a importância econômica atual do mercado de dados. Este processo foi arquitetado a partir da utilização (e até mesmo fabricação) em demasia de informações estruturadas através de algoritmos⁵⁵, que por sua vez, criaram perfis identitários dos usuários das redes sociais a partir dos acessos, pesquisas e interações realizadas no ciberespaço.

A produção em massa e disparos de notícias falsas tomou conta não só da dinâmica política do *Brexit*, tornando-se ferramenta essencial também para a eleição presidencial estadunidense no ano de 2016, que elegeu como presidente dos Estados Unidos Donald Trump, como também as eleições presidenciais brasileiras, em que Jair Bolsonaro foi eleito presidente da república no pleito de 2018.

D'ancona (2018), chama a atenção acerca de como se fundamenta tal processo, sobretudo quando se leva em conta os mecanismos que engendram a produção de notícias falsas. Segundo o autor mencionado, as *fakes news*, se amparam no conceito de pós-verdade. Este, por sua vez, define-se como sendo a capacidade de moldar e construir cenários a partir de distopias criadas e difundidas em massa, resultando não mais em uma verdade absoluta e inquestionável, mas sim em múltiplas “verdades” que se sobrepõem instantaneamente. Ainda em decorrência do aporte teórico fornecido pelo referido autor, é possível criar diferentes representações a partir de imagens elaboradas e projetadas através do ciberespaço, em que indivíduos comuns, de objetivos tacanhos, se elevam à figura de mito, criando dessa maneira insumos para experiências contemporâneas nefastas.

Diante do contexto apresentado, é essencial trazer à tona em mais uma oportunidade os preceitos articulados por Lefebvre (1983), que ao construir uma sólida teoria acerca do mundo das representações, defende que as mesmas

britânicos acerca da condução do processo, sobretudo o questionamento acerca da lisura do processo, haja vista a produção em massa de *Fake News*.

⁵⁵ Algoritmos podem ser considerados estruturas criadas para a resolução de problemas, desde os mais complexos ou até mesmo os mais simples. Na contemporaneidade os algoritmos são a base da arquitetura do ciberespaço.

[...] não se distinguem em verdadeiras e falsas, mas em estáveis e móveis, reativas e superáveis; em alegorias - figuras, tópicos redundantes e repetitivos - e em estereótipos solidamente incorporados em espaços e instituições. (Lefebvre, 1983, p.24, tradução própria)⁵⁶.

Torna-se óbvio, a partir da contribuição de Lefebvre (1983), que as representações por si só não são boas nem más, ou tampouco reativas ou repetitivas. Na verdade, constituem-se como formas de ausência e presença no jogo da vida e, por consequência, na produção do espaço. A grande questão que se levanta está contida na influência que o ciberespaço exerce sobre as representações e suas formas de ausência e presença contemporâneas. Na verdade, tais momentos foram amplificados, tendo-se em conta a instantaneidade que tais representações podem assumir de acordo com cada situação que emerge do cotidiano.

Em diálogo com o exposto até então, é possível fazer menção em mais uma oportunidade do pensamento de Lévy (2017), que defende a ideia de que

[...] o fato de não pertencer a nenhum lugar, de frequentar um espaço não designável (onde ocorre a conversão telefônico?), de ocorrer entre coisas claramente situadas, ou de não estar *somente*⁵⁷ “presente” (como todo ser presente), nada disso impede a existência. (Lévy, 2017, p. 20).

De fato, a análise desta tese conduz a exames sobre os processos que possibilitaram (e de certa maneira ainda possibilitarão) a formação de novas formas de relação com tempo, que promovem mudanças nas dinâmicas sociais e até mesmo na própria fundamentação ontológica do ser. Tal contexto, que se instala na cotidianidade, se dá sobretudo em virtude das novas e diferentes formas de interpretar a espacialidade e a própria existência humana, que se funda cada vez mais nas fronteiras entre espaço e ciberespaço, articulando dessa maneira novas experiências e diferentes e mais complexas formas de percepção da realidade, que descredenciam ou não tornam visíveis a materialidade que dá suporte ao desenvolvimento ciberespacial.

⁵⁶ [...] no se distinguen en verdaderas y falsas, sino en estables y móviles, em reactivas y superables; em alegorías - figuras redundantes y repetitivas, tópicos - y en estereotipos incorporados de manera sólida en espacios e instituciones.

⁵⁷ Destaque realizado pelo próprio autor.

A relação entre espaço e ciberespaço pode abrir possibilidades de significativas alterações no fazer comum e nas relações sociais construídas. Entretanto, mesmo diante de toda a condição de acesso à informação e ao desenvolvimento comum da sociedade, vive-se sobre uma inclusão precária à rede mundial de computadores e ao ciberespaço. Assim, em meio a várias formas de existência, de ausência e presença, há de forma profícua o fortalecimento da lógica neoliberal do individualismo em detrimento do desenvolvimento comunal, que se ancora de forma cada vez mais proeminente no desenvolvimento do próprio sistema capitalista e de seus mecanismos de financeirização.

Em consideração aos apontamentos realizados até então, torna-se óbvio que há uma forte desconexão em meio a toda conectividade possibilitada pelo ciberespaço e suas dinâmicas. Tal constatação pode ser verificada tanto no sentido técnico, tendo em vista que grande parte da população global possui uma inclusão precária no ciberespaço, quanto na própria construção da sociabilidade, haja vista que uma das características basilares do sistema capitalista é o culto ao individualismo e a ruptura da horizontalidade das relações sociais.

A urgência da análise das questões que permeiam a sociabilidade em meio ao culto do individualismo se torna ainda mais pujante quando leva-se em conta, em mais uma oportunidade, o pensamento de Castells (2018), ao argumentar sobre o impacto da globalização e da tecnologia na vida dos indivíduos contemporâneos. Desse modo, de acordo com Castells (2018, p.49), porém agora em menção ao seu trabalho intitulado *O poder da identidade*, é possível compreender que

Nosso mundo e nossa vida vêm sendo moldados pelas tendências conflitantes da globalização e da identidade. A revolução da tecnologia da informação e a reestruturação do capitalismo induziram uma nova forma de sociedade, a sociedade em rede⁵⁸. Essa sociedade é caracterizada pela globalização das atividades econômicas decisivas do ponto de vista estratégico; por sua forma de organização em redes; pela flexibilidade e instabilidade do emprego e a individualização da mão de obra; por uma cultura de virtualidade real construída a partir de um sistema de mídia onipresente, interligado e altamente diversificado. E pela transformação das bases materiais da vida - o tempo e o espaço - mediante a criação de um espaço de fluxos e de um tempo intemporal como expressões das atividades e elites dominantes.

⁵⁸ Reitera-se aqui, em mais uma oportunidade, que na verdade, as inclusões à “sociedade em rede” são precárias.

A crítica que se instala nesta tese não se dá em favor ou não da existência do ciberespaço e suas interfaces, haja vista a inevitabilidade de sua existência. Na verdade, a análise que aqui se segue está atrelada à verificação dos objetivos que fomentam os projetos de sociedade, que se ancoram hoje na produção da conexão constante aos fluxos ciberespaciais. Dessa maneira, é essencial examinar e refletir sobre os impactos das espacialidades criadas a partir do ciberespaço, bem como de sua utilização para a promoção do culto ao individualismo, que reforça cotidianamente a inclusão de diferentes sujeitos ao ciberespaço.

Ao discorrer acerca da tendência neoliberal de produzir o culto ao individualismo, Elias (1994) no livro intitulado *A sociedade dos indivíduos*, apresenta uma discussão essencial à contemporaneidade e ao entendimento de tal fenômeno. Demonstra ele, que o desenvolvimento da sociedade capitalista se deu de fato a partir do culto ao indivíduo como *persona* desvinculada da sociedade, e que o fracasso ou o sucesso estão atrelados unicamente à condição individual de cada sujeito, desconsiderando dessa maneira as condições sociais do todo, que influem diretamente na condição individual.

Tal sistema, pautado em uma ideia ilusória de meritocracia, promove uma forte distopia social, haja vista o fortalecimento da concepção do isolamento social, causando uma desconexão entre indivíduos no espaço. Assim, a acumulação individual tornou-se a base social de muitos sujeitos, potencializando dessa maneira o culto à indiferença e a repulsa a qualquer ideia de comunidade.

Ratificando o que se afirmou anteriormente, é imprescindível fazer menção, em mais um momento, à própria condição social brasileira, em que há um verdadeiro culto à promoção do ser a partir de sua individualidade e “desenvolvimento” social, que se projeta no trabalho, mas também em todas as vertentes da vida cotidiana através da culpabilização do insucesso e da pobreza. Esse cenário, como mencionado em outras oportunidades no texto, sempre esteve presente na sociedade brasileira. Contudo, fora mais defendido (ou ao menos mais claramente visível) a partir das eleições presidenciais de 2018, em que uma horda reacionária se estabeleceu a partir de diferentes distopias sociais, tendo na alienação e em sua projeção no ciberespaço um importante aliado na efetivação não só da

crença da meritocracia e da marginalização da pobreza, como também ao culto à desigualdade e ao desrespeito à dignidade humana.

Mesmo diante da fragmentação social em que tal cenário se instala e que se fez e ainda se faz presente na sociedade brasileira⁵⁹, torna-se importante trazer à tona novamente o pensamento de Elias (1994), ao ratificar que mesmo com a existência da exacerbação do individualismo, a sociedade é um todo metabólico e orgânico, que se funda a partir da articulação social entre os sujeitos em suas relações sociais cotidianas. Logo, se torna evidente que a sociedade, mesmo a partir das diferenças existentes entre as pessoas e suas identidades de projeto, se fortalece a partir da construção e tessitura de laços sociais.

Mesmo diante da percepção da sociedade como um todo orgânico e metabólico, é relevante considerar os pressupostos apontados por Bauman (2021), sobretudo quando defende a ideia de que estamos vivendo um período societário conhecido como modernidade líquida. Nesse sentido, é possível construir um diálogo com Elias (1994), quando aponta que a principal característica dessa condição é a “liquidez” das relações sociais que se constroem ao longo da vida cotidiana e no seio da sociedade capitalista. Ainda de acordo com os autores, sobretudo o primeiro, faz-se essencial compreender que o comportamento social, que projeta e se funda no capitalismo, promove uma desconexão não só entre os sujeitos, tendo em vista a condição que se funda a partir da valorização dos interesses individuais, mas também estabelece rupturas significativas no ciberespaço. Estas, por sua vez, amplificam ainda mais os sentidos de ausência às perspectivas de desenvolvimento social, ratificando dessa maneira a criação de um *homo digitalis* cada vez mais fragmentado.

É complicado afirmar que o ciberespaço e a Internet criaram, ao menos em parte, maior conectividade dos indivíduos à rede. Entretanto, tal condição não se fez presente nem mesmo no plano virtual, quanto mais no mundo dito real e na sociabilidade. Na verdade, as arquiteturas do ciberespaço, sobretudo as redes sociais, são utilizados na atualidade como forma de desconexão social quando se

⁵⁹ De certo, entendemos que a conjectura apresentada não é uma exclusividade brasileira. No mesmo período em que tal contexto se faz visível no Brasil (segunda e início da terceira década do século XXI), movimentos semelhantes se fazem presentes em outros países. A título de exemplificação podemos citar os casos particulares do Reino Unido, Estados Unidos, Argentina, entre outros.

trata da sociedade como um todo. Contudo, são importantes vias de união quando se trata da reafirmação de interesses ditos “comuns”, reafirmando as identidades de projeto⁶⁰.

Em mais uma oportunidade, Castells (2018) traz à tona que há formações identitárias realizadas a partir de projetos, que se norteiam não por ocasião de junção de habilidades múltiplas para o fortalecimento dos laços sociais e, por consequência, da própria evolução da sociedade no enfrentamento de seus desafios e na efetivação da dignidade humana, mas a partir de projeção de pautas sociais comuns segundo representações coincidentes. Assim, o autor mencionado defende que,

[...] uma identidade de projeto surge quando os atores sociais, baseados em quaisquer materiais culturais que estiverem disponíveis a eles, constroem uma nova identidade que redefine sua posição na sociedade e, ao fazer isso, buscam a transformação da estrutura social como um todo. (CASTELLS, 2018, p.20).

As identidades de projeto se reafirmam a partir das conexões e encontros possibilitados pelo ciberespaço, sobretudo na formação de comunidades virtuais que coadunam interesses próximos. Torna-se comum, por exemplo, o encontro dessas comunidades em redes sociais como o *Facebook* e o *Instagram*, que reúnem indivíduos do mundo inteiro, transcendendo dessa maneira as fronteiras do mundo real e elevando a globalização, ou ao menos em parte de seus pressupostos, a outros planos de ação. As redes sociais (mas obviamente, não só a partir delas) fornecem um cabedal de facilidades para a ascensão de diferentes projetos conservadores, sobretudo, atualmente associados à religião e à extrema direita. Contudo, também potencializa o surgimento de efeitos e articulações contrárias, através da viabilidade do encontro de grupos sociais ou sujeitos que vivem em repressão social, os quais podem se fazer vistos⁶¹ socialmente.

Outro ponto em destaque, associado à relação atual existente entre espaço e ciberespaço, está associado à veiculação em massa de notícias falsas no Brasil em

⁶⁰ Este termo é empregado por Castells (2018).

⁶¹ Um destes momentos condiz com a ascensão de mobilizações via internet para discussão das opressões vivenciadas no Oriente Médio e norte da África. Tal evento, ocorrido no ano de 2010, ficou conhecido mundialmente como Primavera Árabe.

relação à COVID-19, pandemia que assolou o mundo nos anos de 2020 e 2021⁶². Durante a pandemia, foi comum a promoção de “informações” na rede que desvalorizavam a gravidade da doença e seus impactos. Muitas vezes, tais informações foram difundidas em redes sociais de líderes mundiais e nacionais, amplificando as consequências da doença. Inclusive, ao longo de todo o processo de restrição de circulação (entendendo que no Brasil não houve de fato em nenhum período o *lockdown*), houve dificuldade em se manter o isolamento social, o que causou inclusive o aumento significativo de casos sobrecarregando as unidades de saúde do país.

Os dizeres acima demonstram que as interações no ciberespaço se objetivam a partir de distintos interesses; ou seja, a partir de diálogos mediados por interesses comuns, mesmo que estes sejam extremamente contrários a qualquer lógica de desenvolvimento social. Entretanto, a possibilidade de acesso contínuo às pessoas e informações, garante aos sujeitos a criação e perpetuação de determinadas “informações”, potencializando vínculos a partir de “comunidades” que refletem suas características e pontos de vista. Dessa forma, as comunidades virtuais podem influir diretamente na construção de formas de pensamento ancoradas em distopias e em pós-verdades, que reverberam na produção espacial a partir de diferentes contextos e situações do cotidiano.

Em alusão à lógica de desenvolvimento e às comunidades virtuais e sua estrutura organizacional, Lévy (2017), considera que

Uma comunidade virtual pode, por exemplo, organizar-se sobre uma base de afinidade por intermédio de sistemas de comunicação telemáticos. Seus membros estão reunidos pelos mesmos núcleos de interesses, pelos mesmos problemas: **a geografia, contingente, não é mais um ponto de partida, nem uma coerção. Apesar de “não-presente”, essa comunidade está repleta de paixões e de projetos, de conflitos e amizades**⁶³. (LÉVY, 2017, p. 20).

⁶² Obviamente faz-se menção aqui aos picos de maiores infecções e mortes ocasionadas pela doença no Brasil. Ressalta-se que ainda há infecções que afetam diretamente a vida dos indivíduos, imputando ainda mortes e diferentes sequelas clínicas e sociais à população brasileira.

⁶³ As marcações realizadas (grifos) são de nossa autoria.

Como percebe-se, tais comunidades se espelham em dinâmicas que se fazem presentes mesmo no “não-presente”, ou seja, a partir da distância física do plano real. Dessa maneira, o ciberespaço apresenta a virtualidade dos encontros, no qual o “estar-junto” ganha outras conotações.

É importante salientar que as identidades de projeto instituídas acima, apoiadas pela virtualidade ciberespacial, não condizem com o verdadeiro sentido de comunidade, ao menos não o prospectado por Marx. Progrebinschi (2009), ao sistematizar os pressupostos dos estudos teóricos de Marx, a partir da análise tecida sobre seus escritos e postulados teóricos, ratifica a importância de se compreender e considerar a característica do sentido da comunidade pela ótica comunista. Nesse sentido, a autora defende que no seio do pensamento marxiano, a ideia de comunidade está calcada na associação de indivíduos segundo suas potências e habilidades sociais. Assim, ao defender a importância da associação livre de sujeitos no espaço, de acordo com suas possibilidades e capacidades, haveria uma importante ruptura com a lógica da propriedade privada e do individualismo e, por consequência, do próprio sistema capitalista. Nesse viés, Pogrebinschi (2009, p.127) apresenta de maneira categórica que

[...] a potência dos homens não surge com o ato de associação, mas é anterior a ele. No entanto, esse ato funda algo novo, que é o político, por meio de uma exponencialização da potência individual de cada ser humano. A associação é, assim, uma agregação de potências; ela cria uma potência superior, como se esta fosse a potência de um quase indivíduo, isto é, de um sistema organizado em totalidade.

A sociedade vista como um todo orgânico, abriria possibilidades para a construção de processos de gestão de mundo pautadas nas reais necessidades sociais e não na ênfase das vontades individuais. Nesse sentido, o ciberespaço, com sua arquitetura e funcionalidade, poderia ao menos em virtualidade, construir as pontes e bases para a associação comunitária não apenas em comunidades virtuais pautadas nas identidades de projeto, mas em uma estrutura que se pautar na efetivação da dignidade humana e no envolvimento social que permeia o metabolismo social entre os sujeitos.

Lefebvre (1983) critica veementemente a visão de indivíduo estabelecida pela burguesia. De acordo com o pensador francês

Histórica, social e praticamente, o indivíduo foi uma conquista da burguesia liberal e da civilização. Conquista que comprometida atualmente: porém, o pensamento ativo pode e deve ter como objetivo a reconstituição de sujeito e de indivíduo em um nível mais elevado. (LEFEBVRE, 1983, p.170, tradução própria)⁶⁴.

A força da totalidade se estabelece a partir da conexão da individualidade de cada um em um meio associativo, e não a partir da desconexão social projetada pelo capitalismo. Dessa forma, a irracionalidade temporal do ciberespaço se faz presente frente ao projeto de sociedade posto, ou seja, por um projeto que se funda a partir das bases da falta de dignidade humana e expropriação da vida. Entretanto, assim como a potência do ser transcende o capital, o ciberespaço pode ser tomado por ações efetivadas a partir do resgate do fazer-comum, associado a efetivação do trabalho a partir da articulação e junção de habilidades e inteligências múltiplas.

O ciberespaço se projeta a partir de uma forte irracionalidade temporal, em que o espaço ciberespacial é produzido a partir de uma imbricação de tempos. De certo, estes se atrelam à vida cotidiana fora da virtualização. Contudo, abrem possibilidades de novas configurações na própria existência humana, reverberando ainda na própria lógica de produção e no mundo do trabalho.

Diante do contexto apresentado até então, se torna essencial compreender como que as cidades contemporâneas, cada vez mais dotadas de tecnologias digitais e atreladas ao ciberespaço, suportam e são produzidas, de modo dialético, pelo *homo digitalis*, que por sua vez, caminha por seus tecidos urbanos através de uma interação constante com espaços, plataformas e aplicações digitais. Entre ruas e infovias, ora ator, ora agente, esse novo “cowboy ciberespacial” transita entre diferentes realidades.

⁶⁴ Histórica, social y praticamente, el individuo fue una conquista de la burguesia liberal y de la civilización. Conquista actualmente comprometida; pero el pensamiento activo puede y debe tener como objetivo la reconstitución a un nivel más elevado del “sujeto” y del individuo.

3.

O *homo digitalis* caminha em cidades inteligentes? Quando a distopia se faz presente.

Os fluidos, por assim dizer, não fixam o espaço nem prendem o tempo. Enquanto os sólidos têm dimensões espaciais claras, mas neutralizam o impacto e, portanto, diminuem a significação do tempo (resistem efetivamente a seu fluxo ou o tornam irrelevante), os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la; assim, para eles, o que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhes toca ocupar; espaço que, afinal, preenchem apenas “por um momento”. (BAUMAN, 2022, p.8).

Os fluidos, as infovias e o espaço digital, por mais que pareçam livres de toda e qualquer amarra temporal e locacional, materializam-se no espaço a partir das diferentes estruturas que os suportam. Sejam pelos cabos ultramarinos que conectam os continentes e cidades ao mundo digital e entre elas próprias, seja pela instalação de diferentes *data centers*,⁶⁵ que abrigam inúmeros servidores que suportam toda a logística ciberespacial, os fluxos “preenchem espaços”, mobilizando capital em sua (re)configuração constante e mantendo, de forma constante, uma relação dialética entre os fluidos e os sólidos. Assim, a despeito de toda flexibilidade, a imbricação do espaço ao ciberespaço impulsiona a produção espacial a partir não só das interações e lógicas que permeiam a existência do e no mundo digital, mas também através da reprodução constante do capital e de suas necessidades que se projetam sobre diferentes (infra)estruturas do real.

Nesse contexto, mesmo compreendendo que na atualidade a relação metabólica entre o espaço e o ciberespaço se projeta em diferentes espaços, cabe retomar o dito anteriormente, a partir da menção ao trabalho de Harvey (2009), o qual aponta que o urbano é considerado, ao longo da história, um importante viés para a absorção do capital excedente do mercado produtivo e, agora, do próprio

⁶⁵ São centros de processamentos de dados, os quais abrigam toda a infraestrutura de computadores e servidores de empresas e diferentes organizações.

mercado digital. Assim, na atual conjuntura, a afirmação proferida por David Harvey se apresenta de forma bastante significativa. A grande comercialização de mercadorias através do *e-commerce*⁶⁶, que ocorre a partir do acesso a *sites* e aplicativos de compra, só são possíveis em virtude da materialização de grandes galpões de logística espalhados por várias cidades ao longo do globo. Além dessa infraestrutura, cabe menção a todo processo que envolve a circulação e tráfego das mercadorias, que mesmo amparadas por diferentes aplicativos e estratégias de geolocalização, se deslocam pelo espaço real, moldando diferentes estruturas espaciais e criando corredores de circulação. Tal fato, seguindo os pressupostos defendidos por Harvey (*ibidem*), impulsiona a apropriação do espaço e a multiplicidade de formas de absorção de capital excedente pelo urbano, haja vista que tais estruturas mobilizam várias somas de capital na incorporação de estruturas e variados objetos técnicos no espaço.

A partir do exposto, é importante considerar que a cidade abriga uma miríade de infraestruturas que suportam toda a fluidez dos dados que, à luz de um olhar inocente (projetado pelo capital), trafegam pelas infovias de forma transcendental, dissociadas de toda e qualquer barreira espacial. Tal inocência projetada, camufla as intencionalidades que apoiam em diferentes empresas que atuam no setor informacional. Gigantes como a Amazon, a partir de suas plataformas digitais, introduzem o consumo em nossa existência cotidiana de maneira cada vez mais natural. Canclini (2021), em seu trabalho intitulado *Cidadãos substituídos por algoritmos*, defende que os produtos hoje se infiltram em nossa existência enquanto consumidores. Assim, Canclini (2021, p. 100), afirma que "esse capitalismo eletrônico nos leva a encarnar: ficando pendurados, submetendo gostos e pensamentos íntimos a rastreamentos que fogem do nosso controle".

A perda de controle do indivíduo sobre sua vida, em meio à própria consolidação da sociedade do controle, parece ser o grande mote do sistema capitalista atual. A projeção de desejos e vontades foi amplificada a partir da criação ininterrupta de símbolos e objetos para a satisfação pessoal. Sob esse viés, a

⁶⁶ A expressão *e-commerce* se refere ao comércio eletrônico de mercadorias. As compras *on-line*, ou seja, o mercado *e-commerce*, representou um total de 395 milhões de pedidos no ano de 2023 no Brasil, segundo os dados levantados pela Associação Brasileira do Comércio Eletrônico.

produção do espaço urbano na contemporaneidade responde, em grande medida, às necessidades do capitalismo de plataforma, que aponta para o reforço constante da distopia que se apoia no fortalecimento da ideia de que a tecnologia seria o baluarte mágico para a resolução de todos os problemas sociais existentes.

Diante das considerações realizadas até o momento, se torna necessário, em mais uma oportunidade, buscar a inspiração teórica de Vaneigem (2016) que trata da crença que se instaura frente ao imaginário dialético criado a partir da tecnologia e até mesmo da própria técnica, nesse sentido, a

[...] crença no poder mágico das técnicas anda de mãos dadas com o seu oposto, o movimento de dessacralização. A máquina é o modelo inteligível. Não há mistério, nada obscuro nas suas correias, nas suas transmissões, nas suas engrenagens; tudo nela pode ser explicado perfeitamente. Mas a máquina é também o milagre que deve fazer aceder a humanidade no reino da felicidade e da liberdade. Além disso, essa ambiguidade é útil aos senhores: a mística dos amanhãs felizes justifica em vários níveis a exploração racional dos homens de hoje. Portanto, não é tanto a lógica da dessacralização que abala a fé no progresso, mas sim, o emprego desumano do potencial técnico, o modo que a mística barata em torno dele se torna estridente. [...]. (VANEIGEM, 2016, p.108).

Mesmo fazendo alusão à máquina, e não propriamente à tecnologia, é possível compreender, a partir da citação anterior, que há um movimento dialético que tenciona a sacralização e dessacralização da máquina e, por consequência, das tecnologias contemporâneas. A dialética é imanente à análise que fazemos acerca da tecnologia e sua utilização no cotidiano, sobretudo quando consideramos que até mesmo a partir de sua apropriação enquanto ferramenta de dominação, o uso da tecnologia aponta, contraditoriamente, para um movimento possível que se ampara na fundamentação da felicidade e da liberdade. É justamente este movimento que nos interessa ao longo da construção da tese. Ora, diante de toda a vigilância imposta pelo capitalismo de plataforma ou informacional e sua lógica guiada à reprodução do capital, há nuances que permitem transgredir tal cenário em prol do fomento da emancipação humana a partir do acesso à dignidade que se apresenta enquanto utopia, mas também como urgência.

De maneira intencional ou não, uma das formas de proteger a mística do ciberespaço, que se funda na sua aparente transcendência, fortifica-se como dito

anteriormente, na sua capacidade de "anular a dimensão espacial"⁶⁷. De forma análoga ao postulado por Bauman (2002), o próprio capitalismo informacional se ampara, a cada dia mais, na fortificação da ideia de fluidez, ou seja, de uma acumulação quase que inevitável e interminável frente aos sólidos e suas amarras da modernidade. Entretanto, a despeito do que se apresenta na contemporaneidade, até mesmo a partir do uso de inúmeros aplicativos e objetos técnicos, não há o despreendimento total do espaço a partir do capitalismo de plataforma e suas necessidades digitais e informacionais, como salientamos no caso das infraestruturas que se alojam no espaço.

A exponenciação do ciberespaço, como mencionado, abriga diferentes infraestruturas e possibilita a produção de valor e até mesmo a absorção do capital excedente produtivo a partir da materialização de seus tentáculos e espectros no espaço urbano. Com a manifestação do digital no real, através da imbricação do ciberespaço ao espaço, mesmo a partir do reforço à distopia da flexibilização total das relações econômicas, culturais e sociais, mesmo através da analogia de utilização de nuvens e redes de armazenamento digital de informações, é essencial a produção de bases reais e espaciais para o funcionamento, manutenção, construção e reprodução da lógica ciberespacial.

Reforçando o ponto de vista demonstrado, toma-se nota em mais uma oportunidade dos pressupostos teóricos defendidos e apresentados por Israel (2021), que defende a importância de se compreender que a Internet, principal máscara do ciberespaço, não está desvinculada do real e que, muito ao contrário da presença distópica de diferentes informações e intencionalidades, o real é a solidez que mantém os fluxos ciberespaciais, fato que se observa desde a sua origem. A impressão de se ter todas as informações à mão, de navegar de forma contínua por diferentes realidades (projetadas e reforçadas através de diferentes formas de representação), deslocadas até mesmo dos dispositivos utilizados para o acesso à

⁶⁷ Em mais uma oportunidade ratificamos que, mesmo sobre a simbologia projetada a partir da ideia de imediaticidade e da ocupação transcendental de todos os lugares do globo, o ciberespaço não anula a dimensão espacial. As aspas se justificam justamente quando compreendemos que, ao tratar da relação entre o espaço e o ciberespaço, naturalmente, trabalhamos com a relação tempo e espaço.

rede internacional de computadores, através da armazenagem em nuvem⁶⁸, não suprime as amarras locais do mundo dito digital.

Ainda inspirados no que tange à materialização do ciberespaço no espaço dito real, a partir de sua infraestrutura, nos cabe em mais um momento o diálogo com Israel (2021, p.304), no qual aponta que

A Internet é uma tecnologia de compressão espaço-tempo que depende, e é o resultado, da fixidez espacial do mundo concreto por meio dos pontos de acesso, da fisicalidade e da materialidade dos cabos oceânicos que conectam os continentes. Como argumentamos anteriormente, embora o aspecto gráfico, a resiliência e a instantaneidade da informação façam parecer que os dados parem atrás da tela, não há nada no ciberespaço que não esteja situado e armazenado em algum computador, ou seja, localizado em coordenadas geográficas precisas.

Como mencionado, ressalta-se que o espaço urbano contemporâneo, a despeito do que se apresenta comumente pelos planejadores das cidades, é tensionado espacialmente pelas pressões exercidas pela sua relação com o ciberespaço que, por sua vez, tendem a projetar espaços cada vez mais “funcionais”⁶⁹ aos seus interesses. Curiosamente, a dita funcionalidade que se apresenta é extremamente ilusória, haja vista que as relações de dominação perduram e se reproduzem de forma cada vez mais proeminente, se apresentando no espaço e o produzindo de forma cada vez mais desigual.

Considerando as contradições tecnológicas existentes na sociedade, é relevante trazer para a discussão o pensamento teórico de Hans Rosling, que se expressa no Documentário intitulado *Don't Panic – The truth about population* (2013). O autor mencionado, ao construir sua narrativa em um contexto no qual discute as transições demográficas ao longo da história e sua relação com a contemporaneidade, apresenta que as contradições tecnológicas acompanham as

⁶⁸ O armazenamento em nuvem consiste na locação virtual de espaços digitais que ampliam a capacidade dos indivíduos guardarem informações e demais aplicações. Na contemporaneidade, as grandes *Big Techs*, fornecem tais “espaços” a partir de locações mensais, nas quais subsidiam os custos dos servidores que abrigam os dados armazenados.

⁶⁹ Uma das grandes distopias que giram em torno da relação entre as cidades e o uso da tecnologia está atrelada ao reforço constante da falsa ideia de que o uso da tecnologia, em ambientes urbanos promoveria, por si só, maior funcionalidade às cidades. Entretanto, a despeito do que se apresenta, o que se observa é a fortificação da alienação e expropriação de diferentes sujeitos, que sob vigilância constante, trafegam nos limites entre o espaço e o ciberespaço.

contradições sociais de tal maneira que, atualmente,⁷⁰ a sociedade apresenta-se de maneira tão distópica que se torna possível que parte da população global defenda, a partir de seu acesso tecnológico, o que outrora seria visto como um enredo de ficção científica, a possibilidade de viagens turísticas na órbita da terra, enquanto que, ao mesmo tempo, na zona rural de Moçambique, um lavrador busque a inovação tecnológica nas rodas de uma bicicleta, que em sua realidade consome meses ou até mesmo anos de seu salário.

De certo, a tecnologia e todo o seu desenvolvimento ao longo da história apresenta não necessariamente a redução das desigualdades sociais, como apresentado, mas sim, sua perpetuação. Nesse sentido, ressalta-se que o uso de aplicativos que promovem, distopicamente, a sensação da libertação das amarras do espaço a partir, por exemplo, da exacerbação da possibilidade de se trocar mensagens e informações em tempo real com vários indivíduos e em qualquer lugar do mundo, não anulam a dimensão espacial, sobretudo no que tange às distâncias sociais existentes entre os sujeitos que produzem e vivem no espaço, como pôde ser visto anteriormente.

Ainda em referência ao exposto, ao resgatar os postulados teóricos desenvolvidos por Doreen Massey (2000), uma passagem do texto *Um sentido global do lugar* nos chama a atenção. Na cena narrada pela autora, um avião de uma dada companhia aérea sobrevoa cotidianamente uma ilha do pacífico, e os passageiros, que rompem as distâncias de forma veloz e quase transcendental dentro do avião, curiosamente, não consideram a dimensão espacial associada ao seu deslocamento, chegando inclusive a não perceber a existência da ilha e, por consequência, as dinâmicas sociais que irrompem no espaço logo abaixo de seus pés. A perversidade da cena se amplifica quando aludimos ao fato de que os moradores da ilha, que reconhecem a existência do avião e toda a tecnologia empregada em sua construção, e os assistem passarem por suas cabeças em seu dia a dia, não terem condições materiais de acesso a esse modo de transporte, que aos seus olhos irrompem as distâncias de forma veloz e transcendental. É quase poética

⁷⁰ É importante ressaltar que quando utilizamos a referência temporal a partir da citação dos postulados teóricos de Hans Rosling, nos referimos à uma construção de pensamento elaborada no ano de 2013. Assim, ao utilizarmos a expressão atualmente, a utilizamos com a dita referência temporal.

a alienação envolta à cena. Toda a agressão do cotidiano vivenciada por atos corriqueiros de expropriação, se perpetuam a partir da imensidão das tecnologias que nos absorvem em nosso cotidiano.

Diante do exposto, como mencionamos em outros momentos deste texto, a criação de uma perspectiva de negação constante das distâncias, potencializada hoje pelo uso de diferentes ferramentas, objetos técnicos e tecnologias, alude a uma tentativa, também corriqueira, de se projetar a distopia da velocidade e da imediaticidade. Entretanto, a despeito da formulação de distopias, nesse sentido, se apresenta como uma perversidade amparada na constante promoção e fortificação da desigualdade social, ou seja, por mais que se tenha modificado na história, o sistema capitalista mantém sólidas as suas bases que, por sua vez, se amparam na negação da dignidade humana. Assim, ainda em alusão aos modais de transporte e sua velocidade, a própria rua, que já foi o cenário ideal para o tráfego dos automóveis e a distopia que este causa no reforço da “aceleração do tempo”, é tomada hoje como paralelo, considerando a relação entre o urbano e o ciberespaço, ao papel que as infovias cumprem ao fazerem trafegar em sua infraestrutura milhões de informações por segundo, não menos distópicas do que a figura do próprio automóvel. Nesse sentido, ao reforçarmos no primeiro capítulo desta tese que em seus primórdios a Internet, e depois o próprio ciberespaço, se apoiaram em figuras do real para sua materialização⁷¹, é possível considerar que a rua e as infovias se tornam cotidianamente palco de (re)produção espacial. Diversos atores e espectadores, de forma intencional ou não, produzem espaço e reproduzem seus papéis ao longo do grande teatro da vida cotidiana, que na atualidade se materializa também no ciberespaço.

Corroborando com o que foi dito anteriormente, Lefebvre (2019), no seu livro intitulado *A Revolução Urbana*, nos chamava a atenção sobre como os indivíduos, na rua, se tornam dialeticamente espetáculo e expectador, reforçando como a funcionalização do espaço urbano, reafirmada a partir da lógica de (re)produção do capital ratifica uma ordem de negação do encontro. A contradição incide diretamente no fato de que, ao ser apropriada por diferentes modos de

⁷¹ Fazemos alusão ao trabalho de Alvaro Ferreira, já citado em capítulo anterior, o qual defende que a Internet, em sua gênese, se apropria de signos e até mesmo de nomenclaturas do real para sua difusão na vida cotidiana.

transporte e hoje, por distintas tecnologias, a rua deveria ser uma importante veia arterial urbana na promoção do encontro, do lazer, da festa e da vida comunitária e não o seu contrário. Ainda em menção aos postulados teóricos do autor mencionado, urge ressaltar que

Na rua, teatro espontâneo, torno-me espetáculo e espectador, às vezes ator. Nela efetua-se o movimento, a mistura, sem os quais não há vida urbana, mas separação, segregação estipulada e imobilizada. Quando se suprimiu a rua (desde Le Corbusier, nos “novos conjuntos”), viram-se as consequências: a extinção da vida, a redução da “cidade” a dormitório, a aberrante funcionalização da existência. A rua contém as funções negligenciadas por Le Corbusier: a função informativa, a função simbólica, a função lúdica. Nela joga-se, nela aprende-se. A rua é a desordem? Certamente. Todos os elementos da vida urbana, noutra parte congelados numa ordem imóvel e redundante, liberam-se e afluem às ruas e por elas se dirigem aos centros; aí se encontram, arrancados de seus lugares fixos. Essa desordem vive. Informa. Surpreende. [...]. (LEFEBVRE, 2019, p.34).

Diante o exposto, é necessário considerar que há também, segundo o autor mencionado, um caráter de desordem que se apresenta quando analisamos a rua e suas simbologias, sendo que essa desordem, para além do mencionado, se torna um artífice que carrega consigo diferentes alusões ao possível e à tessitura de variadas formas de representação a partir de uma negação frente à busca constante de funcionalização do espaço urbano. Esse olhar acerca da rua é, por si só, revolucionário, haja vista que valoriza o uso e a ocupação frente à mercadificação e a expropriação que se experimenta no espaço urbano. Curiosamente, se analisarmos o ciberespaço em sua contemporaneidade, torna-se possível percebê-lo, também, como lugar de encontro e de desordem.

Considerando a desordem e sua natureza caótica, seria possível levar em consideração a apropriação do ciberespaço a partir de uma perspectiva revolucionária? Ou seja, uma abertura ao possível a partir de frestas de uma possível janela aberta no horizonte caótico do ciberespaço? A resposta para tais questionamentos, de certa maneira, afigura-se como uma reflexão e inquietação constante na tese, haja vista que consideramos, enquanto ponto de convergência de múltiplas reflexões, que o ciberespaço influi diretamente na lógica da produção espacial atual.

Diante das reflexões apresentadas, para além das possibilidades de ruptura, percebemos caminhos sólidos para a manutenção, proteção e potencialização da lógica capitalista na contemporaneidade. De certo, ao analisarmos sua concepção e

ideação, há um claro projeto de manutenção do *status quo* que perdura por séculos, bem como a projeção da amplificação do mundo da mercadoria. Em verdade, assim como ocorre com a rua, a partir de uma análise processual dialética, apoiado ainda nos dizeres de Henri Lefebvre, é possível valorar também no ciberespaço exercícios que podem conduzir a possibilidades de valorização do uso em detrimento da mercadificação. Em meio a esse processo de análise dialética, o qual aponta para duplo caráter (e até triplo⁷²) do ciberespaço, nos dedicaremos agora à sua face ligada ao processo de amplificação da mercadificação.

Retomamos, em mais uma oportunidade, o olhar proferido por Henri Lefebvre acerca da rua. No fragmento abaixo, o autor apresenta uma apropriação da rua pelo mundo da mercadoria. Ao tecer suas observações, defende argumentos

Contra a rua. Lugar de encontro? Talvez, mas quais encontros? Superficiais. Na rua, caminha-se lado a lado, não se encontra. Prevalece a impessoalidade. A rua não permite a constituição de um grupo, de um “sujeito”, mas se prova de um amontoado de seres em busca. De que? O mundo da mercadoria exhibe-se na rua. A mercadoria que não pôde confinar-se nos lugares especializados, os mercados (praças, mercado coberto), invadiu a cidade inteira. [...]. (LEFEBVRE, 2019, p.35).

Corroborando com o exposto anteriormente e aludindo novamente sobre a relação entre espaço e ciberespaço, assim como na rua, nas infovias e no espaço digital, os encontros e as representações construídas não se referem à constituição de um movimento que consolide o encontro com vistas à formação de comunidades que promovam a verdadeira democracia, mesmo que haja potência para tal como no questionamento anterior. Na verdade, o que se encontra é um amontoado de pessoas, guiadas por um intenso processo de mercadificação e portadoras de diferentes identidades de projeto, que ao se encontrarem, ou se desencontrarem, evocam toda a sua superficialidade e individualidade que, por sua vez, nega cotidianamente o uso em detrimento do mercado. Tal sentido, reforçado cotidianamente pelo sistema econômico que predomina no planeta, que engendra as relações do cotidiano, promove a individualidade em detrimento da comunidade.

⁷² Ressaltamos que, a partir do método analítico que norteia a construção pesquisa, acreditamos que a tríade substrução, materialização e projeção, oferece uma análise que se estrutura a partir dos processos que engendraram não só a concepção do ciberespaço, mas também sua materialização e projeção constante.

Nesse sentido, há uma promoção constante de formação humana para o mercado e a absorção constante de seus símbolos.

Dardot e Laval (2016), ao apresentarem as características e postulados teóricos que moldam e se apresentam no cidadão neoliberal, que, por sua vez, se apoia incondicionalmente na individualidade e na relação distópica entre a convicção da individualidade e a ideia de liberdade, apontam que o

[...] mercado é concebido, portanto, como um processo de autoformação do sujeito econômico, um processo subjetivo autoeducador e autodisciplinador, pelo qual o indivíduo aprende a se conduzir. O processo de mercado constrói seu próprio sujeito. Ele é *autoconstrutivo*. (DARDOT E LAVAL, 2016, p.139).

Tanto a rua, quanto o ciberespaço, parece cumprir bem a missão de criar oportunidades e espaços de autoinstrução dos sujeitos a partir das necessidades do mercado capitalista. Assim, como aponta Ferreira (2021) em seu livro intitulado *A cidade que queremos: produção do espaço e democracia*, não se vende mais, no grande mercado capitalista, apenas objetos e mercadorias, mas também signos de vida, ou como o próprio autor apresenta, o sentido de se estar em determinado lugar ou consumir determinada marca. As próprias representações sociais construídas na contemporaneidade, em grande maioria, respondem a uma projeção constante de símbolos consumidos. Nesse sentido, ampliando a visão defendida por Alvaro Ferreira, Carlos Drummond de Andrade, ainda em 1989, em seu poema *Eu, Etiqueta*, já chamava a atenção para a formação de um certo tipo de homem-anúncio-itinerante. O autor, a partir de uma crítica veemente ao mundo da mercadoria, aponta que

[...] É duro andar na moda, ainda que a moda seja negar minha identidade, trocá-la por mil, açambarcando todas as marcas registradas, todos os logotipos do mercado. Com que inocência demito-me de ser eu que antes era e me sabia tão diverso dos outros, tão mim mesmo, ser pensante, sentinte e solidário com outros seres diversos e conscientes de sua humana, invencível condição. (ANDRADE, 1989).

Dentro do grande mercado capitalista, não nos basta mais nos apresentarmos enquanto consumidores, mas sim, como usuários das marcas e, de certo modo, seus embaixadores. Nessa perspectiva, quando analisamos as funcionalidades do

ciberespaço, constatamos que este, a partir de sua miríade de aplicativos, se fortifica enquanto um grande mercado interativo, no qual a partir de poucos cliques, compra-se e vende-se diferentes objetos e mercadorias.

Assim, o ciberespaço, ao promover novos espaços e tecnologias atreladas à diferentes redes sociais, amplifica a mercadificação de signos, sensações e símbolos através promoção constante de diferentes marcas e modos de vida. Consumir, um ato tão fundamental do capitalismo, remonta não apenas, como dissemos, ao fato de se ter inúmeros produtos, mas de viver diferentes experiências no cotidiano. Em momento anterior, ao falarmos do *Apple Vision Pró*, validamos, inclusive, o aumento do fetiche da tecnologia a partir de aplicações que promovem modos de vida cada vez mais digitalizados. A alienação, em sua essência, se incrusta cada vez mais no cotidiano.

Nesse sentido, o grande mercado que se instala na cidade inteira, apresenta na atualidade uma simbiose entre o espaço e o ciberespaço, representado por uma infinidade de *QrCodes* instalados em vários ambientes comerciais, urbanos e não urbanos, reforçando a impressão de que tudo se compra e se vende de maneira cada vez mais fluída no tempo e no espaço. De certo, até mesmo a moeda digital ou transferências econômicas diretas via ferramentas como o PIX⁷³ denotam, cada vez mais, a imediaticidade das relações econômicas, reforçando que a mercadificação se torna tão complexa que o próprio dinheiro, símbolo máximo do valor econômico e das trocas comerciais, se ressignifica frente a toda a flexibilidade que o capitalismo impõe em seus processos de (re)produção contemporâneos, físicos e digitais.

Diante ao exposto, entende-se que a figura dos grandes mercados (ainda existentes espacialmente em diferentes centros urbanos), que se apresentam nas cidades enquanto o objeto central de trocas, vem gradualmente sendo transportados para o ciberespaço, o qual abriga, em suas redes e estruturas, os signos de consumo que circulam e são reproduzidos nas cidades. A imbricação do real ao virtual, no

⁷³ O Pix é o meio de pagamento instantâneo utilizado no Brasil. Esta forma de pagamento, ao contrário das transferências antigas, se apresenta como uma solução para o aumento da agilidade das transações bancárias, que passam a ocorrer em segundos, em qualquer hora do dia ou da noite. O Pix foi criado no ano de 2020 e, de certa maneira, reforça a distopia na qual se fundamenta a partir da instantaneidade das relações, tanto econômicas quanto sociais.

cotidiano, se impulsiona a partir da produção constante de signos, valores e mercadorias, tendo o mercado abraçado tanto o espaço real quanto o espaço digital.

É de extrema urgência, inspirados na discussão realizada até então, considerar que tanto a rua quanto a infovia, diante de todas as contradições que possam conter, podem ser utilizadas como um aporte a um possível outro, o qual se ampara na constatação de que tais estruturas, ao serem ressignificadas, poderiam ser vertentes significativas na luta para a apropriação democrática da cidade. Dessa maneira, as próprias infovias, consideradas hoje as “ruas do ciberespaço”⁷⁴, precisam ser ressignificadas a partir de um exercício de negatividade que parte do real, mas para além do seu uso atual, que, como bem reforça Lefebvre (2019), são comumente caminhos para a mercadificação da vida, que contemporaneamente se expressam na aquisição e comercialização de dados e produção de valor.

É necessário compreender, em um sentido guiado à ação, que o que está posto na atualidade, entendido enquanto normalidade e até mesmo como fatalidade, é passível de ser alterado, sobretudo no que tange ao desenvolvimento de um processo democrático que conduza, efetivamente, os indivíduos à luta não só pelo direito à cidade, como defendeu Henri Lefebvre (2001), mas também pelo direito ao ciberespaço, e por consequência, ao acesso ao espaço digital de forma descentralizada, que conduza, por sua vez, a uma outra estrutura de gestão de dados e de informação. Assim, ao levar em consideração a ressignificação da luta pela cidade e pelo ciberespaço na contemporaneidade, torna-se essencial que a democracia, ou melhor, a verdadeira democracia⁷⁵, perpassa a dimensão espacial, mas também englobe as dimensões ciberespacial e digital.

Ao dialogar sobre a verdadeira democracia e lançando luz nos escritos de Marx acerca do tema, Thamy Pogrebinschi (2009, p. 211), ao trabalhar a temática, evocando o enigma do político e a promoção da vida comunitária, defende que

⁷⁴ Usamos o paralelo entre a rua e a infovia como uma alegoria, a qual responde, por sua vez, à relação cada vez mais proeminente entre espaço e ciberespaço e suas diferentes formas de materialização no real.

⁷⁵ Aludimos, ao nos referirmos ao conceito de verdadeira democracia, ao conceito trabalhado por Thamy Pogrebinsch, no livro *O enigma do político: Marx contra a política moderna*, publicado no ano de 2009.

A verdadeira democracia, por conseguinte, consiste no momento da união entre o universal e o particular; no momento da fusão das esferas política e social; no momento do reencontro entre o indivíduo egoísta da sociedade civil e o cidadão abstrato do Estado. O lugar em que o dualismo abstrato da modernidade se resolve e os extremos reais se reúnem é a comunidade.

De certo, como nos aponta a autora referendada, é de suma importância compreender que a comunidade, fundada a partir dos pilares do encontro entre o sujeito abstrato e o sujeito egoísta, se funda a partir da valorização do ser genérico, que por sua vez transcende ao sujeito neoliberal, guiado por uma individualidade que perpassa a acumulação infundável de capital. Assim, a comunidade, a despeito do que se apresenta na lógica das comunidades de projeto, mencionadas anteriormente, se estrutura a partir da valorização do comum e da associação de diferentes habilidades e competências, evidenciados a partir de uma potência democrática, mas também, revolucionária.

Na atualidade, com o advento cada vez mais potente da tecnologia, cabe nos identificar que a fortificação dessas comunidades de projeto se reforça e, por que não, também são reforçadas, pelas distopias sociais presentes nas concepções neoliberais de desenvolvimento. Contudo, ao mesmo tempo que consideramos que há a necessidade de exercitar o político através de uma nova organização social, parte-se para o entendimento que tal exercício, na contemporaneidade, não pode mais se dar de forma dissociada do ciberespaço e suas tecnologias. Nesse sentido, Ferreira (2019), ao escrever sobre os processos que conduzem à ciberdemocracia, ressalta que

Se podemos realizar um sem fim de operações bancárias via Internet e também compras *online*, por que não pensarmos em consultas diretas à população através de tecnologias de informação e comunicação? Isso pode contribuir para a realização de uma democracia mais horizontal. Trata-se da criação de processos e mecanismos de debate que aproximariam o cidadão e o Estado, chegando assim a uma política de decisões em que a participação se torne cada vez mais intensa. (FERREIRA, 2018, p.9).⁷⁶

⁷⁶ No quarto capítulo desta tese iremos detalhar melhor as diferentes formas de uso do ciberespaço para o exercício da democracia. Ainda no referido capítulo, trabalharemos ainda, com maior intensidade, os movimentos que impulsionam novas formas de uso da tecnologia que perpassam, por sua vez, a valorização do ser e a promoção da dignidade humana frente à toda indignidade prospectada pelas necessidades de desenvolvimento do capital.

A questão que se coloca, frente ao defendido pelo autor mencionado, é a constante ação das *Big Techs* que, em sua atuação, disciplinam o uso dos dados, os manipula e estimula a criação de cenários que conduzem aos interesses diretos das grandes corporações financeiras. Defende-se, a partir do formulado até então, que o fomento da democracia, perpassa, para além das categorias apresentadas, a efetivação de um processo de descolonização de dados, que por sua vez, é compreendido através da possibilidade de se estabelecer uma nova forma de relacionamento com a tecnologia. De forma inerente ao exposto, o espaço, produzido e reproduzido a partir de relações cada vez mais complexas, é fator essencial para a emancipação humana.

Para dar conta e, até mesmo propor maior aprofundamento sobre o tema, trazemos à tona os pressupostos teóricos de Imbroisi (2022), que em sua tese de doutorado intitulada *Caminhos geográficos para a revolução: emancipação e produção do espaço*, defende que a luta para a mudança do *status quo* atual, ou seja, a revolução frente aos desígnios atuais do capitalismo, perpassa de forma determinante a dimensão espacial. Não há, como argumenta o autor, a possibilidade de se criar uma outra perspectiva social, ou um processo revolucionário que caminhe para novas formas de sociedade, sem alterar a lógica de produção do espaço atual.

Nossa concordância com o autor mencionado não poderia ser maior. Contudo, pela natureza de nosso objeto teórico, defendemos que na atualidade, haja vista a relação dialética entre o espaço e o ciberespaço, para além da dimensão espacial é preciso defender que a revolução englobe também o ciberespaço, sobretudo no que se refere à criação de novas formas de acesso ao espaço digital.

Tal assertiva se torna ainda mais importante, como mencionado anteriormente, ao considerar que o ciberespaço vem influenciando de maneira determinante na produção espacial. Dessa maneira, sobretudo quando se leva em conta que tal influência e/ou interdependência conduz a diferentes distopias, torna-se essencial trazer à tona, em mais uma oportunidade, o trabalho de Imbroisi (2022), sobretudo quando o autor defende que o espaço apresenta, em sua constituição, uma miríade de simbologias e significados, o que nos faz compreender o seu caráter multidimensional. Dessa maneira, ao considerar as dimensões do espaço e do

ciberespaço na luta revolucionária, ratifica-se que o rompimento das simbologias de dominação que perpassam a vida cotidiana de inúmeros sujeitos parte da tessitura de novas relações sociais, espaciais e ciberespaciais.

A grande questão que se coloca em discussão, como o exposto em momentos e capítulos anteriores desta tese, sobretudo quando tratamos das materializações no urbano resultantes das distintas relações existentes entre o ciberespaço e o espaço, se refere a como tal cenário, que se objetifica em diferentes cidades, pode alterar as maneiras segundo as quais ocorre a produção do espaço na contemporaneidade. A temática é extremamente complexa, haja vista que a adjetivação das cidades, apoiadas por distopias cada vez mais tecnológicas, apresentam simbologias cada vez mais calcadas na fortificação da alienação frente aos possíveis usos da tecnologia. Outro fator que complexifica ainda mais a questão se refere ainda, em como a democracia, ou melhor, o processo de construção da verdadeira democracia, pode ser impulsionado no espaço como uma negação da valorização individual e neoliberal promulgadas pelo capitalismo.

A partir do contexto apresentado, ao analisar as pegadas (digitais ou reais) que o *homo digitalis* deixa sobre os variados tecidos urbanos, urge compreender como este sujeito, que reside na fronteira entre o real e o digital, produz o espaço a partir do uso de diferentes tecnologias e objetos técnicos/tecnológicos que, ao serem manipulados, projetados e desenvolvidos em meio à sua jornada, reforçam a mercadificação e a reprodução do capital. Assim, ao caminhar por essa lógica, é essencial analisar como tais práticas e processos são projetados na contemporaneidade urbana, sobretudo quando consideramos as cidades adjetivadas sobre o signo de *smart cities*⁷⁷.

Na última década, sobretudo, tornou-se comum a utilização do termo “cidade inteligente” para caracterizar as cidades que utilizam, em seu cotidiano, diferentes tecnologias associadas ao “desenvolvimento urbano”⁷⁸, que conduzem,

⁷⁷ As *smart cities* são consideradas “cidades inteligentes” que se apoiam, em seu cotidiano, no uso de diferentes tecnologias. Aos nossos olhos, a adjetivação mencionada, produz uma distopia que reforça que a funcionalidade urbana, ou melhor, a potencialização da vida urbana mais digna seria possível a partir da construção de tais cidades.

⁷⁸ Utilizamos propositalmente a expressão desenvolvimento urbano, comumente como é utilizada pelos grandes analistas tecnológicos da cidade, para tecer uma crítica, ainda velada, sobre os aplicativos e tecnologias que se objetificam nas cidades contemporâneas a partir da promessa da qualificação dos serviços urbanos. De Barcelona à São Paulo, com um olhar atento, é possível

segundo os mais variados analistas e planejadores urbanos, a uma pretensa melhora na mobilidade e acesso aos serviços urbanos aos cidadãos. O que chamamos a atenção é que o espaço, a partir da visão dos operadores das grandes empresas de tecnologia, passa a ser considerado determinante, tendo em vista a sua importância na absorção das projeções, materializando as mais diversas subestruturas desenhadas em grandes escritórios corporativos instalados em todo o globo.

Ao nos debruçarmos acerca da temática apresentada até então e, por consequência, sobre a mística cunhada a partir da ideia que se produz em virtude do conceito de cidade inteligente, é relevante trazer para o contexto em análise a discussão tecida por Bria e Morozov (2019), no livro intitulado *A cidade inteligente: tecnologias urbanas e democracia*, sobretudo no que tange às perspectivas teóricas e narrativas que os autores trazem acerca da construção do termo *smart city*. A partir dos pressupostos defendidos pelos pensadores mencionados, chega-se à conclusão de que há uma promoção constante de uma simbologia cidadina calcada na promoção da fluidez e na popularização da tecnologia mercantilizada pelo próprio capital, que se apresenta na atualidade sobre a máscara das cidades inteligentes.

Diante de tal pressuposto, Bria e Morozov (2019, p. 10), afirmam ainda que “como a maioria das coisas *smart*, a ‘*smart city*’ não pode ser reduzida a uma única definição – um fator que com certeza ajuda a entender a rápida adoção e proliferação dessa palavra da moda entre as elites das categorias profissionais”. O que se pode observar, é que assim como muitos adjetivos que elencam a valorização da flexibilidade, o termo *smart*, quando se refere às diferentes soluções urbanas, reforça que as cidades precisam se tornar cada vez mais fluidas, ou seja, valorizar de forma cada vez mais significativa os fluxos em detrimento dos fixos. Já constatamos, anteriormente, que não há, ao menos de forma mais objetiva, uma desassociação do fluxo em relação ao fixo, já que a funcionalidade do ciberespaço está atrelada de forma significativa à produção do espaço dito real.

perceber que tal simbologia invade o cotidiano de diferentes sujeitos, moldando com isso seus olhares acerca do que se considera desenvolvimento. Pela própria etimologia da palavra, se a tomarmos a termo, o desenvolvimento se torna um não envolvimento, expressão esta que se cunha de forma mais categórica ao nosso estudo, sobretudo no que tange às promessas distópicas realizadas pelas grandes *Big Techs* que atuam na “promoção de cidades cada vez mais eficientes”.

Nesse sentido, as *smart cities* se apresentam enquanto um emaranhado de tecnologias com viés urbano que, na atualidade, transcendem até mesmo a sua geograficidade. Se pensarmos em aplicativos como a *Uber*, empresa de mobilidade urbana que utiliza carros de aplicativos para a oferta de diferentes serviços de locomoção e entregas, diferentes sujeitos, até mesmo não residindo em cidades, acionam os seus serviços para trafegarem por diferentes espaços. Ora, observamos a partir do exemplo que, como nos apontava Lefebvre (2019), o urbano e toda sua simbologia, de modo cada vez mais proeminente, transcende aos espaços citadinos em prol da consolidação do que o autor, à época, conceituou como sociedade urbana.

De fato, como o próprio Henri Lefebvre (2019, p. 17) anunciava ao longo do século XX,

Partiremos de uma hipótese: *a urbanização completa da sociedade*. Hipótese que posteriormente será sustentada por argumentos, apoiada em fatos. Essa hipótese implica uma definição. Denominaremos “sociedade urbana” a sociedade que resulta da urbanização completa, hoje virtual, amanhã real.

Tal perspectiva reforça, de certa maneira, o que dissemos ainda no primeiro capítulo desta tese, ou seja, que a relação entre o real e o virtual transcende ao puro e simples uso da tecnologia e dos objetos tecnológicos. De certo, ao retomar tal discussão, torna-se possível constatar que o digital se apoia na concepção de virtual a partir da possibilidade de fomento das múltiplas virtualidades fazendo uso de diferentes aplicativos e plataformas. Assim, o digital, ao se apropriar do termo *smart*, quando se trata do uso da tecnologia no cotidiano urbano, traz consigo a tessitura de várias cidades possíveis. O problema é que as possibilidades apresentadas geralmente apontam para futuros distópicos, que ampliam a segregação e processos de negação de direitos.

Diante do contexto apresentado e levando em consideração as características societárias da contemporaneidade, considerando em mais uma oportunidade as relações tecidas entre espaço e ciberespaço, toma-se nota que, a partir de uma imbricação entre o real e o digital, têm-se que a sociedade urbana, enquanto um objeto virtual, tem se transportado para o plano real de forma cada vez

mais acelerada. De certo, caminhamos de forma cada vez mais veloz para a consolidação de um modo de vida urbano, independentemente de nossa geolocalização no tempo e espaço. Assim, tecnologias como a já citada *Uber*, ao carregarem consigo suas simbologias, perpetuam a estrutura *smart* para diferentes cotidianos, que até outrora viveram e experienciaram outras formas de locomoção e, até mesmo, de acesso a lugares virtuais.

Exemplificando o dito anteriormente, o aplicativo *Google Earth*, por exemplo, ratifica a possibilidade de se trafegar, ao menos de forma digital, por diferentes cidades do mundo. É possível se aventurar por ruas parisienses, praças catalãs e obras culturais de todo o mundo a partir de poucos cliques. Outro exemplo é o aplicativo *Google arts and culture*, que apresenta aos usuários a experiência de visitar museus espalhados pelo globo e conhecer diferentes obras de arte. As fronteiras entre lugares e ciberlugares nunca estiveram tão próximas.

O que nos chama a atenção é a dialética do processo. A mesma *Big Tech* que promove a aproximação dos lugares e ciberlugares, promove tecnologias que capturam dados de seus usuários e os transformam em valor a partir de um processo contínuo de mercadificação. Diante de tal processo, a sociedade urbana (na atualidade mais real que virtual) assume de maneira cada vez mais proeminente a sua face *smart*. Na verdade, o termo discutido por Bria e Morozov (*ibidem*), como os próprios autores sugerem, está associado a construção de um modelo de vida cada vez mais fluido, sistematizado pela possibilidade infinita de acesso a um estilo de vida que acompanha a cotidianidade do *homo digitalis* e sua urbanidade, que, por sua vez, se apoia na funcionalização do cotidiano, que parece, aos olhos de muitos, estar cada vez mais vinculado à palma de sua mão.

De certo modo, o próprio *smartphone*, hoje um objeto tecnológico corriqueiro, se tornou um apêndice do corpo humano. Se outrora, como mencionava Marx (2022), o homem se tornava, no contexto fabril, um apêndice da máquina, na atualidade, a inteligência artificial está sendo amplificada para assumir diferentes tarefas humanas, inclusive no que tange à arte e à festa no sentido lefebvriano.

O *ChatGpt*, aplicativo que se populariza de forma veloz no mundo, ressignifica as formas de criação das obras humanas. A facilidade de acesso e

“produção de textos e pesquisas”⁷⁹, figuras e até mesmo a possibilidade de criação de fotos profissionais, oportunizam uma atmosfera, apoiada em hipertextos, cada vez mais distópica, que se apoia na utilização da tecnologia não para a produção de sociedades mais autônomas, mas ao contrário, de sociedades cada vez mais mediadas pelo controle, haja vista que a I.A. “aprende e se desenvolve” a partir de sua interação com os seres humanos⁸⁰.

Sobre o tema mencionado, cabe trazer à discussão os pressupostos teóricos defendidos por Yuval Noah Harari (2018), o qual aponta que um dos grandes desafios do nosso século será a supressão de empregos em virtude do desenvolvimento da Inteligência Artificial. O autor mencionado chega a afirmar que nas grandes cidades, a partir do que se apresenta como cenário futuro, teremos uma grande parcela de cidadãos irrelevantes para o sistema produtivo mundial. Pela concepção de Harari, até o emprego, sobretudo nas grandes cidades, será ainda mais *smart*, o que por sua vez reforça as diferentes distopias envoltas ao uso da tecnologia, como apresentado anteriormente na obra de William Gibson, *Neuromancer*. De certo, reforçamos que a despeito das distopias, nos cabe analisar as intencionalidades do projeto e sua materialização no espaço.

Desse modo, a pretensa liberdade, ratificada pelo uso do *ChatGpt* para a realização de diferentes tarefas do cotidiano, como escrever um e-mail, reforça contraditoriamente a perda de liberdade frente ao fortalecimento do controle e da captura indiscriminada de dados pessoais. Ratifica-se ainda que, para além da obtenção e comercialização de nossos dados, que ocorrem de forma arbitrária em relação ao uso de diferentes aplicativos, contribuimos ainda para o desenvolvimento de uma inteligência que, em muitos sentidos, promoverá uma significativa alteração em nosso modo de vida.

⁷⁹ As aspas se referem ao fato de, a partir do aplicativo mencionado, não se produzir de fato um texto ou pesquisa. Na verdade, ao formular um questionamento ao *app*, abre-se espaço para que a aplicação busque, em diferentes caminhos e meandros da rede, um compilado de informações que são organizadas a fim de criar a impressão de que a I.A. pode romper com as limitações humanas e criar em instantes um texto ou documento qualquer. De certo, o que ratificamos com a nota é o fortalecimento da cultura da imediatividade, que se funda em diferentes distopias associadas à capacidade quase transcendental de produção das I.As.

⁸⁰ A aprendizagem da máquina, ou *machine learning*, como é comumente chamada, consiste na promoção aprendizagem da máquina pela própria máquina. Tal estratégia é cunhada a partir da disponibilização de diferentes aplicações e aplicativos para serem utilizados e testados pelos seres humanos que, ao fazê-lo, contribuem de forma direta e indireta (até mesmo sem saberem), para o desenvolvimento e automação da Inteligência Artificial.

Como salientado anteriormente, a partir do que fora apreendido do trabalho de Lefebvre (2001), a conquista do direito à cidade e, em nossa tese a luta pelo direito à produção de um espaço cada vez mais hibridizado entre as fronteiras do real e do digital, pressupõe uma investigação de como as cidades podem absorver a tecnologia a partir da promoção da vida comunitária, tecendo importantes costuras com a prática da cidadania e do fortalecimento de uma utopia que, de certo modo, se projete sobre as distopias cotidianas.

Entretanto, mesmo diante dos dizeres anteriormente proferidos, a grande questão que se coloca, ainda com inspiração em Bria e Morozov (2019), é que a construção das ditas cidades inteligentes, ao contrário de promover o acesso ao comum, está associada a perpetuação das intencionalidades dos grandes incorporadores e agentes do capital, que por si só, reforçam a distopia de uma cidade que não promove o encontro que, por sua vez, dissimula o cenário e as representações contrárias a tal fato que se erguem e se reforçam cotidianamente. Dessa maneira,

[...] as *smart cities* são invariavelmente apresentadas como apogeu lógico da tecnologia das cidades – e da evolução guiada pela informação, cujo crescimento e ubiquidade são detidos apenas pelos limites de inventividade de cada civilização, e não por fatores externos políticos ou econômicos. (BRIA e MOROZOV, 2019, p.13).

É certo, como mencionado no segundo capítulo desta tese, que os fatores externos, sobretudo quando levamos em consideração grande parte dos países situados no sul global, são preponderantes na aquisição, desenvolvimento e difusão da tecnologia. Não se trata apenas de uma escolha adotar ou não o uso de aplicativos *smart*, mas sim de tecer uma discussão mais profunda sobre a negação de acessos que fazem parte do cotidiano do sistema capitalista. Assim, é urgente compreender que a adjetivação da cidade, quando se trata do conceito de cidades inteligentes, é mais uma faceta de toda a desigualdade social existente no planeta.

Ao exponenciar a mercadificação nos tecidos urbanos, a partir de suas engenhosidades, a cidade inteligente, associada ao uso de dinâmicas ciberespaciais, promove a abertura de possíveis futuros ligados a ampliação cada vez mais significativa de mercados e infraestruturas que hoje, a despeito dos arquitetos e seus desenhos urbanos, estão cada vez mais direcionadas nos códigos dos programadores

e desenvolvedores que atuam nas grandes empresas de tecnologia, que ao remodelar o ciberespaço, modelam a realidade. Vemos a amplificação da *matrix*, ou seja, a criação de simulacros que são cada vez mais reais e que, guardadas as devidas proporções de seu tempo, promovem uma certa cibercolonização.

De certo, ao pensarmos em tal possibilidade, consideramos que a grande máquina ciberespacial drena recursos infindáveis de vários locais do globo e que o valor da informação, para além de seu significado digital, possui um lastro material substancial. Assim, é importante considerar que o capitalismo, em sua gênese, continua muito parecido atualmente com os processos de despossessão e espoliação que faziam parte de sua estrutura nos séculos passados. Daí a nossa relutância em renunciar aos postulados teóricos de Karl Marx, que, mesmo guardadas as observações de sua época, desvelou a mística do capital em seu processo contínuo de reprodução. Dessa maneira, mesmo com toda a mutabilidade do sistema capitalista e sua relação contemporânea com as tecnologias digitais, suas bases continuam sólidas.

Assim, retomando em mais uma oportunidade o que fora apresentado por Carolina Batista Israel (2021), no livro intitulado *Redes Digitais – Espaços de Poder. Por uma Geografia da Internet*, é possível considerar que os serviços digitais que utilizamos no nosso cotidiano, aos quais consideramos gratuitos, passam por um forte processo de rastreabilidade, gerando diferentes pegadas digitais que, na atualidade, se tornam um sistema de vigilância e manutenção das bases do capital. Nesse sentido, é importante considerar que

Essa rastreabilidade consiste no registro digital de todas as atividades exercidas na Internet, compondo um grande banco de dados que dá origem a perfis de comportamento: pesquisas em buscadores, troca de mensagens instantâneas, troca de e-mails, trabalho, compras, acesso a contas bancárias, acesso a notícias, vídeos assistidos, músicas, etc. Tudo está registrado no navegador e nos próprios sites, os quais convertem estes dados em receita com o emprego de propagandas direcionadas. (Israel, 2021, p.295).

Ao analisar o dito por Israel (2021), a atualidade do capitalismo que se sustenta sobre a poética neoliberal da liberdade é, na realidade, um processo amplificado de vigilância que mercadifica até mesmo nossa pegada digital. Dessa

maneira, ainda referendados pela pesquisa construída pela teórica mencionada, cabe destacar que

O espaço digital, enquanto dimensão do espaço geográfico, é um espaço produzido e produtor de relações socioespaciais correlatas aos valores que carrega em si. É, portanto, *lôcus* de exercício das territorialidades que engendram verticalidades e horizontalidades no movimento para a redefinição de suas geometrias de poder. (Israel, 2021, p.300).

O ciberespaço, em toda a sua complexidade, apresenta-se como um importante veículo para a reprodução do sistema capitalista. Entretanto, enquanto uma geometria de poder, pode ser *hackeada* e transformada em uma importante ferramenta para a produção de um espaço mais justo e equitativo. Entretanto, compreendemos que tal reconstrução processual precisa estar amparada por ações que evidenciem uma transformação social que valide uma nova concepção de sociedade, pautada não mais na dominação, mas sim na associação.

Nesse sentido, Paulo Freire (2013), em seu inspirador e libertador livro intitulado *Pedagogia do Oprimido*, nos aponta que há uma dialeticidade inerente aos papéis nos quais oprimidos e opressores representam na sociedade. A partir de tal constatação, o autor mencionado nos faz um importante alerta, no qual se funda em que em muitas oportunidades, os oprimidos, em suas amarras reforçadas pela alienação em seu cotidiano, ao tentarem se libertar, se tornam opressores. Nesse sentido, diz-nos Paulo Freire que qualquer ato revolucionário se torna potente quando se insere em um contexto de ação, na qual os oprimidos, em meio a sua opressão, promovem o desvanecimento da condição que os assola. O termo desvanecimento, a partir do uso no qual o tomamos na tese, apresenta que tal condição é um processo que se encontra ligado a um forte caráter utópico⁸¹, que fornece as bases para uma mudança social que permita a promoção da dignidade humana em sua multiplicidade de formas.

Dessa maneira, compreendendo os dizeres de Freire (2013) em menção ao nosso objeto de estudo, cabe-nos compreender que a libertação das amarras, reais e virtuais, que amplificam a alienação dos oprimidos, ocorre a partir do cotidiano. De

⁸¹ É importante ratificar que ao elencarmos o processo enquanto um ato utópico, estamos mirando nosso olhar a um projeto de futuro, compreendendo que as bases de tal processo são lançadas sobre a materialização atual.

certo, tal cenário implica uma análise direta entre as urgências e utopias presentes no dia a dia. A utopia, no sentido de construção de uma sociedade outra, precisa levar em conta a construção de relações ciberespaciais que promovam a abertura ao possível e, concomitantemente, a negação do que está posto e é reproduzido na cotidianidade das relações que coadunam para a produção espacial.

4.

Do mito da cidade digital à promoção da cidade comunal: abertura, possibilidades e negação.

O conjunto de Mensagens e das representações que circulam em uma sociedade pode ser considerado como grande hipertexto móvel, labiríntico, com cem formatos, mil vias e canais. Os meandros da mesma cidade compartilham grande número de elementos e conexões da megarrede comum. Entretanto, cada um tem apenas uma visão pessoal dele, terrivelmente parcial, deformada por inúmeras traduções e interpretações. (LÉVY, 1995, p.185).

Ao longo de toda a tese, o exercício teórico e metodológico proferido conduziu-nos não apenas a pensar o atual a partir da relação existente entre o espaço e o ciberespaço, mas também os diferentes processos que a engendraram e, com isso, possibilitar a abertura de janelas para mirar o futuro e a necessidade de projeção de novas formas de interação social que, por sua vez, possam vir a inspirar distintos percursos para a produção do espaço.

Assim, ao considerar a possibilidade de tessitura de futuros outros, espera-se estabelecer reflexões a partir de práticas que reforcem a dignidade humana, ou seja, a promoção do acesso à uma vida que permita a aquisição de meios necessários à sobrevivência e ao desenvolvimento humano e a valorização do ser genérico frente à toda indignidade alimentada pelo desenvolvimento do sistema capitalista. Aqui, nos referimos à negação de direitos que são essenciais para a existência dos seres humanos. Assim, a hibridização do espaço, a partir das tensões existentes junto ao ciberespaço, pode, a partir de um olhar dialético, ser uma importante via (ou infovia) para o fomento da verdadeira democracia e a promoção da dignidade humana frente as mazelas cotidianas.

De certo, entre os diversos exercícios de reflexão e construção teórica que sustentam esta tese e, porque não, discussões que materializam, ao menos no campo

teórico, a relação entre espaço e o ciberespaço no real, compreendendo suas nuances a partir da virtualidade e atualidade é um desafio laborioso, sobretudo no que concerne ao estabelecimento de um olhar geográfico para tal fenômeno, já que no senso quase comum, a tecnologia seria por si só uma maneira de funcionalizar o espaço, seja ele urbano ou rural. Assim, ao apresentarmos a distopia envolta a tal constatação, abrimos caminho para dialogar com diferentes autores acerca do futuro que perpassa uma reapropriação da tecnologia a partir de iniciativas que valorizem o comum frente ao individualismo preconizado pelo neoliberalismo. Tal caminho possibilita a reflexão teórica e prática a partir de diferentes visões e percepções acerca da tecnologia e suas possibilidades, haja vista que o desenvolvimento tecnológico, em toda sua potência, deveria servir às necessidades e urgências da humanidade e não ao seu contrário; ou seja, a sociedade servir aos interesses das grandes empresas de tecnologia a partir de sua apropriação pelo capital.

Dessa maneira, ao pensarmos em projeções para futuros outros, nos inspiramos na possibilidade da construção de diálogos que desconstroem ou, ao menos, perturbem as distopias envoltas à tecnologia. O que se apreende de tal processo é que todo o “desenvolvimento tecnológico⁸²” responde à uma intencionalidade que, por sua vez, se ancora nas necessidades de potencialização do sistema capitalista a partir da valorização constante das relações de produção e reprodução do capital em um dinâmica cada vez mais veloz, ou como tratamos anteriormente, imediata. Diante de tal constatação e de outras construídas anteriormente no texto, há a real necessidade de investimento constante na conjectura de possibilidades que remontam a um certo tipo de *hackeamento* do sistema em prol da construção de novos usos da técnica e da tecnologia.

A esperança de todo o movimento desencadeado pela tese se funda então na promoção da utopia frente à distopia, ou seja, na construção de futuros possíveis a partir do real e, por que não, de sua interação com o virtual a partir da reconstrução do espaço dito digital compreendido por virtualidades díspares da atual. Assim, de certo modo, haveria espaços para outras projeções e, em consequência, distintas

⁸² Aqui nos prendemos à etimologia da palavra. Na verdade, o ato de desenvolver-se, está mais pautada no não envolvimento. No caso que se segue, o dito desenvolvimento tecnológico, em grande medida, responde não às necessidades da concreticidade da existência humana e sim, na reprodução constante do capital que, ao longo de sua história, busca deliberadamente sua valorização a despeito de qualquer benefício social.

materializações pautadas na valorização do humano em sua potência. Tal processo desencadearia, utopicamente, outras substruções, ou seja, variadas maneiras e intencionalidades que guiariam a produção do espaço a partir de uma lógica colaborativa, evidenciada pela associação dos seres humanos a partir de suas habilidades societárias.

Ora, não seria justamente esse o processo de virtualização? Um constante *devoir* em prol de um movimento teórico utópico? Dessa forma, em franco ato de virtualizar-se, o homem em sua condição de ser genérico pode projetar uma negação do que lhe é imposto cotidianamente, e mesmo como exercício mental, valorizar a prefiguração de diferentes processos e futuros que valorizem o político e a comunidade frente ao culto do individualismo.

A utopia, enquanto um movimento de superação do que está posto e válido enquanto inevitável, se encontra no espaço com diferentes urgências próprias da vida cotidiana. Assim, o processo utópico ao qual esta tese nos convida, se funda em uma construção de ações que visam um processo de transformação no uso da tecnologia. Dessa maneira, cabe-nos trazer em evidência o pensamento teórico do geógrafo português João Ferrão (2023, p. 37), que em seus postulados reunidos no texto *Animar localmente prefigurações de futuros desejados. Da inovação social à transformação societal*, aponta que

A urgência não adia a utopia, antes a convoca. E a utopia não ignora a urgência, antes a reforça a partir dela. Não pode, portanto, existir uma disjunção inultrapassável entre urgência e utopia, entre o tempo curto e fragmentado da primeira e o tempo longo e abrangente da segunda.

Fica claro, a partir do exame das palavras do autor mencionado, que as urgências do cotidiano, ao contrário de anularem o movimento e pensamento utópico, movem e geram um apelo significativo à utopia que, por sua vez, se apresenta como inevitável, haja vista a constatação de que vivemos uma vida fragmentada, guiada por interesses alheios aos nossos, mediada hoje por hipertextos que funcionam como um simulacro de desejos e da própria realidade.

Em sua construção teórica, validando ações e estratégias que conduzam à inovação social, o autor mencionado trabalha com duas visões distintas (normativa

e valorativa) que, juntas, amparam a construção de distintas formas de prefiguração social. Dessa maneira, cabe-nos destacar que

Por visões valorativas entendemos as que se regem explicitamente por valores e princípios, os quais permitem antever futuros desejados e orientar a construção coletiva de caminhos de mudança e transformação plurais, sem obedecer necessariamente a modelos pré-estabelecidos. É neste contexto que a ideia de prefiguração ganha particular significado: ativar, animar e acelerar iniciativas que prefiguram aspectos de futuros desejados são processos essenciais para a construção e concretização de mudanças sociais e transformações societais de acordo com valores e princípios explícitos e compartilhados. (Ferrão, 2023, p.45).

Nossa concordância com o autor não poderia ser maior. Por meio de diferentes usos da tecnologia é possível ativar, animar e acelerar diferentes iniciativas e movimentos que induzam processos que prefiguram outros futuros possíveis e novas formas de representação. A busca por novas formas de produção espacial e ciberdigital perpassam a construção de novas intencionalidades, estimuladas por valores colaborativos que animam futuros desejados a partir do fortalecimento de uma vida comunitária.

Diante dos desafios apresentados, muitos deles ancorados na natureza do próprio objeto de pesquisa que norteia todo o trabalho, tomamos a liberdade de manifestar ainda uma forte concordância com Ernesto Imbrosi (2022, p.36), que ao longo de sua pesquisa teórica aponta que “Todo objeto virtual é de difícil apreensão, pois situa-se em um campo obscuro, impreciso e confuso, onde o real não se encontra plenamente desenvolvido, materializado, preenchido, apossado pelas forças econômicas, sociais e políticas”. De certo, quando consideramos o objeto da pesquisa e através da tessitura de análises acerca da relação entre o espaço e o ciberespaço, chegamos à constatação de que tratamos de um processo em constante *devir* que, por sua vez, ao tencionar a projeção de aberturas de cenários diferentes dos atuais, traz consigo a urgência da modelagem de possibilidades de negação do que está posto.

Assim, para fundamentar a análise que se articula a partir do nosso objeto de pesquisa, sobretudo no que tange às diferentes possibilidades de produção do espaço em meio à sua relação direta com o espaço dito digital, será necessário a investigação de iniciativas e práticas que reforcem o uso da tecnologia para o fortalecimento da democracia.

Dessa maneira, mirando um futuro outro, se torna fundamental levarmos em consideração os postulados teóricos construídos por Mészáros (2021), que em seu trabalho intitulado *Para além do capital*, ratifica a urgência da luta contra a premissa estabelecida e difundida socialmente de que o sistema capitalista e sua reprodução são, de certa maneira, inevitáveis. Tal evidenciação, por si só, já se apresenta como uma distopia, já que as relações sociais que fundam e ratificam o capitalismo são construções sociais e, assim sendo, podem ser modificadas a partir da construção de novas formas de relacionamento social entre os indivíduos. De certo, tal constatação, é a maior das distopias apresentada pelo capitalismo em sua história, pois faz crer que é preciso, ao lutar por um futuro outro, descomprimir as indignidades do sistema sem, contudo, alterá-lo em sua gênese e dinâmica. Dessa maneira, animicamente, considera-se que a conquista de direitos, gradativa e vinculada às conceções do capital, seria o caminho para a promoção da dignidade humana, escamoteando a urgente necessidade de alteração radical do sistema.

Assim, levando em consideração a historicidade do processo de construção do capitalismo enquanto um sistema hegemônico, observa-se a abertura de janelas ancoradas em hipertextos que validam experiências de construções colaborativas, as quais coadunam para a tessitura de diferentes estratégias para a produção do espaço e, por consequência, um outro porvir.

Dessa forma, nos faz sentido atentarmo-nos ao sociometabolismo apresentado por Mészáros, ao defender que

Os indivíduos sociais, como produtores associados, somente poderão superar o capital e seu sistema de sociometabolismo desafiando radicalmente a divisão estrutural e hierárquica do trabalho e sua dependência ao capital em todas as suas determinações. Um novo sistema metabólico de controle social deve instaurar uma forma de sociabilidade humana autodeterminada, o que implica um rompimento integral com o sistema do capital, da produção de valores de troca e do mercado. (MÉSZÁROS, 2021, p.19).

Diante do apresentado, cabe a constatação de que prefiguração de novos contextos deve passar, necessariamente, por uma reconstrução sociometabólica da sociedade, que perpassa, a partir de nosso objeto, pela construção de uma nova atualidade, mediada por uma relação comunitária guiada pelo uso potencial da tecnologia, que diante de uma nova forma de apropriação do ciberespaço guie a

sociedade à sua potência real, ou seja, garantida pela associação dos sujeitos a partir de suas habilidades e não somente a partir de suas urgências individuais.

Ao constatar a necessidade de tessitura de novas sociabilidades frente às atuais, se torna potente a conjectura de diferentes mediações sociais que, por sua vez, possam partir de uma crítica social do atual *status quo* ratificado pelo capitalismo em sua cotidianidade. Tal crítica, calcada em outras experiências sociais, precisa ser um ato de rebeldia frente às mazelas produzidas a partir da (re)produção do capital e das necessidades de sua absorção de externalidades.

Diante do exposto e em consonância com que afirma Lefebvre (2019), em seu livro intitulado *A revolução urbana*, defendemos que a crítica mencionada deve vir, de fato, daqueles que sofrem toda a indignidade produzida frequentemente pelas necessidades do capital em sua vida cotidiana. Dessa forma, o espaço digital, a partir do uso e conquista democrática das redes sociais, poderia ser um espaço de luta política, guiado não apenas por identidades de projeto, mas também pela real necessidade de reconstrução da vida urbana e social, garantindo espaços de fala e desenvolvimento de um processo político que perpassasse a construção da verdadeira democracia. Iniciativas existem, porém, ainda desconexas e vinculadas às necessidades partidárias, que reforçam pontos de vistas individuais, o que contribui para o exercício da política enquanto caminho para o fortalecimento de diferentes *personas*, guiadas por representações de projeto e interesses cada vez mais particulares.

Nesse sentido, reforçando nosso ponto de vista e despersonalizando a figura dos partidos políticos e suas formas de representação enquanto agentes da superação do que funda as relações mediadas pelo capital e suas necessidades na atualidade, o autor mencionado defende, acerca do ponto de partida da crítica social, que

[...] muitos ainda a ignoram, não é aquela pronunciada por grupos, agremiações, partidos, aparelhos ou ideólogos classificados “à esquerda”. É aquela que tenta abrir a via do possível, explorar e balizar um terreno que não seja simplesmente aquele do “real”, do realizado, ocupado pelas forças econômicas, sociais e políticas existentes. É, portanto, uma crítica *u-tópica*, pois toma distância em relação ao “real”, sem, com isso, perdê-lo de vista. (Lefebvre, 2019, p.23).

Dessa maneira, ao mirar o real, sem desprezar sua relação constante com o virtual, entende-se que há diferentes estratégias que coadunam com infindáveis possibilidades de se produzir o espaço a partir do rompimento do mito da tecnologia enquanto a fonte determinante para a funcionalidade urbana, sobretudo quando consideramos que sua apropriação atual se dá, em grande medida, enquanto mais um instrumento do capital a partir de seus múltiplos processos de reprodução que, por sua vez, reforçam o ideário da dita cidade inteligente.

Diante de tal reflexão, se torna importante um diálogo com Certeau (1998), o qual aponta que é possível reinventar o cotidiano a partir da utilização de diferentes táticas (e diríamos técnicas), que mobilizam formas distintas de apropriação do fazer genuíno. O fazer, pela perspectiva mencionada pelo autor referendado, condiz com a produção humana em sua essência, que em uma análise utópica, coincide com a materialização de suas faculdades, competências e habilidades para além de qualquer apropriação realizada pelo capital.

A grande questão que se coloca e que, por sua vez, fundamenta uma importante crítica acerca do capitalismo, se estrutura a partir da apropriação do fazer humano para a constante valorização do capital. Assim, na atualidade, a tecnologia tende a potencializar as habilidades humanas não em prol da ressignificação deste enquanto um ser genérico, mas como um produtor de coisas e valores, as quais materializam diferentes formas de propriedade privada. O homem, em seu cotidiano digital e real, se tornou um fazedor de coisas a serem apropriadas a partir de necessidades criadas e projetadas através da manipulação de desejos e vontades dos próprios homens.

Considerando o ponto acima levantado, a tecnologia seria uma das grandes balizadoras atuais para a construção de desejos cada vez mais inatingíveis, já que tudo se compra e se vende de forma cada vez mais instantânea pelos meandros e conexões da rede. É importante ainda destacar que, a partir da rede e do espaço digital, há o consumo cada vez mais veloz dos desejos criados, amplificando a potência do mercado a partir de um prisma cada vez mais imediato e potente. Ratifica-se, dessa maneira, que se vende e se compra de tudo no ciberespaço, inclusive os signos do próprio espaço a partir da apropriação de distintos lugares, digitais e/ou reais. Curiosamente, na atualidade pode-se visitar e viver o espaço

mesmo sem estar presente fisicamente nele, o que gera uma nova configuração do ser, que, como dissemos anteriormente, vive diariamente na fronteira entre o espaço e o ciberespaço.

O capital absorve, projeta e manipula o ciberespaço a fim de garantir o acesso irrestrito à mercadificação, que se estende a todas as esferas da vida cotidiana. Contudo, ao passo que a perpetuação do grande mercado do capital se fortifica, ocorre também, de forma diametralmente oposta e dialética, o crescimento de rupturas que se formam através de janelas a partir do próprio ciberespaço.

Assim, para corroborar o dito anteriormente, em mais uma oportunidade nos cabe discutir as relações imbricadas entre o espaço e o ciberespaço a partir de um olhar guiado à reprodução de alternativas ao capitalismo em meio a uma miríade de processos atrelados à exacerbação do valor da informação como agente capilarizada de capital. Dessa forma, é determinante retomar o pensamento de Israel (2021, p. 290), ao sinalizar que “Tão logo o avanço da propriedade privada verticalizava a dimensão lógica do espaço digital, novas formas de horizontalidade se contrapunham como estratégias de resistência”. De certo, evocamos aqui em mais uma oportunidade a convergência, como nos apontava Santos (1996), de verticalidades e horizontalidades na produção do espaço. Porém, ao levar em conta o nosso objeto, elencamos tal convergência também na produção e reprodução do espaço digital em sua interação com o real, já que é inequívoco que, em nosso contexto, há uma lógica que perpassa as relações sociais construídas a partir de uma forte hibridização espacial.

A verticalidade, em nosso contexto, apresentada pelo massivo crescimento da rede a partir da captura indiscriminada de informações de seus usuários e da amplificação do mercado a partir de estratégias como as do *e-commerce*, bem como a produção de valor associada às grandes empresas de tecnologia, esbarra nas horizontalidades de movimentos de ruptura que utilizam a Internet como aporte para o sequestro de informações gerenciadas indiscriminadamente pelas *Big Techs* e para a descentralização das tomadas de decisão⁸³. Dessa maneira, observa-se a dialeticidade do processo no qual investigamos, afirmando de maneira decisiva a

⁸³ Como exemplo de ruptura temos o WikiLeaks, que foi um importante marco do jornalismo que permitiu um processo que descortinou a forma de atuação das Big Techs e governos a partir do sequestro de informação e a constante projeção de diferentes futuros.

tese aqui defendida que, em suas nuances, aponta para a relação atual entre espaço e ciberespaço, bem como a materialização cada vez mais constante de tal relação na produção do espaço dito real.

Diante do contexto apresentado, compreendendo a importância da ampliação das janelas de rupturas e alternativas para a tessitura de formas mais equitativas de produção espacial a partir da relação do espaço com o ciberespaço, é indispensável compreender os caminhos de superação que se apresentam, sobretudo no que tange à apropriação das arquiteturas do ciberespaço. Assim é importante, corroborando o viés apresentado, levar em consideração o que Carolina Batista Israel aponta em sua relevante construção teórica. A autora mencionada defende de forma crucial a necessidade de se

Retomar a direção da produção dessas arquiteturas lógicas, edificando em sua espacialidade valores que contemplem demandas como privacidade, acessibilidade e autonomia, significa buscar caminhos para um espaço digital mais horizontal. (Israel, 2021, p.301).

É crucial nos atentarmos à citação proferida por Carolina Batista Israel. A autora, ao evidenciar a necessidade de uma apropriação horizontal das arquiteturas do ciberespaço vai ao encontro do que propomos anteriormente, além de ratificar a urgência de pensarmos em apropriações ciberespaciais que possam negar a atual conjectura do capital, sobretudo aquela calcada na expropriação e manutenção do *status quo* do sistema capitalista. Dessa maneira, a julgar a importância do espaço digital na contemporaneidade, é necessário caminhar a partir do fortalecimento do comum não só no espaço dito real, mas também no ciberespaço. Assim, ao lutar pela evidenciação de um comum ciberespacial, se torna importante desenvolver um processo de hackeamento do sistema através da criação de insurgências a partir de suas próprias arquiteturas, que, por sua vez, remontem a uma nova utopia baseada na construção de um novo sistema de mundo.

Considerando o dito até então, se torna possível prefigurar futuros outros a partir de uma retomada processual da Internet, considerando até mesmo seu processo de construção histórica. Mesmo levando em consideração a distopia que se funda na construção social de uma inevitabilidade da expansão global do modo de produção capitalista, que durante as primeiras décadas do século XXI se

fortaleceu (e ainda se fortalece) a partir das ampliações de mercado digital, criação de infraestruturas urbanas de apoio ao ciberespaço e a criação de um modo de vida guiado por um forte processo de “instagramização”, é possível considerar que tais premissas abriram brechas para importantes questionamentos acerca da interação entre o espaço e o ciberespaço, sobretudo quando se considera os impactos que tal interação causa na atualidade e na cotidianidade de distintos sujeitos, que na atualidade vivem e se representam a partir de perfis ou avatares cada vez mais complexos e imediatos.

Assim, enquanto o ciberespaço se desenvolve, surgem de maneira cada vez mais presente, discussões e questionamentos acerca das diversas formas de violação de privacidade atreladas ao uso do espaço digital, o que abre oportunidades para a construção de um processo de reflexão acerca dos caminhos criados até então pelas grandes empresas de tecnologia. Muitos dos questionamentos mencionados estão vinculados à implementação de um estado constante de vigilância digital, que em sua atividade e desenvolvimento absorve dados pessoais, molda perfis e articula projetos de futuro a partir de interesses e intencionalidades cada vez mais pautadas em interesses comerciais e financeiros. Estes, por sua vez, são reforçados politicamente por uma estrutura de modelagem de opiniões, sensações e gostos cada vez mais complexa. Anteriormente fizemos menção ao papel de empresas como a *Cambridge Analytica*, responsável por criar notícias que reforçaram distopias, preconceitos e intolerâncias nos processos eleitorais envolvendo o *Brexit*, saída do Reino Unido da União Europeia, o processo eleitoral estadunidense que elegeu Donald Trump em 2016 e a eleição brasileira realizada no ano de 2018, que elegeu Jair Messias Bolsonaro.

Em diálogo com tal cenário, é de suma importância trazer à tona o pensamento de Julian Assange, um importante ativista ciberdigital, ao apontar as contradições acerca do uso indiscriminado da vigilância, que no livro *Cypherpunks: liberdade e o futuro da internet* aponta que

[...] A ideia não era que as pessoas deveriam simplesmente reclamar da intensificação da vigilância por parte do Estado e coisas assim, mas que nós podemos - na verdade, devemos -, construir as ferramentas de uma nova democracia. Podemos efetivamente criá-las com a nossa mente, distribuí-las aos outros e nos envolver na defesa coletiva. A tecnologia e a ciência não são neutras. Existem formas específicas de tecnologia que podem nos dar esses direitos e liberdades fundamentais que diversas pessoas passaram tanto tempo desejando. (Assange, 2013, p.125).

Ao considerar que a tecnologia e a ciência não são neutras, a proposta de Assange (2013) parte da lógica da prefiguração de novos usos da tecnologia a partir do fomento de arquiteturas sociodigitais calcadas em intencionalidades outras, ou seja, em processos que reforcem a potência libertadora latente na comunicação digital. De certo, ao analisarmos a citação de parte da obra do autor mencionado, é essencial levar em consideração a dialeticidade dos processos que nos engendram na atualidade, haja vista que o próprio ciberespaço carrega consigo estratégias do capital, mas de forma concomitante, uma potência crítica que precisa ser desvelada e reforçada em escaladas de pensamento e hipertextos sempre ascendentes e negativos⁸⁴.

Dardot e Laval (2017), ao discutirem o comum em sua potência transformadora da realidade social, apontam que a própria internet, em sua concepção ainda enquanto ARPANET, foi fruto de uma comunidade de pesquisadores que, por sua vez, determinavam a necessidade de descentralização da informação, que com a sua democratização promoveria o rompimento com atitudes e regimes autoritários espalhados pelo globo. Assim, a própria construção social da Internet e, por consequência, do próprio ciberespaço, não se deu apenas a partir dos interesses das grandes empresas de tecnologia e sistemas militares globais, mas também envolveu iniciativas de comunidades associativas, que, em seu fazer, contribuíram de forma a construir um sistema digital pautado no comum. É importante validar tal reflexão para além de todo o processo militar que engendrou a construção e a concepção da Internet, haja vista que a formação de comunidades colaborativas estava na gênese do desenvolvimento das infovias que concentram e dão acesso às informações no espaço digital.

Aqui, o senso de comunidade digital transcende ao ciberespaço e, de forma determinante, compõe uma narrativa pautada no uso e nas necessidades sociais de desenvolvimento de hipertextos e constructos mediados por sistemas democráticos de tomadas de decisão, validados pela concepção de grande parcela do espaço

⁸⁴ É importante ressaltar que a negatividade do processo se ampara justamente na não concordância da absorção do ciberespaço pelo capital, que, ao manipulá-lo e desenhá-lo a seu bel prazer, estabelece uma cultura de uso da informação mediada por necessidades construídas e projetadas pelo próprio sistema.

digital, o que comprova a dialeticidade do ciberespaço enquanto sistema de opressão e de libertação. Assim, como nos aponta Pogrebinski (2009), a comunidade é a expressão máxima da verdadeira democracia, mesmo quando a partir de tal construção teórica consideramos as comunidades digitais.

A partir das reflexões postuladas acima, nos cabe um questionamento de extrema relevância: será que podemos, na atualidade, contextualizar a existência de comunidades digitais e reais de forma dissociada? Em nosso ponto de vista, a imbricação entre o ciberespaço e espaço é tão potente que a comunidade se estende do real para o digital e vice-versa. Assim, levando em consideração os contornos sociais atuais, observa-se que estamos diante de um espaço híbrido, que apresenta a sua realidade tanto em espaços físicos, quanto em espaços digitais.

De certo, o real contemporâneo é absorvido tanto pelos fluxos quanto pelos fixos; e mais, tanto pela imediaticidade palpável quanto pela imediaticidade sensorial oriunda do ciberespaço, o que nos faz seres em constante travessia, ou seja, que vagam entre o real e o digital de forma constante. As representações destes seres em travessia, como nos apontava Lefebvre (1983), também foram hibridizadas, assim como as possibilidades de lutas sociais e conjecturas de futuros outros. Se estamos em travessia, é importante compreender que há a possibilidade de prefigurar, enquanto sociedade revolucionária, caminhos diferentes dos que trilhamos na atualidade.

A articulação de habilidades múltiplas na construção de uma associação de competências e em benefício do real desenvolvimento social é possível no ciberespaço e, de forma determinante, reverbera no espaço hibridizado. Como na matrix que Case performa em *Neuromancer* (1991), há rupturas que abrem caminho para o desenvolvimento de um viés de apropriação comunal da tecnologia, reforçada a partir de iniciativas de descentralização de tomada de decisões e a validação de um compromisso de usabilidade de dados calcada no fomento do desenvolvimento humano a partir de suas vocações e habilidades. Nesse caso, em específico, as diferenças seriam articuladas em prol do fortalecimento de uma associação por habilidades, que mira uma projeção de futuro prefigurada a partir de iniciativas populares e insurgentes.

Ressaltamos que, diante o contexto apresentado, há inúmeras iniciativas que proporcionam a efetivação de estratégias que fomentam novos caminhos para a produção do espaço. Dentre elas, destacam-se ao redor do mundo, sobretudo na Espanha, iniciativas calcadas na construção de bancos de tempo que, em sua concepção, criam uma forma de relacionamento social calcada na troca de serviços guiados por habilidades e não, necessariamente, pelo valor financeiro agregado ao serviço. De certo, tais iniciativas validam experiências do fazer-comum, ou seja, associações que se guiam por iniciativas de desenvolvimento comunitário a partir de competências e habilidades.

Ressalta-se, a partir da compreensão do que se construiu até aqui na tese, ainda consonância com Dardot e Laval (2017, p.154), que “O comum é um princípio filosófico que deve permitir que se conceba um futuro possível para além do neoliberalismo”. De certo, prefigurar novos usos para a tecnologia, bem como uma reconquista comunal do ciberespaço, perpassa um desvanecimento do neoliberalismo.

Nesse sentido, através das discussões acima proferidas, se torna importante considerar, a partir da reflexão proposta, que a validação do comum a partir do trabalho de comunidades virtualizadas perpassa não somente a rede internacional de computadores ou o espaço digital, mas traz como efetiva urgência uma cultura que preconize a existência real do ser genérico. Nesse sentido, é curioso pensar que

Como Patrice Flichy observa, com toda a razão, não foi a tecnologia que impôs o trabalho universitário em rede, mas, ao contrário, foi a decisão de trabalhar de forma cooperativa, mediante a troca de informações, que permitiu a descoberta não planejada de todas as potencialidades da rede. Esse modelo cooperativo, que atendia à necessidade dos criadores, informou as práticas e moldou as ferramentas que depois se disseminaram muito além dos círculos da pesquisa científica. (DARDOT e LAVAL, 2017, p.132).

Não poderíamos concordar de forma mais proeminente com a narrativa de Dardot e Laval. A criação da Internet se deu não como o objetivo fim da associação, mas como um produto do processo de construção coletiva. O objetivo da comunidade, que moldou uma nova maneira de ser e estar no mundo, foi fruto de uma colaboração que atendia não somente os interesses dos financiadores, mas, também, de seus membros e criadores.

Muitos usos da rede, guiados pela associação de habilidades múltiplas, precisam ser inspirados em processos, estratégias e táticas que potencializem uma transformação no cotidiano guiada por novas relações sociais. Dessa maneira, há a possibilidade da fuga do que Mészáros (2021) chamou de inevitabilidade do sistema capitalista, que ao longo dos séculos potencializou de forma concomitante a evolução gradativa da tecnologia e a exploração do trabalhador. Como exemplo de transformação ciberdigital, temos a cidade de Barcelona, como trataremos com mais propriedade adiante, que a partir de sua democratização ciberespacial é um dos grandes exemplos de reconstrução e reapropriação do espaço digital em prol da valorização da ciberdemocracia. Além dela, considera-se que demais estratégias, como planos alternativos de mobilidade urbana, colaboração a partir de dados abertos e iniciativas populares de encontro a partir de uma gestão descentralizada do tempo e espaço, podem abrir caminhos para um processo de revolução não só do uso dos dados, mas também na própria produção desse espaço cada vez mais hibridizado.

Nesse sentido, trazendo novamente à tona as contribuições de Imbriosi (2022), que aponta a revolução como um processo em perpétua realização, entendemos que a mudança do atual *status quo* capitalista parte de um processo de virtualização que compreende a projeção de uma nova substrução, ou seja, de uma cultura que inviabilize, ou melhor, que torne inevitável a continuidade do sistema capitalista.

Diante desse contexto, é de extrema relevância levar em consideração, como mencionado anteriormente, a validação do direito à cidade no sentido lefebvreano, mas também para além do espaço real, se tornando essencial a garantia do direito de participar da (re)construção do espaço digital. Assim, a partir do espelhamento existente entre o real e o digital, é fundamental estabelecer a conformidade da luta a partir do ativismo local e das insurgências do atual junto ao fortalecimento do ciberativismo. O direito ao espaço digital é permeado por premissas validadas em alguns aspectos importantes. Assim, é determinante pensar no processo de descentralização do acesso ao desenho de uma nova política de gestão de dados e da informação (i), na consolidação de práticas hipertextuais que validem experiências e narrativas colaborativas (ii) e, por fim, na formulação de iniciativas que validem a promoção do acesso à tecnologia para além do capital (iii), ou seja,

que promovam uma inclusão efetiva dos sujeitos ao ciberespaço em consonância com um projeto de sociedade que valide a ciberdemocratização.

De certo, como aponta Ernesto Imbrosi (*ibidem*), quando em seu trabalho de construção teórica analisa o processo revolucionário enquanto um projeto em constante *devir*, que pode ou não ser realizado em sua plenitude, ressaltamos que as estratégias e necessidades elencadas acima, enquanto virtualidades, podem não estar no plano real atual. Entretanto, é importante ressaltar que as iniciativas propostas se apresentam em nosso horizonte utópico como uma nova prefiguração social, que, ao considerar a relação entre espaço e ciberespaço, valida outras vivências e relações sociais que buscam invalidar a distopia criada acerca da inevitabilidade do sistema capitalista enquanto tal.

Assim, como exercício teórico, cabe-nos fazer uma relação direta das estratégias e necessidades apresentadas com os caminhos do possível, compreendendo que a expectativa que se articula nesta tese é pautada por um processo que também é guiado por uma reconquista utópica, que se projeta em novas circunstâncias que permeiam a produção do espaço. Dessa maneira, ao olhar para iniciativas que incorporam em certa medida as três premissas apresentadas, temos a possibilidade de conjecturar projeções guiadas a partir de novas virtualidades, que, por sua vez, são construídas através de intencionalidades que se guiam pelo fortalecimento da vida comunitária.

Bria e Morozov (2019), ao tecerem sua crítica radical acerca das cidades inteligentes (enquanto plano prático e teórico), apresentam diversas estratégias para a democratização das ditas *smart cities*. Uma das principais iniciativas pautadas, em que, inclusive, a autora do trabalho Francesca Bria participa, condiz com as experiências de ciberdemocracia vividas na cidade de Barcelona. A cidade, citada de forma contumaz no trabalho, viveu a efetivação de um plano de reformulação e ressignificação digital, trazendo como premissa basilar a democratização dos dados e até mesmo a utilização de plataformas digitais para o fortalecimento de um processo de gestão urbana que parte dos de baixo, validando dessa maneira iniciativas e propostas prefiguradas pelos reais usuários do espaço urbano.

Nesse contexto, surge a plataforma Decidim.Barcelona, que consiste em democratizar o acesso dos cidadãos ao planejamento urbano da cidade, ofertando a

estes a possibilidade de opinar, validar e invalidar os rumos e projetos prospectados para a cidade. Algo semelhante, ainda sem o uso profícuo da tecnologia, pode ser visto nas cidades de Belo Horizonte e Porto Alegre, no Brasil, a partir da política que desencadeou o Orçamento Participativo. Tal prática, que condiz com a participação popular no orçamento e direcionamento dos recursos públicos para a efetivação de requalificações do espaço urbano, é um exercício potencializado pela plataforma catalã, que ao amplificar a participação popular pela plataforma a partir da democratização do acesso e a oferta de espaço de tomada de decisão, gera um novo sentido de pertencimento social ao processo de validação do direito à cidade.

Inclusive, ao considerar o espaço criado pela plataforma mencionada e pelo plano de democratização do espaço digital, a cidade de Barcelona acena para o posicionamento de Dardot e Laval (2017), que apontam para necessidade de considerar que

O princípio do comum radicaliza a democracia ao instituir o autogoverno das pessoas, que, assim, realizam a própria libertação, seja da dominação explícita do Estado, seja da dominação abstrata do sistema econômico vigente (DARDOT e LAVAL, 2017, p.2).

Assim, ao tecer a abertura para um processo de participação e reconstrução social e urbana da cidade, há a oferta de ações e estratégias que compõem um projeto de reestabelecimento de novos usos para o espaço digital em sua ampla e clara relação com o real, colocando em evidência os processos que se relacionam entre o comum e sua relação direta junto ao processo de colaboração, que fortalece muitos movimentos contraculturais⁸⁵ que nascem no espaço urbano. Fortalecemos na tese a viabilidade das reflexões que ratificam a importância do comum frente ao público, tendo em vista que o Estado, na atualidade, serve em grande medida aos interesses do capital. Nesse sentido, retomamos o pensamento de Mészáros (2021), ao defender que para ele, enquanto teórico,

⁸⁵ É importante destacar que fazemos alusão, ao mencionar aqui a ruptura contracultural, à visão estabelecida acerca do espaço digital que reforça, de forma cotidiana, o ciberespaço apenas como uma cultura de significação da reprodução do capital a partir da valorização monetária da informação.

[...] o Estado moderno pertence à materialidade do sistema do capital, e corporifica a necessária dimensão coesiva de seu imperativo estrutural orientado para a expansão e para a extração do trabalho excedente. É isto que caracteriza todas as formas conhecidas do Estado que se articulam na estrutura da ordem sociometabólica do capital. (MÉSZÁROS 2021, p.121).

O Estado, enquanto ator do sistema público, tensiona as relações a partir do atendimento das necessidades do capital em diversas frentes e situações do cotidiano, seja na validação de áreas para a especulação imobiliária, ou na construção de políticas públicas que ratificam os laços entre grandes corporações e governos. É importante, como forma de ilustrar o cenário atual, nos atermos ao fato de que no ano de 2024 há um grande acordo entre o presidente eleito dos Estados Unidos, Donald Trump, que exercerá seu mandato a partir de 2025, e Elon Musk, proprietário da rede social X, que sucedeu o antigo Twitter. Diante de tal cenário, torna-se de extrema relevância nos atermos ao fato, já que anteriormente fizemos menção aos impactos do uso da tecnologia e plataformas digitais para o fomento de notícias falsas e manipulação da informação. A associação de governos e grandes plataformas ciberespaciais abre caminhos contrários aos processos que aqui foram discutidos, haja vista que os esforços que tais associações empreendem são dirigidos ao fomento de articulações em prol do capital.

Dessa maneira, diante do contexto apresentado, torna-se ainda mais importante a validação de estratégias e táticas para o desenvolvimento de soluções tecnológicas que valorizem o comum a partir do acesso cada vez mais descentralizado à informação. Assim, ainda em relação aos pressupostos elencados por Pierre Dardot e Christian Laval, sobretudo quando pensamos em escalas de ação para o uso da tecnologia a partir de uma concepção que valorize o comum, sobretudo enquanto uma forma de gestão e produção do espaço, é essencial levar em consideração que

A instituição do comum (*koinón*) é fruto de um “pôr em comum” que pressupõe sempre reciprocidade entre os que participam de uma atividade ou compartilham um modo de vida. O que vale para uma pequena comunidade de amigos que visam a um fim comum vale também, em outra escala, para cidade orientada para o “bem soberano”. (DARDOT e LAVAL, 2017, p.10).

Dessa maneira, a plataforma mencionada, que de certa maneira corresponde à associação realizada nos primórdios da criação da ARPANET, propõe a construção de uma gestão urbana mais aberta, participativa, descentralizada e colaborativa. Assim, a reconstrução urbana da cidade de Barcelona perpassa de forma preponderante a utilização de táticas e estratégias que utilizam o espaço digital a partir de outras narrativas que consolidam o viés identitário capitalista. De certo, ao fazer um contraponto à cidade inteligente, a busca é pela funcionalização do espaço para a promoção da dignidade humana, e não a produção do espaço para a perpetuação das relações sociais engendradas na atualidade.

The image shows the Decidim.Barcelona website interface for the 'Pla de Mobilitat Urbana 2025-2030' process. The header includes the logo 'DECIDIM.BARCELONA', a search bar, and user options like 'Català', 'Registra't', and 'Entra'. The navigation menu contains 'Inici', 'Processos participatius', 'Òrgans de participació', 'Iniciatives ciutadanes', and 'Ajuda'. The main banner features a night cityscape and the title 'Pla de Mobilitat Urbana 2025-2030' with the subtitle 'Per una mobilitat segura, saludable, sostenible i eficient'. A 'Debat' phase is highlighted with dates '18/03/2024 - 30/06/2024'. A sidebar menu lists 'EL PROCÉS', 'EIXOS I LÍNIES ESTRATÈGIQUES DEL PMU', 'TROBADES', and 'PROPOSTES'. A central text box explains that participatory processes are a series of delimited meetings to promote debate and contrast arguments between citizens and municipal officials. Below this, there are links to consult session documentation and proposals. At the bottom, a progress indicator shows 58 participants and a 'Seguir' button.

Figura 10 – Plano de Mobilidade Urbana 2025 – 2030 da cidade de Barcelona

Fonte: www.decidim.barcelona. Acesso em 08/05/2024.

Ratificando o que foi mencionado até então, a Figura 10, retirada da própria plataforma Decidim.Barcelona, apresenta os movimentos atrelados a construção do plano de mobilidade urbana da cidade catalã, bem como parte das propostas, eixos de desenvolvimento estratégico, assim como todo o processo até então construído

a partir das iniciativas populares e de entidades da sociedade civil organizada. É importante considerar que, para além de um repositório de iniciativas, propostas e projetos, a plataforma prevê a realização de debates acerca do objeto de estudo, incrementando a participação popular. Destaca-se que o plano de mobilidade urbana de Barcelona, objeto tratado na Figura 10, possui uma referência quinquenal, sendo uma proposta construída a várias mãos e a partir de diferentes iniciativas que convergem no ciberespaço para lançar luz sobre o espaço e sua produção.

Dessa maneira, torna-se de extrema relevância ressaltar ainda que a plataforma reúne, em sua estrutura, os órgãos, associações e conselhos urbanos para participarem de todo o processo decisório envolto no plano de mobilidade urbana da cidade, promovendo um espaço para que os cidadãos possam cadastrar suas iniciativas, ideias, propostas e prefigurações.

A criação de espaços digitais para o estabelecimento de processos de gestão ciberdemocrática é fundamental para a validação de iniciativas que fortaleçam a integração das lutas existentes no real, que, por sua vez, estão em constante travessia. Dessa maneira, a construção de sistemas e arquiteturas pautadas em novas linguagens, distintas das atuais, podem reprogramar as intencionalidades que animam a configuração de uma sociedade que perpassa uma produção do espaço guiada ao valor humano e não do capital.

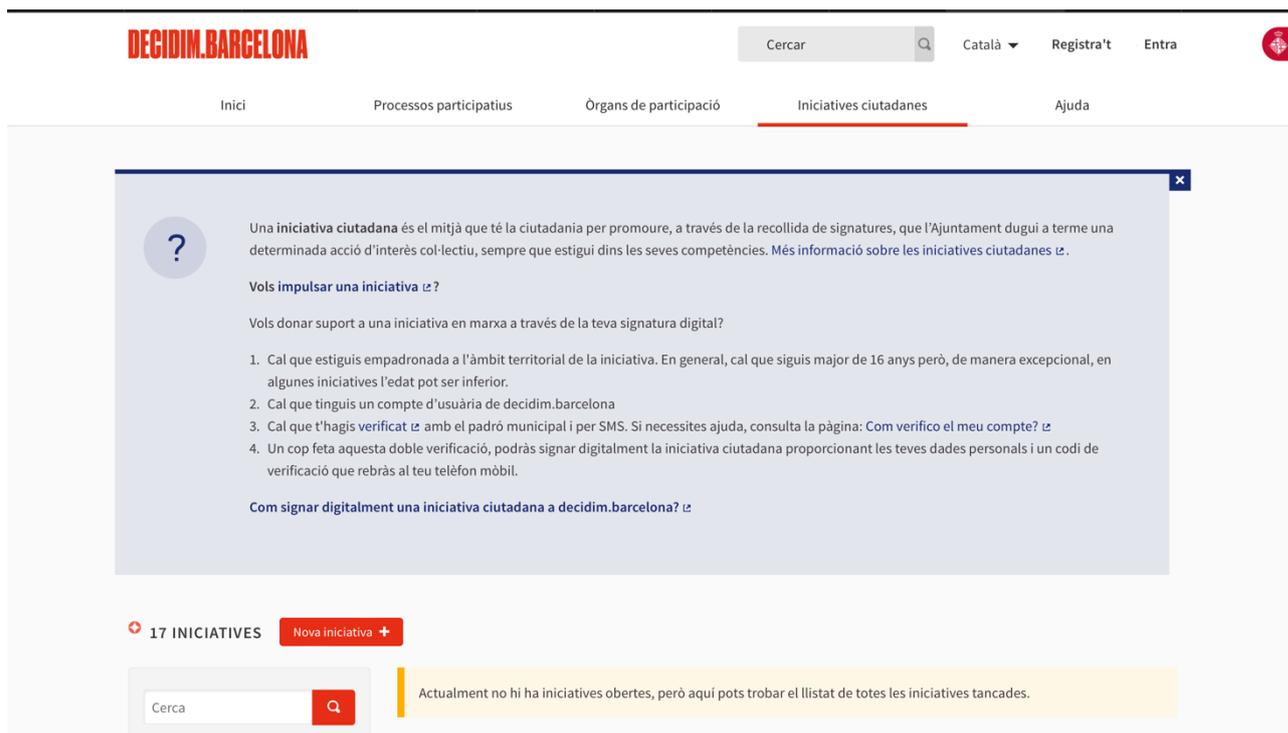


Figura 11 – Área de cadastro de iniciativas populares na Plataforma Decidim.Barcelona

Fonte: www.decidim.barcelona/iniciatives. Acesso em 08/05/2024.

Como a Figura 11 apresenta, há um importante espaço para a inserção de iniciativas populares na plataforma, que as reúne e as coloca em pauta para discussões populares. A partir de tal possibilidade, como se afirma no Plano Digital de Barcelona, há o fortalecimento da prefiguração social a partir do local, ou seja, o desenho de soluções que partem do próprio cotidiano dos sujeitos para o enfrentamento dos problemas do espaço no qual os sujeitos vivem. Ressalta-se que, como aponta Ferrão (2023), a inovação social é uma construção de base coletiva, reforçada pela junção de diferentes iniciativas populares que nascem justamente da falta de dignidade e da opressão aos quais os sujeitos estão expostos em seu cotidiano.

Para Bria e Morozov (2019),

A estratégia de Barcelona consiste em criar engajamento no ecossistema urbano por uma série de workshops de cocriação, em que será possível influenciar diretamente o planejamento da cidade e incentivar a inteligência coletiva dos cidadãos e o envolvimento de todos os agentes urbanos – e, assim, possibilitar a evolução de um processo realizado de cima para baixo para uma sistemática realizada de baixo para cima. (BRIA e MOROZOV, 2019, p.75).

O exemplo citado, que remonta à construção do Plano Digital de Barcelona, é um exemplo essencial para a reflexão sobre possíveis validações das estratégias mencionadas anteriormente. Ao consolidar a abertura da plataforma para a prospecção de análises de planejamentos que remontam à gestão da cidade, a iniciativa de construção da plataforma oportuniza a descentralização do acesso a desenhos de novas políticas de gestão de dados e de informação. Já quando estabelece a oportunidade de incremento de propostas de inovação social e/ou gestão pública descentralizada, cria espaço para a consolidação de práticas hipertextuais que validam experiências e narrativas colaborativas e, por consequência, promovem o acesso à tecnologia para além do capital, estabelecendo formas de inclusão de diferentes sujeitos ao espaço digital com vistas ao estabelecimento de uma cultura associativa e colaborativa.

Apoiados em todo o contexto apresentado, urge a relevância de se considerar a necessidade de ampliar a criação de redes sociais que conectem iniciativas de solidariedade e insurgência frente ao *status quo* vigente e defendido pelas gigantes da tecnologia. Assim, ao reforçar o caráter social da tecnologia, nos cabe abrir o caminho, como já mencionava Milton Santos (2000), no livro intitulado *Por uma outra globalização, do pensamento único à consciência universal*, ao mundo possível, ou seja, à uma faceta da globalização que privilegia o desenvolvimento humano frente à reprodução capital.

É necessário conectar iniciativas colaborativas e associativas a partir do fomento de uma tecnologia racional guiada para o fortalecimento da coletividade, estruturada por demandas locais que, por sua vez, se apresentem tanto como urgências quanto como utopias, mas que mirem para o futuro, tornando a cada dia, o impossível possível.

Diante de nossas discussões e construções teóricas, guiados pela necessidade de estabelecer ações e proposições de situações que reconectem os indivíduos com uma nova forma de socialidade, se torna essencial retomar os pressupostos defendidos por Imbroisi (2022), quando esse tece uma série de

estratégias para a resignificação social em direção à efetivação do direito à cidade⁸⁶. Dessa maneira, o autor referenciado apresenta que

Vislumbramos, para essas estratégias de ação, alguns movimentos que devem e necessitam integrar a luta parlamentar com a luta social pela emancipação: ações e movimentos que precisam i) imitar, negar e superar todas as formas de privatização, financeirização e mercadificação da natureza, do comum e do espaço; ii) criar, desenvolver e estruturar práticas mais participativas e autogestionárias que colaborem para a construção da verdadeira democracia e para a instituição do político; e iii) estimular, induzir e promover novas formas de apropriação, uso e produção do espaço que consigam incorporar toda a diversidade de formas de trabalho, de culturas, de relações com a natureza, de práticas e de usos para a plena constituição do espaço diferencial, edificando, com isso, as estruturas da sociedade urbana. (IMBROISI, 2022, p.213).

Em concordância com Imbroisi (2022), e em um profícuo diálogo com o nosso objeto teórico, é significativo compreender, como aponta Pogrebinschi (2009, p. 291), que

O homem genérico revelado como sujeito do político pode finalmente realizar a emancipação humana, vale dizer, a emancipação do gênero humano, que se expressa e se reflete na emancipação de cada um dos indivíduos singulares que o compõe. Emancipando-se a si mesmo, o homem genérico emancipa a humanidade.

Assim, a partir de novas usabilidades, o ciberespaço pode ser um dos caminhos atuais para a luta pela emancipação. De certo, é possível criar espaços de diálogo ciberdemocráticos, que, para além dos hipertextos, construam *links* de conexão em meio à desconexão global gerenciada, produzida e validada pelo sistema capitalista ao longo de séculos. Dessa forma, como inspiração de projeção de um futuro outro, retomamos a perspectiva de Julian Assange, que traz consigo uma proposta de ação frente aos novos usos da tecnologia, apontando que

Eu lancei a questão de como seria a trajetória mais positiva para o futuro. Autoconhecimento, diversidade e redes de autodeterminação. Uma população global bastante instruída - não me refiro à educação formal, mas a um alto grau de compreensão sobre o funcionamento da civilização humana nos níveis político, industrial, científico e

⁸⁶ Entendemos que as estratégias formuladas por Ernesto Imbroisi, mesmo objetivando a efetivação do direito à cidade, vão ao encontro também de um processo de construção de novas conexões sociais e ciberespaciais, que redirecionem o processo de materialização do ciberespaço no espaço. Assim, em nosso entendimento, é possível construir pontes e infovias calçadas em movimento que crie rupturas com as distopias envoltas no desenvolvimento tecnológico da atualidade.

psicológico -, decorrente do livre intercâmbio de informações, estimulando novas e vibrantes culturas e a máxima diversificação do pensamento individual, uma maior autodeterminação regional e a autodeterminação de grupos de interesse capazes de se organizar em redes e trocar valores rapidamente, cruzando fronteiras geográficas. (ASSANGE, 2013, p.129).

Podemos ir mais além e defender que a autogestão, a partir do uso de plataformas, redes sociais e distintos *hubs* tecnológicos, pode ser uma potente estratégia não só para o mapeamento de demandas sociais ou de criação de prefigurações e inovações sociais, mas também uma forma de reconquista da dignidade humana frente às distopias do cotidiano, formando assim uma nova *matrix*, descortinada pela clarividência desalienante. Como parábola, desejamos a pílula vermelha que Morpheus entrega a Neo no filme Matrix de 1999, que, ao nosso ver, descortinaria os processos distópicos que reafirmam a indignidade social.

5.

Conclusão: Do ser digital ao ser humano.

Materializar a relação entre espaço e ciberespaço, compreendendo suas nuances a partir da virtualidade é um exercício laborioso. Sobretudo no que concerne ao estabelecimento de um olhar geográfico para tal fenômeno. Dessa maneira, com inspiração em Imbroisi (2022, p.36), é importante destacar que “Todo objeto virtual é de difícil apreensão, pois situa-se em um campo obscuro, impreciso e confuso, onde o real não se encontra plenamente desenvolvido, materializado, preenchido, apossado pelas forças econômicas, sociais e políticas”. Em nosso caso, não foi diferente. Conduzir uma pesquisa que descortine um processo metabolizado constantemente a partir de distopias em prol do reforço constante de indignidades é desafiador, mas também reconfortante, já que o método analítico que norteia a pesquisa se guia, em grande medida, a partir da construção de rupturas com o *status quo* vigente, o que permite a projeção de novos futuros a partir da abertura de janelas de esperança.

O objeto analítico que norteou a tese, o ciberespaço e a promoção de tensões entre o atual e o virtual na produção distópica do espaço urbano contemporâneo, possibilita a abertura de caminhos teóricos para a elaboração de reflexões acerca dos processos envolvidos à produção do espaço na atualidade, sobretudo quando se considera a influência de intencionalidades e projetos de sociedade que se apresentam a partir do reforço da tecnologia enquanto uma balizadora do desenvolvimento humano. Assim, ao se considerar o cenário que se apresenta, tem-se como o principal objetivo da tese, a análise dos processos de produção “virtual”⁸⁷ do espaço urbano na atualidade a partir da relação existente entre ciberespaço e espaço e a promoção de distopias em diferentes contextos e situações cotidianas.

⁸⁷ Entendemos, como pôde ser observado nas páginas que norteiam esta pesquisa, que a cada dia se torna mais difícil considerar a separação estrutural entre o atual e virtual. Como demonstrado, há uma imbricação em curso entre o espaço e o ciberespaço que, por sua vez, tenciona as relações sociais e impactam diretamente a produção do espaço dito real.

Tanto o objeto analítico quanto o problema de pesquisa, suscitam profundas análises acerca das travessias e fronteiras existentes entre o real e o digital e, por consequência, permitem uma análise profícua entre as urgências e utopias que compreendem as diferentes necessidades humanas na atualidade, as quais, em muitas oportunidades, são desvaladas a partir de um processo de ruptura e negação das diferentes distopias que envolvem a relação entre espaço e ciberespaço. Assim, o referencial teórico construído permitiu a definição da tese que se apresenta nesta pesquisa: o ciberespaço, na contemporaneidade, vem influenciando de forma significativa na produção espacial, sobretudo no que condiz à uma produção distópica do espaço.

Assim, em meio à uma desconexão profunda com os processos que geram a indignidade humana, caminhamos a partir de janelas de esperança que sedimentam novas possibilidades de conectividade com iniciativas que reforcem o comum frente ao incomum, ou seja, a desalienação social em meio à fortificação do neoliberalismo e suas mazelas. Dessa maneira, para introduzir a narrativa que se fortalece ao longo de toda a tese, o primeiro capítulo, intitulado *O ciberespaço e a cidade: a produção distópica do espaço urbano*, teve como o objetivo a análise da relação existente entre o ciberespaço e a cidade na produção do espaço urbano. O capítulo, em um profundo diálogo com a hipótese que norteou toda a pesquisa, sustenta a investigação da integração atual entre espaço e ciberespaço, bem como as estratégias utilizadas pelas grandes *Big Techs*, que, ao ampliarem a produção virtual do espaço, abrem caminho para a potencialização dos processos de mercadificação.

Já no segundo capítulo, intitulado *Entre o atual e o virtual: a cotidianidade do homo digitalis, sua geograficidade e temporalidade*, discutimos a formação do dito “cidadão digital”, sua geograficidade e temporalidade. De certo, ao apresentarmos o capítulo, entendemos que a integração entre o espaço e o ciberespaço, mencionada e discutida no capítulo anterior, está acompanhada de uma ressignificação social que, na figura do *homo digitalis*, sustenta a dependência tecnológica da sociedade. Tal situação, que postula a formação de um novo sujeito, um transeunte que vive na fronteira entre o digital e o real, reforça a distópica inevitabilidade da tecnologia enquanto um viés de funcionalização da vida

individual que molda novas formas de representação social. Dessa forma, ao contextualizarmos as condicionantes que ratificam o sujeito neoliberal, questionamos a distopia que se funda em um pretense desenvolvimento humano, que, em grande medida, está amparado no reforço do capitalismo na extração contínua da força vital da sociedade em prol da (re)produção do capital.

Entre os meandros e conexões apresentados por entre os caminhos que nortearam a construção da pesquisa, chegamos ao capítulo três, *O homo digitalis caminhar em cidades inteligentes? Quando a distopia se faz presente*, no qual é forjada a análise das materializações de diferentes formas de tecnologia nas cidades, sobretudo ao que tange a elaboração, planejamento e concepção das “cidades inteligentes”⁸⁸. Estas, por sua vez, passam por um forte processo de adjetivação, o qual se ampara na promoção constante de um cenário baseado em um conjunto de soluções tecnológicas urbanas que visam a funcionalização do espaço urbano. Entretanto, como pode ser compreendido a partir das discussões realizadas, as estratégias envolvidas às cidades inteligentes, reforçam, na verdade, a produção do capital e sua reprodução a partir da abertura de infovias importantes em meio às vias do espaço.

Nesse sentido, a informatização do espaço serve a intencionalidades que promovem o valor da informação a partir de uma apropriação constante de capital, conjecturada em meio a um cenário de exploração em constante expansão. Assim, ao considerar os processos que engendram a Matrix⁸⁹ ciberespacial, se torna urgente criar estratégias de ruptura e prefiguração de outras projeções em meio às materializações atuais e subtrações construídas.

Tal caminho, trilhado ou navegado entre o digital e o real, nos conduz à abertura de janelas que miram a esperança em meio à desesperança. Para tanto, como exercício teórico e utópico, o quarto capítulo da tese, *Do mito da cidade digital à promoção da cidade comunal: abertura, possibilidades e negação*,

⁸⁸ Ao longo da tese realizamos uma crítica à adjetivação da cidade a partir do prisma e rótulo de cidades inteligentes. Na realidade, acreditamos que o atual uso da tecnologia urbana, dissimula toda a materialização de estruturas espaciais (*data centers*, galpões de logísticas de *e-commerce*, etc.) que influem diretamente na produção espacial, ampliando as contradições sociais frente às necessidades de reprodução de capital.

⁸⁹ Fazemos aqui uma alusão direta à produção cinematográfica *Matrix* (1999), a qual se ampara na lógica em que vivemos em um simulacro alimentado por distopias computacionais.

promove perspectivas futuras que visam outras “soluções inteligentes”⁹⁰ para o urbano, haja vista a abertura da cidade à uma vida comunal, além da tessitura de novas relações sociais pautadas no fortalecimento da dignidade humana frente a toda indignidade prospectada e reforçada pelo capital em seu processo de expansão.

A projeção de um ser em travessia, vivendo no limite e no limiar entre espaço e ciberespaço, se ancora em um espaço também multifacetado, um híbrido ciberespacial e espacial que, em sua dinâmica cada vez mais hipertextual, valida rótulos que se apresentam enquanto verdadeiras distopias. Talvez uma das principais se funda na popularização da tecnologia enquanto uma solução, por si só, de todas as mazelas do capitalismo. De certo, quando se analisa a adjetivação do urbano a partir de termos como cidades inteligentes, como mencionado anteriormente, se percebe a construção de um processo que permite a crença em um viés funcional que, na realidade, não existe.

Tais rótulos, quando projetados em meio a urgências e vulnerabilidades cotidianas, escondem ou escamoteiam, o poder da utopia que, em sua razão de ser, abre janelas e portas para a prefiguração de inovações sociais que operam novos usos ou, por que não, formas de *hackear* o sistema capitalista a partir da validação de plataformas, propostas e ferramentas tecnológicas que promovam o comum e a autogestão frente ao individualismo e isolamento.

Por fim, a construção de um futuro outro ou de uma nova razão de mundo perpassa a reconstrução dos laços sociais, que, por sua vez, fortaleçam a conexão com a dignidade humana e com a valorização do ser em sua potência, ou seja, através da associação de habilidades múltiplas que, em colaboração, potencializem um espaço justo, equitativo e esperançoso.

⁹⁰ A adjetivação aqui proposta, de forma provocativa, evoca a utopia frente à distopia, ou seja, a criação de janelas de esperança que fortaleçam a criação de um hackeamento do sistema atual, estabelecendo dessa feita a virtualização de novas narrativas que se amparem no desenvolvimento de um processo no qual a tecnologia reforce a associação de habilidades múltiplas em prol da ressignificação do atual.

6.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Obra poética**, volumes 4 - 6. Lisboa: Publicações Europa-América, 1989.

ASSANGE, Julian. **Cyberpunks: liberdade e o futuro da internet**. São Paulo: Boitempo, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

BRIA, Francesca; MOROZOV, Evgeny. **A cidade inteligente: Tecnologias urbanas e democracia**. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

CERTAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

CANCLINI, Néstor García. **Cidadãos substituídos por Algoritmos**. São Paulo: edUSP, 2021.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**. Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz & Terra, 21ª ed, 2020.

CASTELLS, Manuel. **Fim do milênio**. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz & Terra, 7ª Ed, 2020.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz & Terra, 9ª Ed, 2018.

CRARY, Jonathan. **24/07: Capitalismo Tardio e os Fins do Sono**. Editora: Verso, 206.

D'ANCONA, Matthew. **Pós-Verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news**. São Paulo: Faro Editorial, 2018.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: Ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **Comum: ensaio sobre a revolução no século XXI**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017.

DIAS, Leila Christina. Redes: emergência e organização. In: CASTRO, I.E, GOMES, P.C da C. e CORRÊA, R.L (Org). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

DODGE, Martin; KITCHIN, Rob. **Mapping cyberspace**. London and New York: Routledge, 2001.

DON'T Panic – The Truth about Population. Direção de David Coleman, Daniel Bogado e Ashok Prasad. Mundial: Curiosity Stream, 2013.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FAUSTINO, Deivison; LIPPOLD, Walter. **Colonialismo digital**. Por uma crítica hacker-fanoniana. São Paulo: Boitempo, 2023.

FERRÃO, João. Animar localmente prefigurações de futuros desejados. Da inovação social à transformação societal. IN: FERREIRA, A. RUA, J. LENCIONE, S (Org). **Entre urgências e utopias. Múltiplas escalas de ação**. Rio de Janeiro: Consequência, 2023.

FERREIRA, Alvaro. **A cidade que queremos**. A produção do espaço e democracia. Rio de Janeiro: Consequência, 2021.

FERREIRA, Alvaro. **A emergência do teletrabalho e as novas territorialidades na cidade do Rio de Janeiro**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2003.

FERREIRA, Alvaro. Materialização, substrução e projeção: uma construção teórico-metodológico como contribuição para o desvelar da produção do espaço. In. **Ateliê Geográfico**, v.13, n.1, 2019.

FERREIRA, Alvaro. Pela construção da verdadeira democracia: entre conselhos populares e ciberdemocracia. In. XV Coloquio Internacional de Geográfica. **Las ciencias sociales y la edificación de una sociedad post-capitalista**, 7 - 12, 2018.

FIX, Mariana de Azevedo Barreto. **Financeirização e transformações recentes no circuito imobiliário no Brasil**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GIBSON, William. **Neuromancer**. São Paulo: Editora Aleph, 1991.

HAESBAERT, Rogério. **O Mito da Desterritorialização**. Do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HARARI, Yuval Noah. **21 lições para o século 21**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

HARARI, Yuval Noah. **Homo Deus**. Uma breve história do amanhã. São Paulo: Companhia das Letras, 20ª Reimpressão, 2020.

HARVEY, David. A Liberdade da Cidade. **Geosp – Espaço e Tempo**, São Paulo, SP, N° 26, 09-17, 2009.

HARVEY, David. **A loucura da razão econômica**. Marx e o capital no século XXI. São Paulo: Boitempo, 2ª Reimpressão, 2020.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

HARVEY, David. **Espaços de esperança**. São Paulo: Loyola, 2004.

HARVEY, David. O espaço como palavra-chave. **GEOgraphia**, 14(28), 2013.

IMBROISI, Ernesto Gomes. **Caminhos geográficos para a revolução: emancipação do espaço**. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio. Rio de Janeiro, 2022.

ISRAEL, Carolina Batista. **Redes digitais - espaços de poder**. Por uma Geografia da Internet. Rio de Janeiro: Consequência, 2021.

KIM, Joon Ho. Cibernética, ciborgues e ciberespaço: notas sobre as origens da cibernética e sua reinvenção cultural. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, v.10, n.21, p. 199-219, jun. 2004.

- LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.
- LEFEBVRE, Henri. **A Revolução urbana**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019.
- LEFEBVRE, Henri. **La presencia y la ausencia**. Contribución a la teoría de las representaciones. México: Fondo de Cultura Económica, 1983.
- LEFEBVRE, Henri. **La producción del espacio**. Madrid: Capitán Swing, 2013.
- LEFEBVRE, HENRI. **Lógica formal, lógica dialética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Edições Loyola, 10ª Edição, 2015.
- LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**. O futuro do pensamento na era da informática. São Paulo. Editora, 34, 2ª Reimpressão, 1995.
- LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 2ª Reimpressão, 2017.
- LIMA, Elias Lopes de. **Encruzilhadas geográficas**. Notas sobre a compreensão do sujeito na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Consequência, 2014.
- LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social I**. São Paulo: Boitempo, 2ª Edição, 2018.
- MARICATO, Ermínia. As ideias fora do lugar e o lugar fora das ideias. In: *A cidade do pensamento único: desmanchando consensos*. 8ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2013. P. 121-192.
- MARX, Karl. **Gundrisse: Manuscritos econômicos de 1857-1850: esboços da crítica da economia política**. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MARX, Karl. **O capital**. Crítica da economia política. São Paulo: Boitempo, 5ª Reimpressão, 2022.
- MASSEY, Doreen. O sentido global do lugar. In: *O espaço da diferença*. Campinas: Papyrus, 2000. P. 176 – 185.
- MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MÉSZÁROS, István. **A teoria da alienação em Marx**. São Paulo: Boitempo, 2016.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2021.

POGREBINSCHI, Thamy. **O enigma do político: Marx contra a política moderna**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2009.

PRIVACIDADE Hackeada. Direção de Jehane Noujaim e Karim Amer. Estados Unidos: Netflix; The Othrs; Noujaim Filmes, 2019.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. Do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.

TUNES, Regina. **Geografia da inovação: território e inovação no Brasil no século XXI**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2020.

THE Matrix. Direção de Lana Wachowski e Lilly Wachowisk. Austrália; Estados Unidos: Village Roadshow Pictures; Silver Pictures, 1999.

VANEIGEM, Raoul. **A arte de viver para as novas gerações**. São Paulo: Veneta, 2016.

VEJA CANTOR, Renán. La expropiación del tiempo en el capitalismo actual. **Revista Herramienta n° 57**, Primavera de 2015 - Año XIX.

Referências ciberespaciais:

<https://www.ibge.gov.br>

<https://www.earth2.io>

<https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/apple-divulga-data-delancamento-dos-olhos-vision-pro-nos-eua-veja/>

<https://uds.com.br/blog/o-que-e-vision-pro/>

<https://www.amazon.com.br/Neuromancer-William-Gibson/dp/8576573008>

<https://wiser.my/apple-vision-pro-cip-m2-paparan-23-juta-piksel-dengan-harga-rm16000>

<https://www.decidim.barcelona>